

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Carolina Souza Fernandes

Chão de terreiro: proposta de um espaço cultural e sagrado de
religiões de matriz afro-indígenas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Carolina Souza Fernandes

Título do trabalho: Chão de terreiro: proposta de um espaço cultural e sagrado de religiões de matriz afro-indígenas

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Souza Fernandes, Discente**, em 11/12/2025, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Amelia De Paula Moura Ribeiro, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 07:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5854178** e o código CRC **4013E3C0**.

Referência: Processo nº 23070.064198/2025-98

SEI nº 5854178

Carolina Souza Fernandes

Chão de terreiro: proposta de um espaço cultural e sagrado de
religiões de matriz afro-indígenas

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel(a) em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador (a): Prof.(a) Dr.(a) Ana Amélia De Paula Moura Ribeiro

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Souza Fernandes, Carolina

Chão de terreiro: proposta de um espaço cultural e sagrado de religiões de matriz afro-indígenas [manuscrito] / Carolina Souza Fernandes. - 2025.

CLI, 151 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Arquitetura e Urbanismo, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, tabelas.

1. Arquitetura. 2. Terreiro. 3. Matriz Afro-Indígena. 4. Ancestralidade. 5. Desmarginalização. I. de Paula Moura Ribeiro, Ana Amélia, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Chão de terreiro: proposta de um espaço cultural e sagrado de religiões de matriz afro-indígenas”, de autoria de Carolina Souza Fernandes, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro - orientadora (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.^a Dr.^a Adriana Mara Vaz de Oliveira (FAV/UFG); Prof. Dr. Bráulio Romeiro (FAV/UFG); e Arq.^a Nicole Ambrogi Seivalos - membra externa. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 8,0 , tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Amélia De Paula Moura Ribeiro**, Professora do **Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 07:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira**, Professor do **Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 07:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Braulio Romeiro**, Professor do **Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 09:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **NICOLE AMBROGI SEIVALOS**, **Usuário Externo**, em 16/12/2025, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5854198** e o código CRC **62552CAB**.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo explorar e entender as dinâmicas das religiões de matriz afro-indígenas brasileiras, em especial a Jurema Sagrada, o Candomblé e a Umbanda, e como estas se relacionam com os seus espaços de culto, conhecidos como terreiros. Como método de pesquisa, foram utilizados artigos, livros e teses sobre o tema, e por se tratar de um tema que se apoia na tradição oral, foram realizadas pesquisas in loco em dois terreiros, um localizado em Brasília, outro em Águas Lindas de Goiás. Além do material teórico, ao fim do documento houve a elaboração de uma proposta de intervenção em um terreno localizado na zona central de Brasília, espaço que contempla os espaços sagrados e a diretriz de um espaço cultural. Se tratando do referencial teórico, os principais autores que embasaram a pesquisa foram João Batista Figueredo de Oliveira (2021), Luiz Antônio Simas (2024) e a RUA - Revista de Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (2003).

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura; Terreiro; Matriz Afro-Indígena; Ancestralidade; Desmarginalização.

ABSTRACT: This academic work aims to explore and understand the dynamics of Brazilian Afro-indigenous religions, especially Jurema Sagrada, Candomblé and Umbanda, and how these relate to their spaces of worship, known as “terreiros” (religious centers). As a research method, articles, books, and theses on the subject were used, and because it is a topic based on oral tradition, on-site research was conducted in two terreiros research in two territories, one located in Brasília, the other in Águas Lindas de Goiás. In addition to the theoretical material, the document concludes with a proposal for intervention in a plot of land located in the central area of Brasília, a space that encompasses sacred spaces and the guidelines of a cultural space. Regarding the theoretical framework, the main authors who supported the research were João Batista Figueredo de Oliveira (2021), Luiz Antônio Simas (2024) and RUA - Revista de Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (2003).

KEYWORDS: Architecture; Terreiro; Afro-Indigenous Matrix; Ancestry; Demarginalization.



CHÃO DE TERREIRO:
PROPOSTA DE UM
ESPAÇO CULTURAL E
SAGRADO DE
RELIGIÕES DE MATRIZ
AFRO-INDÍGENAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

CHÃO DE TERREIRO: PROPOSTA DE UM ESPAÇO CULTURAL E SAGRADO DE RELIGIÕES DE
MATRIZ AFRO-INDÍGENAS

Carolina Souza Fernandes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Arquitetura e Urbanismo, da
Faculdade de Artes Visuais, da Universidade
Federal de Goiás (UFG), como requisito para
obtenção do título de bacharel em Arquitetura
e Urbanismo.

Goiânia

2025

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

[Professora Dra. Ana Amélia de Paula Moura
Ribeiro]

[Universidade Federal de Goiás]

Membro da banca (1)

[Professora Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira]

[Universidade Federal de Goiás]

Membro da banca (2)

[Professor Me. Bráulio Romeiro]

[Universidade Federal de Goiás]

Membro da banca (3)

[Arquiteta Nicole Ambrogi Seivalos Ifabunmi]

[Membro externo]

DEDICATÓRIA

Aos meus ancestrais.

AGRADECIMENTOS

À Exu por ter me da caminho e me mantido de pé.

Às minhas grandes mãe, Oxum e Iemanjá, por todo o amparo, acalento e amor.

À Navalha e Mulambo, por me fortalecerem, por permitirem ser possível e não me deixarem esquecer de quem eu sou.

Ao seu Zé, por me apadrinhar, por todo esclarecimento, bênçãos e permissão para adentrar o mundo sagrado da Jurema.

À toda minha ancestralidade e minha família espiritual, por toda proteção, por toda luta que possibilitou minha existência e fez com que, hoje, eu pudesse realizar este trabalho. Agradeço por não me permitirem desistir.

Ao meu companheiro Walter, por ter estado aqui durante toda a minha trajetória na graduação, desde a minha aprovação até a finalização, por todo o companheirismo, paciência, presença e encorajamento.

À minha família por todo o apoio, por crerem no meu sonho, por toda ajuda em meio a tantas mudanças, viagens e dificuldades durante o caminho.

Aos meus professores da graduação e do ensino regular, por terem me impulsionado e me mostrado a importância da educação.

Aos zeladores de santo Shirlei e Eliel por cederem a entrevista, transmitirem tanto conhecimento toda a ajuda durante a idealização e realização do trabalho.

À Ana Amélia por todas as orientações, correções e ensinamentos antes e durante o trabalho.

À Adriana, Bráulio e Nicole, por aceitarem compor a banca deste trabalho e por todas as colaborações.

À Carolina criança, por todos os sonhos, ambição, perseverança e confiança em mim, que hoje posso realizar um dos nossos maiores sonhos, que é concluir a graduação em Arquitetura. O caminho não foi fácil, mas nós conseguimos.

POEMA OFÓ

Falo sobre minha presença aqui, no aiyè

Abra meu caminho

Laroyê!

O conselho das mais velhas

Atravesso o rio da vida

E se Oxum me permite

Quem se atreve a não me autorizar?

Yeye Omo Eja!

Toma conta de mim

Toma conta das suas filhas

Me ampara em desespero

E me energiza em alegria

É uma tempestade

Um rompante de búfalos

Que amassa a terra onde cheguei

Que pisa as minhas dores

E depois de leve me deixa voar

Como uma borboleta

Me corte

E deixei jorrar tudo que não preciso carregar

Meu pai, você sabe

Se em meu passado eu fui rainha,

Eu fui rei,

Eu fui guerreira,

Sim, Oyó me pertence

E sim

À sociedade Elekô eu pertenço também

Sim, isso aqui me pertence

A kalunga grande não me matou

O banzo não me apagou

Nosso Obi Alafiou

Já sei quem é você, opressor

E aviso: vou querer tudo o que é meu

Axé!

Irma Ferreira

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar e entender as dinâmicas das religiões de matriz afro-indígenas brasileiras, em especial a Jurema Sagrada, o Candomblé e a Umbanda, e como estas se relacionam com os seus espaços de culto, conhecidos como terreiros. Como método de pesquisa, foram utilizados artigos, livros e teses sobre o tema, e por se tratar de um tema que se apoia na tradição oral, foram realizadas pesquisas in loco em dois terreiros, um localizado em Brasília, outro em Águas Lindas de Goiás. Além do material teórico, ao fim do documento houve a elaboração de uma proposta de intervenção em um terreno localizado na zona central de Brasília, espaço que contempla os espaços sagrados e a diretriz de um espaço cultural. Se tratando do referencial teórico, os principais autores que embasaram a pesquisa foram João Batista Figueredo de Oliveira (2021), Luiz Antônio Simas (2024) e a RUA - Revista de Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (2003).

Palavras-chave: Arquitetura; Terreiro; Matriz Afro-Indígena; Ancestralidade; Desmarginalização.

ABSTRACT

This academic work aims to explore and understand the dynamics of Brazilian Afro-indigenous religions, especially Jurema Sagrada, Candomblé and Umbanda, and how these relate to their spaces of worship, known as “terreiros” (religious centers). As a research method, articles, books, and theses on the subject were used, and because it is a topic based on oral tradition, on-site research was conducted in two terreiros research in two territories, one located in Brasília, the other in Águas Lindas de Goiás. In addition to the theoretical material, the document concludes with a proposal for intervention in a plot of land located in the central area of Brasília, a space that encompasses sacred spaces and the guidelines of a cultural space. Regarding the theoretical framework, the main authors who supported the research were João Batista Figueredo de Oliveira (2021), Luiz Antônio Simas (2024) and RUA - Revista de Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (2003).

Keywords: Architecture; Terreiro; Afro-Indigenous Matrix; Ancestry; Demarginalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS RELIGIÕES
ABORDADAS 16

18 1.1 JUREMA SAGRADA

20 1.2 CANDOMBLÊ

24 1.3 UMBANDA

30 1.4 COLONIZAÇÃO, DITADURA, SINCRETISMO E ATUALIDADE

2. ARQUITETURA DE TERREIROS 32

34 2.2 TERREIROS TOMBADOS

40 2.2 CASA DE AXÉ DO MESTRE ZÉ PILINTRA

48 2.3 ILÊ OBÁ ASÉ EGBÊ ALÁFÍN OYÓ

3. ESTUDOS 60

62 3.1 BRASÍLIA

64 3.2 O MEU LUGAR

68 3.3 ESTUDOS DE CASO

70 3.3.1 MESQUITA ZEBUN NESSA

74 3.3.2 PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA

4. PROPOSTA 78

84 4.1 ENTRADAS, ESPAÇOS EXTERNOS E CAMINHOS: PORTAL

90 4.2 ENTRADAS, ESPAÇOS EXTERNOS E CAMINHOS: ESPAÇO CULTURAL
(DIRETRIZ)

94 4.3 ENTRADAS, ESPAÇOS EXTERNOS E CAMINHOS: ESPAÇOS EXTERNOS E
CASA SACERDOTAL

104 4.4 OS TERREIROS: ESPAÇOS SAGRADOS

112 4.4.1 SALÕES: ÁGUAS DE YABÁS E CASA DE MARIA NAVALHA

122 4.4.2 EDIFÍCIO FUNCIONAL

132 ESPAÇOS EXTERNOS: TERREIROS E CASAS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 148

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 150

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objeto de pesquisa os terreiros de religiões ancestrais de matriz indígena e/ou africana. Ao consultar o significado da palavra “terreiro”, algumas explicações encontradas são: 1. Espaço de terra amplo, plano e despejado; 2. Praça ou largo dentro de povoação; 3. Eirado, terraço. 4. [Brasil] Designação dada ao local em que se celebram alguns cultos afro-brasileiros, como o candomblé¹. Neste caso, será tratado e abordado o último, mas de maneira mais ampla, considerando-se que terreiros não são espaços exclusivos do candomblé, e sim de diversas manifestações religiosas brasileiras de raiz afro-indígena.

Terreiros são espaços sagrados que podem ser localizados no perímetro urbano ou rural, de tamanhos, disposição e qualidade espacial diversos, que se modificam conforme as intenções, condições e possibilidades dos adeptos das religiões. É o espaço onde geralmente se encontra o altar das divindades e entidades do culto, onde se realiza a ritualística e onde acontecem as consultas, curas, incorporações e festas das religiões. São organismos diversos, sendo encontrados desde pequenos espaços que são uma porção de um lar do sacerdote, como um espaço no quintal ou um quarto, até chácaras e espaços mais amplos que são destinados apenas para os cultos. Estes espaços possuem uma arquitetura simples, na maioria das vezes, onde é possível ver o sagrado sendo manifestado como é possível, e ele também se adapta às diversas realidades. Um terreiro é composto, geralmente, pelo salão ou espaço principal, onde são realizadas as festas e cultos principais e onde há a presença da consulência, pessoas que não fazem parte do terreiro mas frequentam, seja para buscar auxílio, ou para participar das celebrações.

Ao tratar da ritualística, aqui serão levadas em consideração três religiões principais: Jurema Sagrada, Candomblé e Umbanda. Todas as

¹ “terreiro”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/terreiro>>.

divindades, entidades e encantados citados se manifestam através do corpo dos filhos de santo, médiuns e discípulos, que são as pessoas que fazem parte da religião e utilizam seu corpo como instrumento de trabalho e conexão, a todo instante, entre o mundo físico e o espiritual, invisível. Tais espíritos e divindades vêm até o mundo terreno para dar assistência aos filhos da casa e sacerdotes, mas também prestar auxílio à toda a comunidade que os procura. Os trabalhos realizados são dos mais diversos, mas principalmente focados na cura e desenvolvimento espiritual e físico e na proteção. Um terreiro e seus membros formam uma espécie de família, por isso os sacerdotes são chamados de pais e mães e possuem seus filhos de santo, que se tratam como irmãos. Dessa forma, cada membro possui sua família carnal, a família convencional, terrena, mas há também a família do axé, os membros do terreiro, além da família espiritual, que são as divindades, entidades e/ou encantados que acompanham cada um. O funcionamento e manutenção de um terreiro e por vezes, inclusive a sua construção, depende do cuidado e trabalho dos filhos desta casa, que juntos fazem esse organismo funcionar. Dessa maneira, é perceptível que a construção e o espaço não são apenas espaços físicos dissociados dos ritos sagrados, na verdade estão intrinsecamente ligados, com particularidades e necessidades de acordo com cada religião. Uma boa arquitetura possibilita e viabiliza o bom funcionamento de um terreiro, além de honrar ao sagrado.

Ao analisar as construções atuais da maioria dos terreiros de religiões afro-ameríndias do Distrito Federal e entorno, percebe-se a ausência de infraestrutura adequada e distância da localização destes em relação aos grandes centros da capital, Brasília. Ao se comparar com religiões cristãs que possuem maior aceitação da sociedade e incentivo financeiro de entidades importantes, as religiões de matriz africana e indígena geralmente são cultuadas em construções com infraestrutura inadequada e de difícil acesso, muitas vezes em regiões periféricas e no entorno do DF. A localização se dá em decorrência dos

terrenos serem mais acessíveis financeiramente, quando são mais afastados, soma-se a isso o fato de que nesses locais eles podem ser quase invisíveis, a fim de evitar perseguição. Ademais da questão espacial, é importante se atentar ao cuidado e necessidade dos elementos naturais, as ervas e árvores sagradas, sendo o contato com a natureza imprescindível para o culto e ritualística. Desse modo, para além das outras questões anteriormente citadas, também aparece na discussão a questão da ausência de espaços verdes no meio urbano, principalmente em regiões periféricas no DF, mais um retrato da desigualdade social.²

O embranquecimento da religião e apagamento de sua história em decorrência do racismo e intolerância religiosa sofridos, além da falta de letramento racial, que tiveram a colonização e ditadura militar como eventos marcantes, perdurando até hoje. A preocupação com a plástica e o espaço são quase nulos, tanto em decorrência da escassez de recursos financeiros para a execução de um bom projeto arquitetônico, quanto por um enraizamento de filosofias cristãs, onde tenta-se trazer como sinônimo de humildade ter um terreiro simples, apesar disso muitas vezes ser, na prática, sinônimo de precariedade espacial. Além disso, o racismo se mostra presente quando, mesmo que indiretamente, cobra-se que os devotos da religião precisem ser gratos suficientemente por poderem professar sua fé, sutilmente tornando a ideia da necessidade de qualidade espacial sinônimo de luxo, erroneamente. Ademais, dificulta a própria espiritualidade, se considerarmos que o desconforto pode afetar a percepção e experiência individual durante os trabalhos no terreiro.

Para além disso, esse tema me atravessa pois, como pertencente do povo de axé e adepta à religião, durante minha trajetória sempre me incomodou o fato das construções serem improvisadas, e o assunto por vezes ser tratado como dispensável

² ARTHUR DE SOUZA. Falta de arborização urbana afeta regiões fora do Plano Piloto. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/10/5131671-falta-de-arborizacao-urbana-afeta-regioes-fora-do-plano-piloto.html>>.

ou inexistente, em decorrência da escassez financeira e de conhecimento. O ineditismo sobre o tema é uma premissa e uma forma de valorizar toda a história ancestral dos povos indígenas e negros, até hoje marginalizados e que convivem com o medo de professar a sua fé, além de ser uma oportunidade de poder pensar o espaço, que por si só já é, infelizmente, um privilégio, mas principalmente por não ter barreiras financeiras e sociais. Enxergo como uma maneira de reforçar a importância da ancestralidade brasileira e nossas raízes, inclusive como uma maneira de combater o racismo ainda muito presente na sociedade, reforçar a importância da cultura e educação histórica e racial, além de ser uma maneira de honrar a minha ancestralidade, divindades e entidades que tanto me auxiliam e acompanham, desde sempre.

A decisão pelo tema ocorreu de maneira intuitiva, e acredito que nunca escolhi o tema, na verdade o meu povo, minha família espiritual, me levou até ele. Quando me surgiu (ou me foi mostrada) a ideia, eu ainda não era efetivamente envolvida e pertencente a nenhuma religião, mas para além da religião, eles já estavam presentes na minha vida. Não à toa, em uma das primeiras disciplinas da graduação, meu primeiro trabalho foi para minha mãe Iemanjá, que cuida e me acompanha desde a infância. Acredito que, assim como o Trabalho de Conclusão de Curso é fruto do trabalho de todos os anos na graduação, e amadurecimento, este tema é resultado também do meu amadurecimento no sagrado. À medida que estudo, leio e me debruço sobre o tema, crio este trabalho físico, mas também me descubro e conheço a mim e aos meus, e a isso eu sou grata. Este trabalho é a união do meu empenho acadêmico, mas também em cada parte o meu sagrado está representado, até porque é ele que me mostra o caminho a seguir.

Portanto, foi necessário para este trabalho a proposta de um terreiro de culto às entidades e orixás, utilizando como premissa e estudo de caso as casas de Candomblé, Jurema e Umbanda, escolhendo um terreno central em Brasília e que atenda às demandas propostas. Além disso, é

proposto em formato de diretriz a proposta de espaços para atividades culturais, como meio de fomentar a cultura e folclore brasileiro, manter viva a tradição e proporcionar educação ambiental, social e racial; houve a intenção de propor espaços no terreno não apenas para uso nos dias de culto e com acesso restrito aos pertencentes deste, e sim para toda a comunidade, colocando em prática a filosofia que essas religiões possuem.

Para embasar a pesquisa e botar em prática o título, “Chão de Terreiro”, foi necessária a realização de visitas in loco em terreiros de Brasília e região para o entendimento da dinâmica dos espaços e cultos. Por se tratar de religiões que se apoiam na tradição e história oral, foram feitos estudos de caso em campo através de entrevistas, tanto para entendimento da criação das casas de axé, quanto sobre a história e motivação pessoal de cada dirigente espiritual. Além disso, mesmo que o projeto seja uma proposta para Brasília, foram pesquisados projetos arquitetônicos e sociais de mesmo cunho por todo o Brasil, assim como o estudo sobre as religiões e filosofias indígenas e africanas e suas influências, conseqüentemente guiando a arquitetura necessária. Foram utilizadas teses e dissertações sobre o tema, além de livros, documentários, revistas e matérias que auxiliem na compreensão da história, das religiões e da arquitetura de terreiro.

Em relação ao referencial teórico, o trabalho foi baseado, de maneira sintetizada, na tese de doutorado de 2021, de autoria de João Batista Figueredo de Oliveira (2021), cujo título é “Assentamentos da Jurema Sagrada: expressão de um conhecimento ancestral”. Outro grande mestre nessa caminhada foi Luiz Antônio Simas com seu livro “Umbandas: uma história do Brasil”, de 2024, assim como a revista RUA - Revista de Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, v.1, n. 8, julho/dezembro de 2003, especificamente os capítulos que trazem o processo de tombamento dos terreiros da Casa Branca, do Axé Opô Afonjá, do Gantois e do Bate Folha.

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS RELIGIÕES ABORDADAS

Como primeira parte do trabalho desenvolvido, é necessário dar um contexto geral sobre as religiões que serão trabalhadas e que darão origem ao terreiro. Foram escolhidas três religiões de matriz africana e/ou indígena, sendo elas o Candomblé, a Jurema e a Umbanda. Tais religiões foram escolhidas por conta da minha vivência pessoal, mas é importante citar que há uma infinidade de religiões brasileiras que foram extintas, e outras que ainda resistem a tudo. De certa forma, os caminhos, origens e existência delas se encruzilham.

É sabido que o povo brasileiro é miscigenado, e em nosso DNA está estampada toda a violência sofrida desde 1500. Isso também é refletido também na origem e significado de cada religião aqui citada, já que é difícil buscar um purismo e uma resposta sucinta sobre o que são. Mesmo que tenham uma história, essa por vezes é nebulosa, o que é fruto do apagamento que até hoje é presente, ou por vezes é uma história contada através da narrativa branca. De toda forma, a diversidade de todas as religiões é reflexo da diversidade do povo brasileiro, que foi composto e influenciado por centenas de povos indígenas e africanos, onde, mesmo que muitos tenham sido extintos, eles ainda resistem, seja na cultura, nos cantos, nos ritos ou como espíritos. E essa é a beleza, a importância e a força do invisível.

Além disso, é importante citar que além de cada religião com suas vertentes possuírem particularidades, cada terreiro traz tradições e costumes diferentes, e isso é influenciado também pela trajetória do sacerdote da casa e modo de trabalho, assim como a localização em que ele está em funcionamento. Diferente da igreja católica que possui o Papa como autoridade máxima, os terreiros são entidades autônomas e independentes. As informações aqui citadas tiveram origem em livros, documentos e pesquisas realizadas, além da vivência pessoal, mas a individualidade de cada

terreiro, mesmo que seja de mesma religião e vertente, é algo que deve ser considerado, não anulando a sua importância e veracidade.

De acordo com o último Panorama do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), as demais religiosidades compreendem 7% do total, onde 1,84% são espíritas, 1,05% umbandistas e candomblecistas, 0,06% referentes às tradições indígenas e o restante sem denominação específica. Não há informações em relação à Jurema Sagrada que, em relação às outras religiões, ainda é pouco conhecida. Também por ter muitos ritos e tradições ainda mantidos em segredo entre os adeptos, algumas informações são difíceis de serem encontradas e divulgadas, entendido como uma maneira de preservar os saberes e ciências do sagrado.

Figura 01: Esú¹ orixá, colagem de autoria própria (2025). Imagem base de autor desconhecido (s/d).

¹ No culto aos orixás, Esú é sempre o primeiro a ser reverenciado. Os dizeres significam algo como “nós vamos fazer o nosso culto/orixá/cultuar a nossa terra, vamos fazê-lo de qualquer maneira”. Imagem: <<https://br.pinterest.com/pin/267260559132836363/>>.



1.1 JUREMA SAGRADA

A religião Jurema Sagrada é o culto à Jurema, árvore do nordeste brasileiro e cultuada como divindade pelos juremeiros¹, adeptos da religião. Dentro da religião, há a incorporação para o trabalho dos mestres e mestrás, caboclos² e outras entidades do culto, como explicita Oliveira:

As entidades da Jurema se apresentam em dois grandes agrupamentos mestrás/es e caboclas/os. No primeiro agrupamento, manifestam-se antigas juremeiras/os que depois de um tempo de falecimento vêm trabalhar na Jurema, tendo também mestrás/es que se expressam como vaqueiras/os, boiadeiras/os, ciganas/os, cangaceiras/os e pretas/os velhas/os (podendo haver variações dependendo da casa na qual o culto se desenrola). Existem também tanto no agrupamento da mestria quanto no das/os caboclas/os entidades que são denominadas de rainhas e reis da Jurema Sagrada (OLIVEIRA, 2021, p. 15).

Para melhor entendimento, o nome “Jurema” pode se referir à árvore, à bebida feita com a casca da árvore, também usada no culto, ou à religião como um todo (COELHO, 2016). Ao se falar de Jurema, fica ainda claro o respeito à natureza, já que aqui ela é inclusive quem nomeia e norteia o culto. Para entender o centro do culto, é importante entender que há duas divisões maiores: as divindades e os reinados. As divindades do culto são as árvores, e na mitologia, cada árvore representa uma cidade encantada. São 7 cidades encantadas: Jurema, Junçá, Vajucá, Manacá, Catucá, Angico e Aroeira (OLIVEIRA, 2021), que são, no mundo físico e material, os nomes de árvores encontradas no nordeste brasileiro, mas também muito vistas pelo cerrado do país, local que será realizado o projeto. Cada uma destas

¹ Os adeptos à religião podem ser denominados juremeiros, catimbozeiros ou discípulos (OLIVEIRA, 2021).

² Caboclo é o termo conhecido por designar o indivíduo que possui ascendência indígena e branca. Entretanto, ao citar os caboclos, pode se tratar também de espíritos indígenas que não são miscigenados, pois assim foi popularizado no meio.

árvores, que representam cidades encantadas, é a morada dos mestres e entidades do culto e possui uma função diferente. Além das cidades encantadas de Jurema, onde Jurema é a principal, há também os reinados, mas isso varia de acordo com a casa de Jurema, de acordo com o Babá Obalajó, juremeiro e babalorixá entrevistado para essa pesquisa. Independentemente da vertente, as cidades e reinados são parte fundamental no culto, já que norteiam as ritualísticas e justificam o uso das ervas.

A origem da religião é nordestina, mas não há registros que fundamentem apenas um local de partida. O que se sabe é que pode ter nascido dos indígenas do litoral paraibano, no sertão de Pernambuco e no Rio Grande do Norte. Em entrevista, Babá Obalajó explica que a religião surge em Alhandra, na Paraíba, por dona Maria do Acais, mãe de Zé Pilintra. Se dá através da pajelança, rituais realizados pelos pajés na região amazônica, antes mesmo da invasão portuguesa no país. Já havia o culto ao fogo, à água, sementes e o sacrifício de animais com o aproveitamento de suas penas e o uso de maracás, instrumento sagrado utilizado na ritualística.

O Babá Obalajó também cita que Maria do Acais passa os conhecimentos para seu filho, Zé Pilintra, sobre a ciência das plantas de cura. Zé Pilintra então vai da Paraíba para Recife, onde falece, mas ali já teve sua fama e muitos conhecidos. Suas amantes e seguidores ao morrer se “encantavam”, e passavam a fazer parte do culto à Jurema como encantados e espíritos na linhagem de Zé Pilintra. Hoje, esses encantados são os mestres que trabalham com os encarnados na religião.

A partir da literatura existente, podemos inicialmente dizer que o culto da jurema é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado no culto dos “mestres”, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos antigos e prestigiados chefes de culto, como juremeiros e catimbozeiros (ASSUNÇÃO, 2010, p. 19).

Portanto, a Jurema é a primeira a ser citada nessa seção pois já existia antes mesmo de haver Brasil, mesmo que não aos moldes que conhecemos hoje. Ademais, é importante citar a influência indígena em todas as outras religiões aqui citadas, direta ou indiretamente, e entender que, assim como as de matriz africana, também sofre perseguição e é visto como bruxaria, no sentido negativo do termo. A Jurema em sua essência é a arte de curar e proteger através das ervas e da ciência, termo tão citado em diversas toadas¹. A ciência nada mais é do que o conhecimento ancestral, passado aos encarnados do culto, e que contribui para o bem viver. Essa ciência, entretanto, carrega segredos e mistérios como toda a religião, e só ao se tornar um discípulo é que pode-se aprender. Ou seja, só se aprende no chão de terreiro, nos toques², na vivência dentro da Jurema.

A religião também pode ser chamada de catimbó-jurema³, termo também muito ouvido

¹ “Toadas são as músicas cantadas em louvor à Jurema sagrada e suas divindades e entidades (cada entidade possui sua toada principal, podendo existir várias outras secundárias). As toadas também são denominadas de linho da Jurema ou pontos cantados. Os rituais possuem toadas direcionadas específicas. As toadas são compreendidas como orações cantadas” (OLIVEIRA, 2021, p. 33).

² “As giras de Jurema também são denominadas de toques de Jurema, são rituais nos quais os tambores são utilizados e onde os participantes de culto podem dançar. Geralmente, no salão, forma-se um círculo onde os participantes giram em sentido anti-horário. Já nos rituais de mesa de Jurema, é feito somente o uso das maracas, os participantes se mantêm sentados e não há danças” (OLIVEIRA, 2021, p. 35).

³ CATIMBÓ: “Pode significar genericamente de acordo com a linguagem corrente do Nordeste, ‘mágia negra’, feitiçaria, ‘coisa-feita’, ‘mau-olhado’, como também em um sentido mais específico que vem sendo empregado por autores pertinentes ao tema, designando as sessões de mesa nas quais o fumo e o consumo da

nas toadas, onde chamam as entidades de catimbozeiros. Em relação aos trabalhos dentro do culto, há a linha de direita e a linha de esquerda. Na direita, geralmente são espíritos que podem ter influência do catolicismo. Já os mestres e entidades esquerdeiras atuam na linha de defesa, proteção, desmanchando feitiços, punição, com energias mais densas, podendo ou não utilizar do sincretismo católico⁴. As entidades esquerdeiras representam os espíritos que, em vida, eram boêmios, amantes da noite, seja por gosto ou por necessidade, como quem só encontrava neste ambiente uma forma de fazer dinheiro e sobreviver. Eram os marginalizados, e hoje podem fazer o que não receberam em vida: ajudar e proteger.

Jurema são os elementos centrais” (COELHO, 2016, p. 15).

⁴ Conforme explicação do sacerdote juremeiro Elevelton de Luziara nas redes sociais.

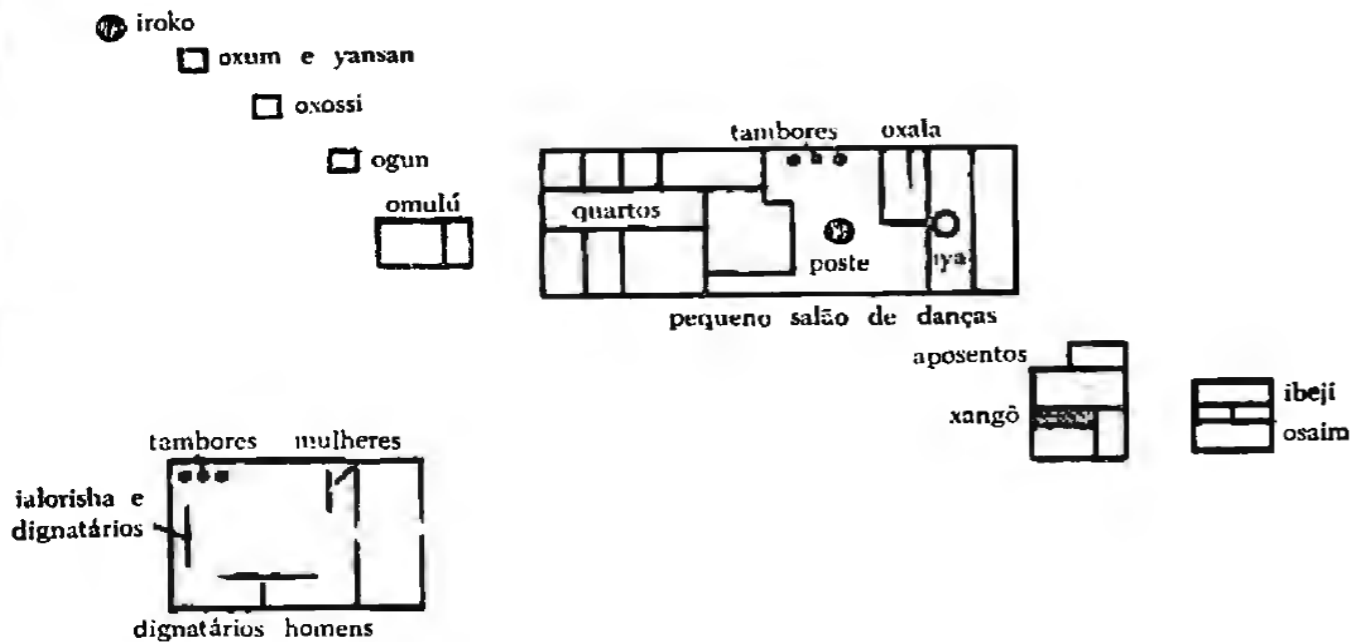
1.2 CANDOMBLÉ

Candomblé é uma religião brasileira de matriz africana que cultua divindades africanas, estas podendo ser orixás, voduns e/ou nkisis, onde algumas casas que também apresentam influência indígena, conhecido como candomblé de caboclo (que não é visto de forma positiva por alguns, como se degradasse o modelo jeje-nagô¹). O que determina as divindades a serem cultuadas são as nações de cada casa. Nações de candomblé são como vertentes dentro da religião, que definem o culto, hierarquia, fundamentos e diretrizes da casa. Como exemplos de nações temos a nação Ketu (ou Nagô²), Angola, Jeje e Bantu, e o que nomeia e norteia cada nação é justamente a sua origem, que vem dos povos africanos escravizados trazidos ao Brasil, que por serem de diferentes regiões em África, suas crenças e costumes também tinham particularidades, refletindo-se, portanto, no Candomblé de hoje. Mesmo que tenha suas raízes em África, essa mescla de costumes e rituais é o que torna a religião brasileira e com diferenças em relação aos cultos tradicionais em solo africano.

Os cultos religiosos foram a principal fonte de resistência cultural dos negros escravizados no Brasil. Poucos desenvolvidos na área rural, durante o período do ciclo econômico açucareiro, as associações de culto ganharam força nas cidades, especialmente durante o século XIX. (...) Não existem, portanto, na África, organizações semelhantes aos nossos terreiros de candomblé, reunindo num só lugar diversos cultos originalmente dispersos no território. Essa organização ou reorganização do culto foi fruto da escravidão e da reunião, numa terra estranha, de vários grupos que, na África, cultuavam diferentes divindades (Revista RUA, 2003, p. 99).

Abaixo, é possível visualizar um exemplo de disposição dos espaços de um terreiro de candomblé, retirado da obra O Candomblé na Bahia (Rito Nagô), de Roger Bastide (1958):

Figura 02: Espaços em um terreiro de candomblé. Fonte: Roger Bastide (1958).



1 Revista RUA, 2003, p. 100.

2 “No Brasil, o termo ‘nagô’ designa todos os grupos vinculados à língua yorubá, incluindo as variantes dialetais” (Revista RUA, 2003, p. 99).

Independentemente da nação, algo que é comum a todas elas é o respeito aos mais velhos, inclusive como forma de honrar todos os escravizados que mantiveram vivas as tradições e o culto ao sagrado. É importante citar que os cargos são determinados a partir do jogo de búzios, jogo oracular que é forma de comunicação entre os humanos e as divindades. Veja abaixo um exemplo de hierarquia dentro do candomblé de nação ketu¹:

1. Iyalorixá ou Babalorixá: A palavra iyá do yoruba significa mãe, babá significa pai.
2. Iyakekerê (mulher): mãe pequena, segunda sacerdotisa.
3. Babakekerê (homem): pai pequeno, segundo sacerdote.
4. Iyalaxé (mulher): cuida dos objetos ritual.
5. Agibonã: mãe criadeira, supervisiona e ajuda na iniciação
6. Egbomi: Ou Egbomi são pessoas que já cumpriram o período de sete anos da iniciação (significado: meu irmão mais velho).
7. Iyabassê: (mulher): responsável pela preparação das comidas-de-santo
8. Ialô: filho-de-santo (que já incorpora Orixás).
9. Abiã ou abian: Novato.
10. Axogun: responsável pelo sacrifício dos animais (não entram em transe).
11. Alagbê: Responsável pelos atabaques e pelos toques (não entram em transe).
12. Ogã ou Ogan: Tocadores de atabaques (não entram em transe).
13. Ajoie ou ekedi: Camareira do Orixá (não

1 Hierarquia e lista dos orixás do Candomblé Ketu extraídos do Portal Geledés, disponível em: <<https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/47296/e-preciso-ensinar-o-respeito-necessario-ao-candomble-entrevista-com-makota>>

entram em transe). Na Casa Branca do Engenho Velho², as ajoie são chamadas de ekedis. No Gantois, de “Iyárobá” e na Angola, é chamada de “makota de angúzô”, “ekedi” é nome de origem Jeje, que se popularizou e é conhecido em todas as casas de Candomblé do Brasil.

No documentário “A dona do terreiro”, de Deisy Anunciação, é explicitado pela educadora e makota³Valdina Oliveira que há uma dificuldade em cravar uma data de início do Candomblé, pois os estudiosos dizem que o candomblé teve seu real início a partir do momento em que os negros pisaram em solo brasileiro, funcionando como uma pequena África e um refúgio aos negros. O sociólogo Reginaldo Prandi cita que os candomblés eram feitos nas matas justamente como fuga das forças policiais, o que justifica o motivo de muitos terreiros serem em áreas periféricas e remotas, que vai para além da necessidade do contato com a natureza, e sim é justificado também pelo racismo.

O Candomblé é uma religião matriarcal, com muitas casas aceitando apenas mulheres em cargos de liderança. A Mãe Stella de Oxóssi cita que tal hierarquia surge com a liderança natural das mulheres, já que, além de cuidar de sua própria família carnal, acabava apadrinhando e zelando dos filhos de vizinhos e da comunidade, e que acredita que mulheres nasceram para liderar. Tal pensamento e filosofia subverte muitas religiões brancas, onde a mulher é vista de forma submissa. A Makota Valdina fala que o candomblé foi responsável por resgatar a família que foi tirada dos escravizados e negros, onde as líderes se tornam mães de santo e o restante, irmãos de santo. Tal família agora se torna responsável por repassar valores, costumes e ir para além da crença, refletindo na identidade do indivíduo que agora tem um

2 Terreiro na Bahia, tombado pelo IPHAN.

3 Makota: A makota é como a assessora de quem lidera uma comunidade religiosa. Esse termo é utilizado nos terreiros de Angola e equivale às equedes no candomblé de ketu. Disponível em: <<https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/47296/e-preciso-ensinar-o-respeito-necessario-ao-candomble-entrevista-com-makota>>

grupo, como formula Reginaldo Prandi.⁴

A Omorixá Oyá Lindinalva Barbosa cita, no documentário, que o terreiro de candomblé construiu uma lógica onde ninguém ficasse de fora da participação do terreiro, e ao analisar a hierarquia existente em cada terreiro, mesmo que cada um carregue suas particularidades, é um organismo familiar, organizado e não excludente, onde se mantém vivo o ensino sobre as práticas da religião, mas também ensina sobre a vida e a cultura. Mesmo que o racismo tenha perpetuado a ideia de pessoas negras serem inferiores e menos dignas, dentro da religião há a valorização da identidade e da ancestralidade de todo o povo, sendo alimento para o corpo e também para a alma.

Além de religião, é uma escola. Você aprende a andar, você aprende a se vestir, você aprende a se colocar, você aprende línguas, porque na realidade yorubá é uma língua, não deixa de ser. Você aprende o tupinambá com os caboclos, você aprende nagô. Orixá vem para trazer para gente energias positivas, os espíritos vêm nos ensinar (Mãe Gilda D'Oxum).¹

1 Trecho da fala de Mãe Gilda de Oxum extraído do documentário "A dona do terreiro", produzido para o Trabalho de Conclusão de Curso de Deisy Anunciação. As falas de Reginaldo Prandi e da Omorixá Oyá Lindinalva Barbosa também foram extraídas do documentário, melhor referenciado na bibliografia.

4 Extraído do documentário "A dona do terreiro", de Deisy Anunciação.

1.3 UMBANDA

Atualmente, talvez uma das mais conhecidas religiões de matriz africana e indígena seja a umbanda. Ironicamente, tal fato torna ainda mais difícil explicar e buscar uma origem para a religião, já que justamente sua fama e popularidade contribuem para a distorção e apagamento de sua história. A Umbanda é uma religião brasileira de matriz africana e indígena, que realiza, a depender da casa, culto a entidades e a divindades.

Qualquer reflexão sobre o tema, portanto, parte da constatação de que é praticamente impossível estabelecer uma flacidez dogmática, doutrinária, inquestionável, para práticas religiosas que, no processo mesmo em que ocorrem, vão se transformando, adaptando, redefinindo, de acordo com as dinâmicas relações entre a tradição e a contemporaneidade. (...) a gira de umbanda pode tanto acontecer em um espaço litúrgico mais convencional, numa comunidade de terreiro, quanto pode ser doméstica, com a médium eventualmente recebendo em casa, para terapêutica familiar de consulta e cura, o espírito de uma preta velha, um caboclo, uma criança, uma pombagira (SIMAS, 2021, p. 8).

Abaixo, é possível visualizar um exemplo da dinâmica de uma gira, os eventos que ocorrem em um terreiro de Umbanda, podendo dar uma ideia da distribuição dos espaços. A ilustração é de Luciano Veronezi:¹

Figura 03: Funcionamento de um terreiro de umbanda durante a gira.

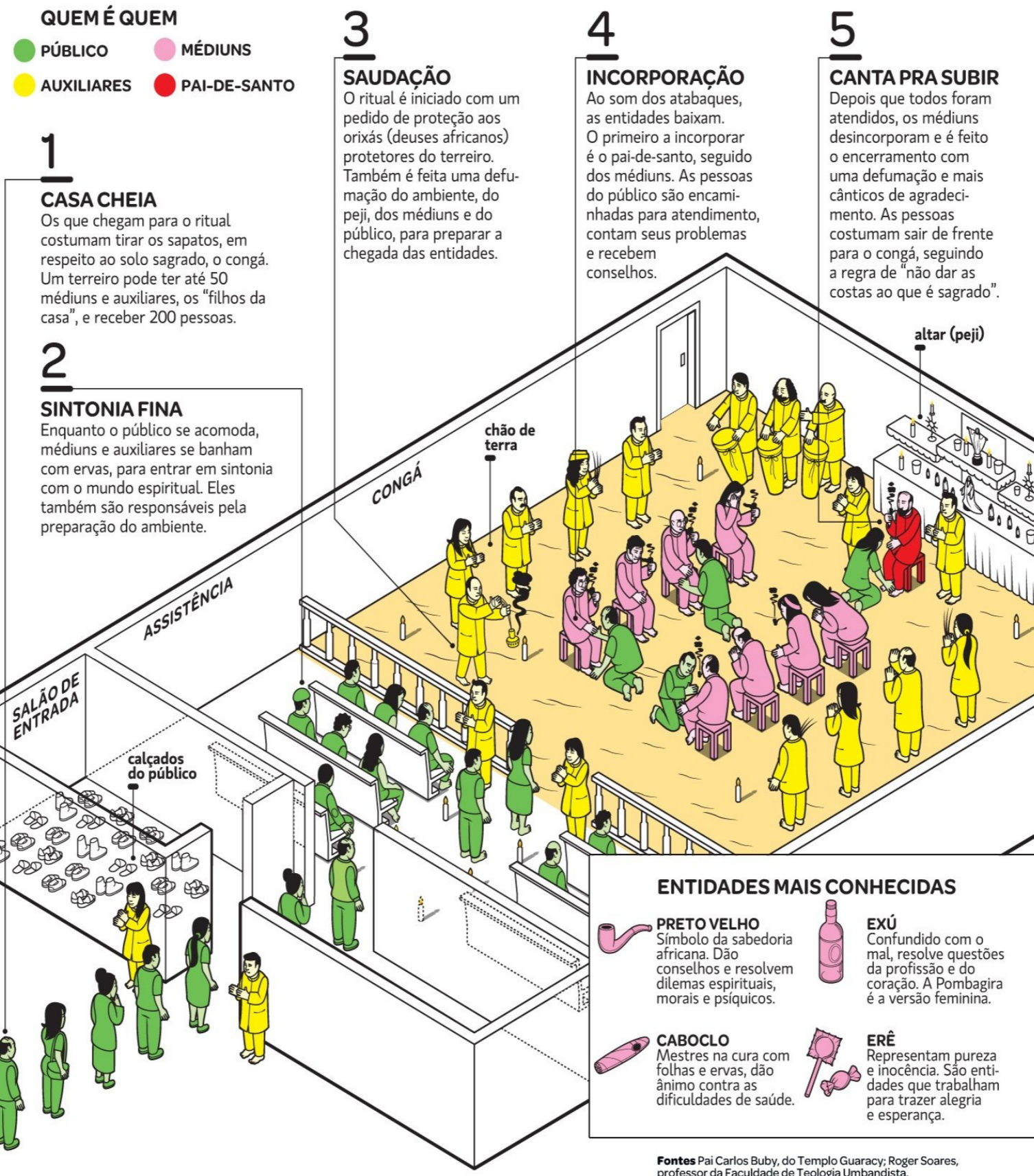
Fonte: Ilustração de Luciano Veronezi (s/d).

1 Disponível em: <<https://www.wemystic.com.br/como-funciona-terreiro-umbanda-saiba-passo-a-passo/>>

COMO FUNCIONA

Terreiro de umbanda

A umbanda surgiu no Rio, no início do século 20, acrescentando espiritismo ao candomblé da Bahia. É uma religião descentralizada: cada pai-de-santo é papa de seu terreiro. Mas há um roteiro das “giras”, noites em que as entidades prestam consultas. • TEXTO GISELLE HIRATA



As divindades são os orixás africanos, e as entidades são espíritos e/ou encantados. Não são em todos os terreiros que os orixás são cultuados, e quando são, não são à mesma maneira que o Candomblé. Geralmente, são cultuados 10 orixás, o que também pode variar de acordo com a tradição do sacerdote e/ou onde ele foi iniciado. São eles: Oxum, Iemanjá, Nanã, Iansã, Exu, Ogum, Obaluaê, Xangô, Oxóssi e Oxalá. Como exemplo de entidades, temos: pretos velhos, espíritos de africanos ou descendentes, escravizados, mandingueiros e curandeiros que morreram como anciãos; caboclos, que são espíritos indígenas e não mestiços, como sugere o nome; erês, que são espíritos de crianças; boiadeiros, espíritos de tropeiros e vaqueiros sertanejos; marinheiros, espíritos do povo das águas, representando os marinheiros e pescadores que viviam em alto mar; exus e pombagiras, espíritos “da rua”, conhecidos como guardiões, chamado de “linha de esquerda”; ciganos, que podem atuar na linha de exus e pombagiras, encantados, ou na “direita” (posição onde estão todas as entidades que não são exus e pombagiras), derivam dos povos ciganos do Brasil ou Oriente, dependendo da linha de trabalho e origem; malandros, derivam da macumba carioca e são associados à Lapa, e assim como os ciganos, podem atuar em diversas linhas dentro da religião, como encantados, malandros ou na esquerda, dentre outras várias. O significado do nome umbanda, segundo Nei Lopes, no Dicionário banto do Brasil (2003), pode assim ser definido:

O vocábulo umbanda ocorre no umbundo e no quimbundo, significando arte do curandeiro, ciência médica, medicina. Em umbundo, o termo que designa o curandeiro, o médico tradicional, é mbanda; e seu plural é imbanda. Em quimbundo, o singular é quimbanda, e seu plural é umbanda, também. Observe-se que a medicina tradicional africana é também ritualística, daí o mbanda ou kimbanda ser confundido com o feiticeiro, o que não é correto, já que os papéis são bem distintos: o mbanda cura, o feiticeiro (ndoqui, em quicongo), faz malefícios (LOPES, 2003, pp. 218-219 apud SIMAS, 2024, p. 101).

Ao procurar sobre o que originou o culto umbanda, encontra-se que pode ter surgido de outros cultos, como o calundu. “O calundu era um culto familiar, muitas vezes aberto ao público, realizado na residência de alguém conhecido na comunidade ou em um local público”, como explica o Tata André Ayrase, um dos responsáveis pela página Umbanda de Verdade no Instagram, o que muito se assemelha ao culto de umbanda que temos hoje, com reuniões e cerimônias em terreiros simples, munidade, que vinham através de cânticos entoados ao som dos instrumentos sagrados fazer magia de cura, proteção e aconselhamento. Nei Lopes, no Dicionário banto do Brasil (2003), traz que o significado da palavra calundu vem do termo kilundu, que significa ancestral, ao passo que Yeda Pessoa de Castro, no Falares africanos na Bahia (2001) traz uma origem no quimbundo, kalundu: obedecer a um mandamento, realizar um culto, invocando os espíritos, com música e dança, além do kilunda, no quicongo, e kialundu, também no quimbundo (SIMAS, 2021).

Uma calundzeira¹ marcante foi Luzia Pinta, africana natural de Luanda, na Angola, onde viveu como escravizada até seus doze anos, época que veio ao Brasil através do tráfico pelos navios negreiros, no século de XVIII, vivendo em Minas Gerais até conseguir sua liberdade. No tempo que vivia em Minas Gerais, era muito conhecida por realizar benzimentos² e realizar sessões onde recebia entidades (entrava em transe), e realizava trabalhos de cura, adornada e realizando feitos que muito se parecem com os realizados nos terreiros de umbanda até hoje (SIMAS, 2021):

1 Pessoa praticante do calundu.

2 Benzedeiros são fundamentais e marcantes na história do Brasil pois são pessoas que trazem o saber das ervas e com isso conseguem curar através delas, tanto doenças, quanto má sorte, “quebranto” e “mal olhado”. Por muitas vezes são associados aos preto-velhos na Umbanda, por representar idosos que realizam a cura através das ervas.

Acompanhada por pessoas que cantavam e tocavam timbales ou atabaques pequenos, Luzia entrava em transe - segundo o inquérito “ficava fora de juízo”-, fazia mesuras e cortesias para saudar os presentes e começava a cuidar das pessoas que estavam doentes, indicando que tipos de remédios deveriam ser feitos e tomados para cada problema de saúde. (...) Para alguns, fazia amuletos com pau santo enrolado a uma fita, considerando que uma vez amarrada no braço, a fita teria o poder de afastar qualquer feitiçaria. Era também comum que algumas pessoas deitassem no chão e fossem esfregadas, como se estivessem sendo limpas, com ervas diversas (SIMAS, 2021, p. 41).

Entretanto, Luzia foi enviada para Lisboa para ser julgada Santa Inquisição para poder explicar os serviços que realizava em Minas Gerais, inicialmente com a suspeita de que, nestes rituais realizados, estivesse fazendo feitiçaria, perseguida naquela época. Luzia foi presa, julgada e torturada, mas escapou da morte e passou a viver no Algarve, já que fora proibida de retornar à Sabará, onde residia antes de ser presa (DAIBERT JR, 2012).

Na manhã do dia 12 de agosto de 1743, o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa submeteu Luzia Pinta a uma sessão de tortura. Após ter seu vestido arrancado, ela foi deitada em um potro, espécie de estrado de madeira com saliências pontiagudas, sobre o qual seu corpo foi amarrado com correias de couro. Como era de costume, nesse tipo de tortura, essas cordas eram puxadas com intensidade de modo a comprimir o torturado contra as pontas de seu leito (Dines, 1992, p. 1007 apud Daibert Junior, 2012).

Mesmo com o histórico de calundus, mandingueiros e curadores, uma das origens mais difundidas sobre a criação da Umbanda é datada em 1908, após Zélio Fernandino de Moraes incorporar o Caboclo das Sete Encruzilhadas, alguns contam que durante uma visita à uma rezadeira de São Gonçalo, outros que foi durante uma sessão na Federação Espírita. Nesta segunda origem, contam que o espírito indígena questionou o motivo de evitarem e tratarem negros e indígenas brasileiros como inferiores, sem levar em consideração suas mensagens, ao que o membro argumentou que

negros, caboclos e indígenas eram atrasados, não podendo ser “espírito de luz”. Algumas versões ainda afirmam que o Caboclo da Sete Encruzilhadas seria o espírito não de um indígena, e sim de um padre jesuíta, Gabriel Malagrida, onde este disse que os espíritos que viriam trabalhar no “novo culto” viriam em nome de Santo Agostinho. Zélio então inaugurou em Niterói a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (SIMAS, 2021, p. 97, 98).

A linha aberta pelo mito da anunciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas marca, para os adeptos de certa umbanda, o início da codificação de uma tradição vigorosamente marcada pelo cristianismo e pelo espiritismo kardecista, que operará, especialmente a partir da década de 1930, em duas dimensões aparentemente contraditórias: de um lado, se empenhar na tarefa de desafrikanizar a umbanda; de outro, terá na centralidade de seus rituais a incorporação pelos médiuns de espíritos dos indígenas e dos pretos velhos, que ao trabalhar na linha da caridade poderiam cumprir os seus processos evolutivos no campo espiritual (SIMAS, 2021, p. 98).

Talvez um paralelo a ser traçado seja que, assim como o Brasil foi “descoberto” para os brancos em 1500 por Pedro Álvares Cabral, a Umbanda foi “criada” por Zélio em 1908. É como se fosse a religião negra e indígena agora aceita pelos brancos, seguindo dogmas cristãos e espíritas, como se isso pudesse aliviar a sua real origem. Mais um ato de violência. A umbanda de Zélio é a umbanda institucionalizada, branca, o que não é sinônimo de elevação espiritual e superioridade. Tal ideia, na verdade, deriva dos conceitos racistas de Alan Kardec, fundador do kardecismo, onde enxerga as pessoas de cor como inferiores e menos evoluídas. Entretanto, a narrativa adotada pela umbanda de Zélio cai no mito do branco salvador, onde a figura dele e do padre jesuíta surgem como essa saída. Mas, como poderiam ser “antirracistas”, se o que propagaram foi justamente o apagamento e apropriação cultural negra e indígena, para os moldes cristãos, como símbolo do certo e puro? Religião também é arma política, e é necessário conhecer a própria história e não romantizar tudo o que aconteceu e ainda acontece. Mesmo

com o histórico de calundus, mandingueiros e curadores, uma das origens mais difundidas sobre a criação da Umbanda é datada em 1908, após Zélio Fernandino de Moraes incorporar o Caboclo das Sete Encruzilhadas, alguns contam que durante uma visita à uma rezadeira de São Gonçalo, outros que foi durante uma sessão na Federação Espírita. Nesta segunda origem, contam que o espírito indígena questionou o motivo de evitarem e tratarem negros e indígenas brasileiros como inferiores, sem levar em consideração suas mensagens, ao que o membro argumentou que negros, caboclos e indígenas eram atrasados, não podendo ser “espírito de luz”. Algumas versões ainda afirmam que o Caboclo da Sete Encruzilhadas seria o espírito não de um indígena, e sim de um padre jesuíta, Gabriel Malagrida, onde este disse que os espíritos que viriam trabalhar no “novo culto” viriam em nome de Santo Agostinho. Zélio então inaugurou em Niterói a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (SIMAS, 2021, p. 97, 98).

É sintomático que a anunciação da umbanda, na linha criada por Zélio, tenha vindo de um espírito que foi jesuíta, já que os padres da Companhia de Jesus tinham a fama, desde o primeiro século da colonização do Brasil, de protetores dos indígenas contra os colonos que pretendiam escravizá-los. Podendo ainda propor, conforme Diana Brown, que o papel do padre, ao reconhecer africanos e ameríndios, simbolizados pelos espíritos de pretos velhos e caboclos, sugere que a Igreja católica em si teria sancionado a criação da umbanda. É emblemático que a umbanda (...) tenha começado a estruturar o seu culto em um momento singular dos debates sobre a construção da identidade nacional: o período pós-abolição e as primeiras décadas da República (SIMAS, 2021, p. 99).

Essa descaracterização da umbanda dá margem para deturpações da religião, entidades e orixás. Um dos exemplos foi a criação de orixás por Rubens Saraceni, umbandista que a partir de conceitos próprios, criou divindades “africanas”, como se fosse possível, e que são até hoje difundidas, além de outros conceitos equivocados. Essa criação de orixás surge de uma tentativa de descaracterização de Saraceni, pois

ao juntar informações criou a própria realidade ao seu molde¹. É necessário entender que o academicismo é importante para compreender a cultura e a história, e o reflexo nos dias atuais, mas não há como estudar e a partir disso criar a espiritualidade. Isso seria o caminho inverso. O mundo espiritual existe, e resta a nós entender, mas não há como “criar” encantados, espíritos, orixás a partir do entendimento humano, como cria-se termos, nomes e teorias. Eles existem antes das nomenclaturas e definições.

Para além da origem da Umbanda, é importante citar nomes que lutaram e foram figuras essenciais para que o culto não fosse extinto. Um exemplo é Tancredo da Silva Pinto, conhecido como Tatá² Tancredo, nascido no município de Cantagalo - RJ, um grande líder do samba e da umbanda, foi compositor e autor de diversos livros com a temática umbandista. Tatá Tancredo foi responsável pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações Umbandistas, como explica o sacerdote Mario Filho em uma pequena biografia sobre Tancredo³. Era conhecido como o “Papa Negro da Umbanda”, em 1947 participou da fundação da Federação Brasileira das Escolas de Samba, e logo após da Confederação Umbandista do Brasil, devido às perseguições policiais que os terreiros e adeptos sofriam na época, por todo

1 Logunã e Oroiná são orixás difundidos em algumas casas de umbanda, mas não possuem origem real, surgindo a partir dos ensinamentos de Rubens Saraceni, escritor de obras psicografadas e sacerdote umbandista, já falecido. Além dos orixás, Rubens também insere na religião diversos elementos esotéricos para o culto, o repaginando e popularizando.

2 Significa “pai”, chefe de terreiro e também dá faz parte de nomes de algumas entidades que são referência e antigas em sua linhagem, como Tata Caveira, um exu, e Tata Mulambo, uma pombagira.

3 FILHO, Mario. Tata Tancredo da Silva Pinto: pequena biografia. s/d. Disponível em: <<https://templo-panteranegra.com.br/tata-tancredo-da-silva-pinto-pequena-biografia-do-fundador-da-umbanda-omoloko/>>

o país. Além disso, criou filiais da Confederação por diversos estados do Brasil, além de criar e difundir festejos para mostrar ao público o que era cultuado na religião. Tancredo narra o motivo da construção da confederação como um chamado espiritual (FILHO, s/d) (LOPES, 2005):

(...) esse episódio passou-se na casa da minha tia Olga da Mata. Lá arriou Xangô, no terreiro São Manuel da Luz, na Avenida Nilo Peçanha, 2.153, em Duque de Caxias. Xangô falou: – Você deve fundar uma sociedade para proteger os umbandistas, a exemplo da que você fundou para os sambistas, pois eu irei auxiliá-lo nesta tarefa. Imediatamente tomei a iniciativa de fazer a Confederação Umbandista do Brasil, sem dinheiro e sem coisa alguma. Tive uma inspiração e compus o samba General da banda, gravado por Blecaute, que me deu algum dinheiro para dar os primeiros passos em favor da Confederação Umbandista do Brasil (Lopes, 2005 apud Silva, s/d).¹

1 Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-172.htm>>. Acesso em 01 de julho de 2025.

Desse modo, mesmo que assim como as outras religiões citadas, não há origem específica da umbanda, pode-se perceber e considerar os calunduse e povo bantu como maiores influências. Assim como perceber que o candomblé e a jurema sagrada foram também importantes e influenciam no que tem como culto hoje, e por isso muitas casas de umbanda realizam toques de Jurema e possuem a fé nos orixás. De todo modo, é importante citar que há diversas linhas de pensamento sobre a história da umbanda que temos hoje, seja afirmando que apenas existiu a partir de Zélio, ou que já existia antes e foi apropriado, e até a junção dos dois pensamentos, entendendo que Zélio se apropria de termos, costumes e saberes antigos, mas a partir disso a umbanda é institucionalizada e nomeada. Reconhecer a história e saber que desde sempre houveram benzedores e feiticeiros é também uma tentativa de entender o motivo de, só após pessoas brancas perpetuarem essas ideias, é

que estas foram aceitas. É também não apagar toda a luta de Luzia Pinto, Tatá Tancredo e tantos outros, que mantiveram vivos os saberes de seus ancestrais.

1.4 COLONIZAÇÃO, DITADURA, SINCRETISMO E ATUALIDADE

O sincretismo é presente, ainda hoje, em todas as religiões citadas aqui, iniciando com a colonização e sendo uma maneira de seguir com o culto de maneira mais discreta. Depois, servindo para se desvencilhar das leis racistas que acompanhavam a história do Brasil, proibindo a macumba, a capoeira, e tudo o que escancarava que, mesmo com toda a tentativa de extermínio das culturas originárias, a ancestralidade ainda resistia.

Os terreiros de candomblé foram duramente perseguidos e proibidos até a década de 30 deste século. Constantemente alvo de investidas policiais, sobreviveram e consolidaram graças às alianças que souberam firmar e manter. Renato da Silveira arrola dois tipos principais de alianças, além daquela fundamental e inter-étnica que possibilitou a (re)organização do culto: a aliança com os santos católicos e a aliança com personalidades influentes da sociedade que apoiavam e protegiam os terreiros. (SANT'ANNA, 1999).

No documentário “Chão de Terreiro - vivências e saberes”, o Pai Nathan de Exu cita que muitos terreiros surgem através de uma relação familiar, a partir de um cômodo na casa do responsável, ou no quintal, e que na região do seu terreiro, Morro do Chapéu, interior da Bahia, sempre escutava as batidas dos tambores. Hoje, esses barulhos são cada vez mais escassos justamente por conta da intolerância religiosa e racismo religioso, resultando na migração para a zona rural, que também possibilita um contato maior com os elementos naturais.

Mesmo que ainda tenham resquícios de sincretismo nos ritos, cantigas, saudações, é importante lembrar que há muitos espíritos que carregam a crença no catolicismo por conta do período em que viveram em terra. O tempo aqui não é o mesmo para eles, que carregam costumes e vivências do tempo em que foram vivos. Talvez não seja bem uma crença, mas a astúcia de driblar as condições de vida e poder professar a sua fé da maneira que fosse, mesmo sem concordar, mas foi essa “artimanha” que possibilitou que, hoje, este trabalho possa ser

escrito. Mesmo que muito tenha sido perdido, modificado, misturado, de toda forma resistiu, e essa é a importância de saber sobre a própria história: a tentativa de resgatar a verdade.

Além da colonização, outro evento que impactou o culto de religiões de matriz africana e indígena foi a ditadura militar, período onde houve extrema perseguição a tudo que era diferente da fé cristã. Pode-se entender esses momentos de repressão como marcantes, mas não os únicos, repressão esta que perdura até hoje, discussão exposta na obra de SIMAS (2024). Em entrevista para a Agência Brasil¹, a ialalorixá Mãe Menininha d'Oxum narra alguns acontecimentos do período ditatorial brasileiro:

Entravam nos terreiros, quebravam o Sagrado. A polícia quebrava. Muitas peças estavam na polícia como prova de crime, como se a gente professar uma religião fosse crime. Nós éramos criminosos por ser de candomblé e por ser de umbanda e outros segmentos da África. (...) Nos anos 70, muita coisa. Fui a uma reunião uma vez por conta de uma senhora que passou por isso. Que coisa triste. Entraram na casa dela. Entregaram um pedaço de madeira na mão dela para ela mesma quebrar [os objetos sagrados]. Muita humilhação. Ela não tinha alternativa e quebrando e chorando todo o Sagrado que era meu também (Mãe Menininha d'Oxum em entrevista para a Agência Brasil, 2024).

Também em entrevista para a Agência Brasil, Luiz Antônio Simas cita que o período ditatorial não foi o pior para sua família. Simas, historiador, tem como avó uma alagoana criada em Pernambuco, macumbeira (como ele mesmo cita em seu livro “Umbandas: uma história do Brasil), e esteve imerso na vivência de terreiros desde o seu nascimento, crescendo no terreiro de sua avó e os da região. Simas narra que o aumento das perseguições muitas vezes não era de conhecimento de sua família, na região de

¹ BRASIL, Cristina Índio do. Ditadura invadiu terreiros e destruiu peças sagradas do candomblé. Acesso em 01 de junho de 2025. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-04/ditadura-invadiu-terreiros-e-destruiu-pecas-sagradas-do-candomble>>.

Nova Iguaçu², mas que no período da Primeira República, a Era Vargas, na década de 1930, como ele narra: “O negócio foi muito pesado na primeira República, inclusive quando a polícia começa a apreender uma série de objetos que farão parte da infame coleção Magia Negra, que era o nome dado à coleção de objetos sacros apreendidos pela polícia” (entrevista cedida à Agência Brasil, 2024).

Conforme dito anteriormente, no período ditatorial, muitos elementos foram apreendidos e roubados, como bem nomeia Mãe Menininha d'Oxum, pela força policial, e esses elementos estavam, até 2023, há apenas dois anos, no antigo prédio do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Os objetos agora fazem parte do acervo “Nosso Sagrado” no Museu da República no Rio de Janeiro. O fato de ter apenas dois anos desde o resgate das peças que foram roubadas, escancara que há ainda um longo caminho a ser percorrido para a luta contra o preconceito, a intolerância religiosa e o racismo, ainda mais em um período político mundial de ascensão do conservadorismo. Tais perseguições ocorridas no passado na verdade nunca diminuiriam nem cessaram, e até os dias atuais os terreiros e povo de santo vivem sob constantes ameaças, seja da força policial ou até da própria população, vivendo sob constante hostilização. Esse passado é, infelizmente, ainda presente, justificando a migração dos terreiros para as zonas periféricas da cidade ou para o meio rural, cada vez mais distantes e onde possam evitar “incomodar”. Entretanto, é uma inversão de valores, já que esses grupos são as vítimas, ou seja, são esses espaços que são incomodados e violados e precisariam estar recebendo proteção para que a liberdade de culto³ assegurada pela Constituição pudesse ocorrer.

² Aqui, é interessante perceber que ele trata do aumento das perseguições não ter sido notado, mas em um sentido de que, infelizmente, era comum.

³ Artigo 18º: Toda pessoa tem direito à liberdade de religião, consciência e pensamento — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Requerimentos de Pensão Especial da Lei 11.520 de 2007.

2. ARQUITETURA DE TERREIROS

Nesta seção os assuntos abordados serão sobre os terreiros propriamente ditos, iniciando por uma breve explanação sobre os terreiros de Candomblé tombados no Brasil, seguindo para as duas entrevistas realizadas para essa etapa nos seguintes terreiros: Casa de Axé do Mestre Zé Pilintra e Ilê Obá Asé Ebé Alaafin Oyó.

Para entender a arquitetura de terreiro é necessário entender a história e dinâmica dos cultos, e talvez a dificuldade de realizar algum projeto de arquitetura para um templo seja justamente porque todas as religiões citadas são permeadas por segredos e mistérios que só podem ser revelados para quem se inicia, e também na hora que é autorizado pelo sagrado. Portanto, todas as entrevistas foram conduzidas pelos líderes espirituais que autorizaram tudo o que está sendo exposto aqui, sem revelar nenhum dos segredos. Além disso, é importante levar em consideração que tudo tem um motivo de ser, desde a localização de algum elemento sagrado, ou a implantação no terreno na edificação.

O terreiro é necessário pois, além de ser um espaço de concentrar os elementos do culto, para que este seja realizado é preciso haver proteção espiritual, que são chamadas de firmezas. Essas firmezas são atos realizados pelos sacerdotes tanto no início de uma cerimônia, toque ou gira, para assegurar o controle das energias ali presentes, como também podem ser firmezas fixas que estão ali implantadas desde a sua construção. Na construção de um templo, além de saber escolher os locais de implantação dos espaços, há também alguns segredos que fazem parte do processo e são refletidos no local de estar dos elementos que desempenham funções desejadas. Um exemplo é o poste central encontrado em muitas casas de candomblé, que representa a ligação entre os dois mundos: Àiyé, o mundo material, físico, a terra, e o Orum, mundo imaterial, espiritual, o céu.

Conforme anteriormente citado, muitos terreiros iniciam os seus trabalhos dentro da constituição familiar, muitas vezes em uma porção da casa, como um quarto ou um quintal que é destinado para as práticas espirituais. Neste trabalho, a primeira entrevista realizada é de um terreiro em sua fase inicial, cujos trabalhos começaram recentemente, e possui essa configuração típica, sendo uma porção do cômodo da responsável. Já na segunda entrevista, o terreiro possui mais de 20 anos, possibilitando visualizar essas mudanças e alterações que são realizadas durante a estruturação do terreiro, que há de crescer juntamente com seus fundadores e suas adaptações. Afinal, é o local de trabalho material do invisível, e também modificado aos moldes dele.

**EU ABRO OS MEUS TRABALHOS
COM A FORÇA DA JUREMA
EU JUREI, JUREI, JUREI
JUREI PERANTE A JUREMA
JUREI E TORNO A JURAR
JUREI POR TODA A JUREMA
PRA NUNCA FAZER O MAL**



Figura 04: Mestre Zé Pilintra e Mestra Navalli sambando, colagem de autoria própria (2025). Imagem base de autor desconhecido (s/d).¹

¹ Ponto de Jurema Sagrada. Imagem base da árvore Jurema de autoria própria (2025), imagem mestres disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/267260559132546288/>>.

2.2 TERREIROS TOMBADOS

Para além dos terreiros entrevistados, para embasar este trabalho foi necessário analisar os primeiros terreiros tombados em nível federal no Brasil, a fim de entender a dinâmica, a visão do patrimônio sob o ponto de vista arquitetônico e como funcionou o processo de tombamento, valores identificados. Na entrevista realizada, o Babá Obalajó cita a importância da existência de seu terreiro na região, e como isso movimentou de forma mais ágil políticas públicas na região. Nos arquivos trazidos pela revista RUA, os terreiros abordados são: o Terreiro da Casa Branca, primeiro terreiro tombado no Brasil, seguido do terreiro Axé Opô Afonjá, Terreiro do Gantois, finalizando com o Terreiro do Bate Folha. Na época da publicação, no ano de 2003, eram os únicos terreiros protegidos até o momento.

Figuras 05 e 06: Imagens do terreiro da Casa Branca.

Fonte: autor desconhecido; Lucas Moura/SECOM PMS (s/d).¹

¹ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1636/>>; <<https://cadernobaiano.com.br/terreiro-casa-branca-recebe-titulo-de-propriedade-e-ganhara-memorial/>>.



Figuras 07 e 08: Imagens do Terreiro Axé Opô Afonjá.

Fonte: autor desconhecido (s/d); Darío G. Neto/ASN Ba (s/d).¹

¹ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1637/>>; <<https://ba.agenciasebrae.com.br/dados/presidente-do-sebrae-visita-terreiro-ile-axe-opo-afonja-e-percorre-roteiro-turistico/>>.



Figuras 09, 10, 11 e 12: Imagens do terreiro do Gantois.

Fonte: autores desconhecidos (s/d).¹

¹ Disponível em: <<http://terreirodogantois.com.br/index.php/imagens/>>.

Figuras 13 e 14: Terreiro do Bate-Folha e planta do terreno de Feliciano Pereira de Jesus.

Fonte: autor desconhecido (s/d); APEB: Seção Judiciária, Inventários, 07/3136/01.¹

¹ Disponível em: <<https://www.salvadorbahia.com/capitalafro/destaques/terreiro-de-candomble-do-bate-folha/>>; <<http://bahia.com/historia.ba.gov.br/?homenagem=100-anos-do-terreiro-de-candomble-de-bernardino-do-bate-folha>>.



Nos documentos, é possível observar o cuidado com a especificidade do tombamento, se atentando para as particularidades do culto e a relação deste com o espaço. Há duas questões a serem analisadas: a construção e o paisagismo. Enquanto era visto como um problema ter a construção tombada, já que passava por constantes modificações e adaptações, os responsáveis viam como positivo o impedimento de modificações no paisagismo, pois já tinham o intuito de manter preservada a parte de vegetação, inclusive para prevenir que este espaço fosse reduzido futuramente. Essa é a prova do cuidado e a importância da natureza para os adeptos, olhar este que contribui inclusive com o bem estar ambiental e preservação geral. É colocado em prática a frase em iorubá “ko si ewe, ko si orixa”, que significa “sem folhas não há orixá”.

Atualmente, 11 terreiros são tombados pelo IPHAN como patrimônio cultural. Em matéria do Nonada, a jornalista Isabelle Rieger cita que um dos problemas da ampliação deste número pode estar relacionado à burocracia envolvida. Na mesma matéria, é possível entender a significância do espaço dos terreiros nas comunidades tradicionais como resistência, no caso da reportagem, ao se tratar de comunidades quilombolas. Entretanto, é necessário o envolvimento da comunidade no entendimento da importância do tombamento e no que isso significa, benefícios e também compromissos.¹

1 Disponível em: <<https://www.nonada.com.br/2023/10/tombamentos-de-terreiros-e-quilombos-pelo-iphan-e-ferramenta-contra-ameacas-e-conflitos-de-terra/>>

2.2 CASA DE AXÉ DO MESTRE ZÉ PILINTRA

Durante a pesquisa, a primeira casa visitada foi a Casa de Axé do Mestre Zé Pilintra, localizada em Taguatinga Norte, Distrito Federal. O terreiro possui pouco tempo de existência, sendo fundado oficialmente em 2024 e tendo como responsável Shirlei da Silva Bento. A entrevistada tem 48 anos de idade e é professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, mãe de quatro filhos carnisais e três filhos de santo, até então.

Shirlei, anteriormente, era protestante, e sua trajetória na religião se iniciou em 2012, após o falecimento do seu filho. Começou a frequentar centros espíritas kardecistas, migrando depois para um terreiro de umbanda cruzado com candomblé ketu, onde foi iniciada ao orixá. Após alguns anos se desligou dessa casa e passou a participar de um terreiro de umbanda e jurema sagrada. Por conta de frustrações resultantes das relações interpessoais, Shirlei se viu descontente pois queria cultuar e trabalhar para “o santo”, e via isso se perdendo em meio aos conflitos humanos. Dessa forma, suas entidades a orientaram a cultuar e zelar em sua própria casa, inicialmente sozinha, dentro do possível.

Em relação à sua ancestralidade, seu pai era de Candomblé, apesar de hoje já não fazer parte da religião, isso influenciou o seu caminho e missão aqui, no àiyê (é a terra, mundo físico para o povo yorubá). Tal fato é marcante, pois é extremamente importante para os adeptos da religião o conhecimento de sua própria história e, por ser um culto ancestral, o caminho percorrido pelos familiares dita e interfere o destino do filho de terreiro, entender isso elucida muito do que ocorre na vida presente deste, no aspecto espiritual ou não. Além disso, em seu caminho espiritual já havia se revelado através de oráculos a predileção ao sacerdócio.

No que tange às religiões de matriz africana e indígena, é importante os olhares acerca do passado ancestral e também a consulta através



Figura 15: Imagem da responsável do terreiro em um dia cotidiano no espaço.

Fonte: Autoria própria (2025).

de oráculos, sejam eles jogo de búzios, cartas, cabula, e outros jogos que variam de acordo com a religião e método de trabalho. Através desses jogos o consulente consegue ter informações acerca do seu passado, presente e futuro, assim como compreender o invisível e sua missão, e são uma forma de possibilitar esse contato e comunicação entre o mundo físico e espiritual. Nos itáns¹ é possível perceber que até mesmo os orixás faziam consultas com Orunmilá (Ifá, divindade da adivinhação e sabedoria), demonstrando a importância dessa consulta para os adeptos. Os jogos são maneiras de elucidar, orientar e aconselhar o indivíduo.

Em 2020, a zeladora havia comprado um terreno em Santo Antônio do Descoberto - GO, entorno do DF, que esperava destinar no futuro para as atividades espirituais, mas com uma gravidez inesperada e dificuldades financeiras para iniciar a construção, acabou por vender. O terreno tinha um desnível considerável e o solo precisava de tratamento adequado para o plantio de árvores, o que acentuava os gastos, além de não ter o acompanhamento de profissionais capacitados para auxiliar. Em 2024, já cultuando seus orixás e entidades na sua residência, recebeu a incumbência de suas entidades para começar a atender pessoas que precisavam de ajuda, acolhimento e direcionamento espiritual. A zeladora cita que, tanto para o terreno, quanto para o início das atividades em sua casa, não havia a ideia de quantos filhos de santo queria e poderia ter, e que isso nunca foi uma preocupação, e sim buscava apenas poder ter um espaço adequado para o culto e realização das atividades propostas e solicitadas pelas divindades e entidades.

O terreiro está localizado aos fundos de sua casa,

¹ A palavra nagô itán designa não só qualquer tipo de conto, mas também essencialmente os itán àtowódówó, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações, transmitidos oralmente de uma geração a outra, particularmente pelos babaláwo, sacerdotes do oráculo Ifá. Os itán-Ifá estão compreendidos nos duzentos e cinquenta e seis “volumes” ou signos chamados Odù, divididos em “capítulos” denominados ese. Juana Elbein dos Santos apud Ruy do Carmo Póvoas em ITAN DOS MAIS-VELHOS (Contos) (2004).

dividindo o espaço com a sua área de serviço, churrasqueira e itens pessoais do cotidiano. Iniciou primeiro com algumas imagens e seus objetos pessoais da religião, e aos poucos, com a ajuda de seu povo (orixás e entidades que fazem parte da coroa² do filho de santo), o terreiro foi nascendo e tomando corpo. O terreiro de seu Zé Pilintra³ nasceu quando a zeladora menos esperou, e mesmo sem certeza e com medo da responsabilidade que estava tomando, seguiu em frente e iniciou os trabalhos. Mesmo sem espaço adequado e sem o planejamento que esperava ter, o único guia e combustível foi a fé.

A escolha da entidade responsável pelo terreiro também remonta à ancestralidade. Shirlei é carioca, de pai carioca e mãe paraibana. Desde pequena sempre se impressionou e admirou a imagem de Zé Pilintra, malandro encantado muito presente no imaginário do Rio de Janeiro. Quando entrou para a religião, descobriu que o mestre fazia parte de sua coroa, logo, estava em seus caminhos. Por ter um grande carinho e fascínio pela entidade, sempre soube que, quando tivesse uma casa, o homenagearia, e assim fez. Hoje, Shirlei considera o seu terreiro como de Umbanda com certa influência da Jurema Sagrada, pois é a linha de trabalho da entidade responsável pelo espaço, mas deixa claro que não há denominação certa, pois é guiada e faz de acordo com o que Zé Pilintra, o responsável, e seus orixás (filha de Iansã e Ogum) e entidades ditam e pedem.

Como dito anteriormente, o terreiro é um espaço na casa de Shirlei, ocupando metade do quintal dos fundos e sendo um espaço desmontável. Mesmo que tenha as firmezas necessárias para

² Para as religiões, a cabeça é parte essencial do corpo físico, e é onde há a conexão entre o mundo tangível e o intangível. Culto ao ori, coroa, são modos de entender e representar esta conexão. “Fazer parte da coroa” significa as entidades e orixás que fazem parte do caminho e vida do indivíduo, que trabalham em conjunto com ele (pode ter relação ou não com a incorporação).

³ Entidade/encantado muito conhecido no imaginário brasileiro, com origem na Jurema Sagrada, mas muito popularizado na linha da malandragem no Rio de Janeiro, sendo figura associada à Lapa e à vida boêmia.



Figuras 16 e 17: Imagens do terreiro em dia de gira de Exu e Pombagira.

Fonte: Autoria própria (2025).



Figuras 18 e 19: Imagens da sacerdotisa em dia de gira, e imagem durante gira de erê (crianças).

Fonte: Autoria própria (2025).



os trabalhos serem realizados, de acordo com o que é pedido pelos guias, ainda se trata de um ambiente improvisado e que precisa ser dividido com as outras funções do cotidiano dos moradores.

Nos dias de trabalho, os materiais que não são de uso espiritual, são armazenados no interior da residência, e quando os trabalhos são encerrados, o espaço é limpo e reordenado com os materiais recolocados. É importante frisar que tudo o que acontece passa pelo aval das entidades responsáveis pela casa, neste caso, o mestre Zé Pilintra.

Além das giras⁴, o terreiro realiza a cada três meses a entrega de marmitas para pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social, geralmente em hospitais públicos da região. Pouco tempo antes da data de entrega começam as campanhas para conseguir doação dos ingredientes, e no dia das entregas o terreiro reserva o dia todo de trabalho para a ação. Além disso, também realizam, quando possível, doação de roupas e cestas básicas para essas pessoas. No início, era uma grande dificuldade fazer a quantidade de comida necessária, já que chegam a distribuir de 80 a 100 marmitas por vez, pois tudo é feito também em sua casa, numa cozinha residencial comum. Sem os utensílios e materiais próprios, levavam tempo exacerbado para a realização das atividades. Recentemente, o terreiro recebeu a doação de um fogão industrial e panelas grandes próprias para o uso que necessitam, o que facilitou a logística e o tempo empregado. Agora, a maior parte das comidas são feitas na área externa, no mesmo quintal onde são localizados a área de serviço e o terreiro, onde montam o fogão e a mesa e se dividem em funções.

Em relação aos gastos com a casa, os filhos de santo contribuem com uma mensalidade simbólica que consegue cobrir alguns custos como velas, e os outros gastos são divididos igualmente quando precisam realizar algum

⁴ Giras é como são chamados os eventos realizados no terreiro, os cultos, celebrações, cerimônias ao sagrado.

trabalho. Por ser o seu lar, a zeladora acaba arcando com as contas como água, luz e gás. Quando é preciso realizar algum trabalho espiritual, este não é cobrado, mas os materiais necessários são de responsabilidade da pessoa atendida, sejam essas de fora do terreiro, ou os membros deste.

O terreiro é localizado em uma área urbana e residencial, onde não é inicialmente predestinado para o uso atual. Em relação à vizinhança, Shirlei cita que tentam se conter nos cantos e batuques, com medo de incomodar os vizinhos. Não há nenhum indicativo de que a casa é também um terreiro, como placas ou quaisquer identificação. Dessa forma, as giras são realizadas, quando abertas,⁵ com a presença de pessoas já conhecidas que podem eventualmente levar convidados. Mesmo com toda a discricção, a zeladora já sofreu intolerância religiosa por vizinhos, que proferiram ofensas para a pessoa da Shirlei e de sua religião, ao a avistarem com sua roupa de santo na porta de sua casa.

Como principais problemas, a entrevistada enumera, principalmente, a falta de espaço adequado. A tronqueira⁶, os assentamentos⁷ e o próprio terreiro já possuem tamanhos insuficientes para as necessidades de hoje, mas sem a possibilidade de expansão. Além do espaço, outra queixa é a dificuldade de separar

⁵ Giras abertas são aquelas onde as atividades recebem assistência e consulentes de fora do terreiro, onde há atendimento. Giras fechadas são internas e apenas para membros.

⁶ Tronqueira é a primeira firmeza assim que se adentra o terreiro, ainda na garagem. Se trata do espaço destinado ao povo de rua, exus e pombagiras, e à Esú orixá. Nas tronqueiras estão algumas firmezas do terreiro.

⁷ São particulares a cada culto e religião, mas em resumo, trata-se de uma representação física do sagrado e ligação entre os espíritos e o mundo físico. Na tese de OLIVEIRA (2021) o autor traz o seguinte significado: “Na compreensão da religião, tais assentamentos são artefatos sagrados nos quais ocorrem os envoltamentos das entidades por meio de processos rituais. Acredita-se que, com os envoltamentos, os assentamentos se tornam um elo físico com os espíritos cultuados.”

Casa de Axé do Mentre
Zé Pilintra
(2025)
Taguatinga Norte - DF

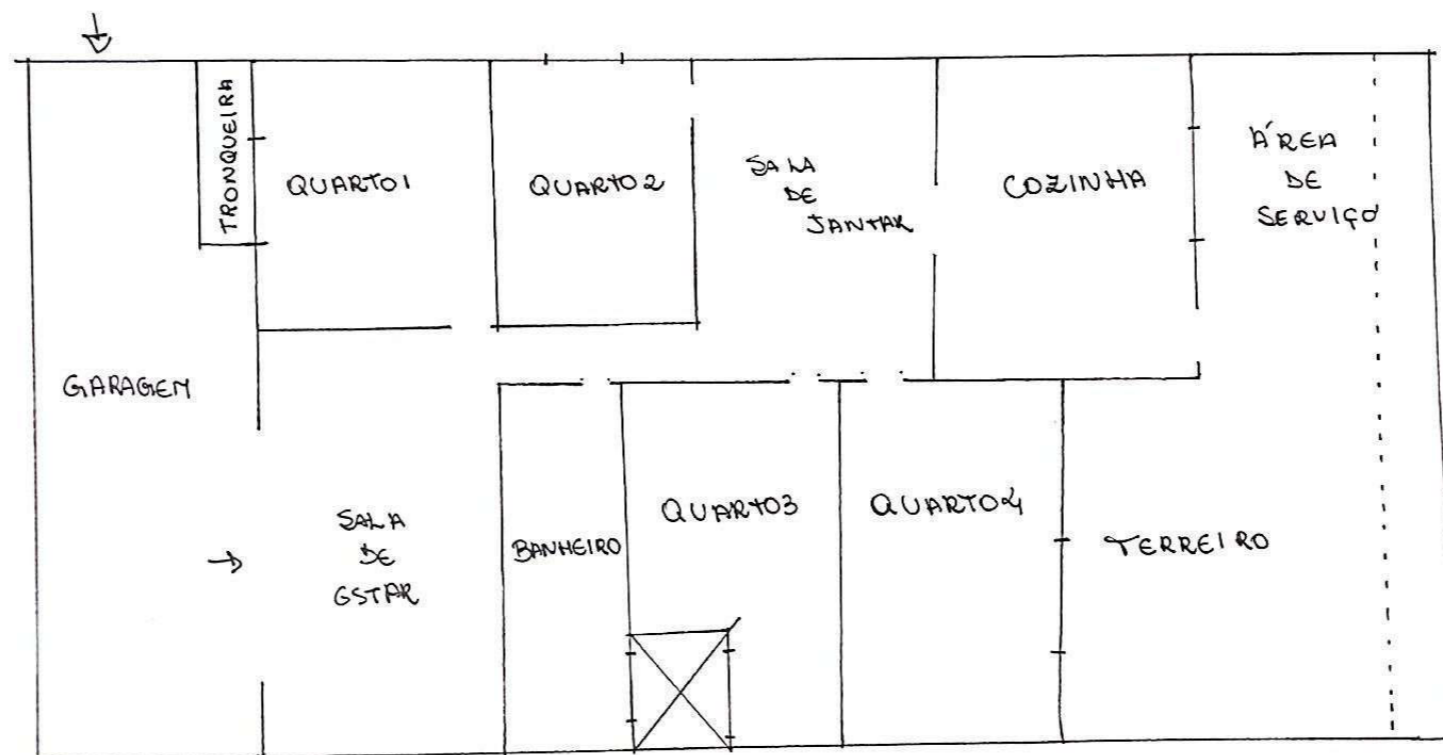


Figura 20: Croqui do terreno do terreiro.

Fonte: Autoria própria (2025).

o espaço e as atividades do terreiro e da sua casa. Hoje, há quatro moradores na residência, Shirlei e seus três filhos. A casa só possui um banheiro e uma cozinha. Em dias de trabalho, esses ambientes e as salas são utilizados pelos frequentadores, tirando a privacidade dos moradores e trazendo aflição também para Shirlei, pois os itens de sua casa ficam sem supervisão e acessíveis para todos. Além da preocupação com a dinâmica do seu lar, a zeladora cita também que o cenário atual não é o ideal em relação à religião (por ser seu espaço íntimo, a “energia” das pessoas fica na sua casa, não só no terreiro), já que seria necessário ao menos uma entrada individualizada para o terreiro, sem a necessidade de atravessar toda a casa até chegar nos fundos.

Em relação às zonas de trabalho e uso principais, para os trabalhos serem realizados os filhos de santo precisam tomar banhos de ervas, que por sua vez tendem a manchar o piso por conta da pigmentação. Além disso, mesmo sendo quatro pessoas, o espaço é insuficiente tanto para manter o asseio necessário, quanto para facilitar a logística e respeitar os horários dos trabalhos. Em caso de giras abertas, esse fluxo aumenta e inviabiliza ainda mais o controle e limpeza do local. Idealmente, seria necessário ter mais de um banheiro, e que este fosse destinado apenas às funções do terreiro, assim como a cozinha e áreas comuns, viabilizando a privacidade dos moradores da casa, melhorando a funcionalidade e logística do ambiente.

Shirlei cita a sua experiência em seu terreiro anterior, que era localizado em Luziânia - GO. O espaço era em uma zona de chácaras e tinha um bom espaço, porém enfrentavam dificuldades que já se iniciavam na entrada para o terreiro. Alguns problemas estruturais e materialidade atrapalhavam o dia a dia no terreiro e os trabalhos, até causando acidentes. Havia também muitos problemas de ventilação e iluminação, que refletia, por exemplo, no trabalho dos cambones⁸, ao realizar

⁸ Cambones são pessoas que fazem parte da corrente (membros do terreiro) e são responsáveis por auxiliar as entidades durante o culto.

as anotações durante a gira. Além disso, as disposições dos quartos e banheiros também era um problema para os médiuns em dias de gira e função⁹.

Na parte externa, haviam os espaços dos santos e entidades, alguns foram ao chão devido ao ataque de cupins e problemas estruturais das edificações. Havia também a camarinha, que era o espaço onde ficavam recolhidos os filhos de santo para os atos iniciáticos e obrigações, assim como também eram recolhidos na casa do povo de rua (exus e pombagiras) quando eram realizados trabalhos para a linha da esquerda. Ambos não tinham ventilação adequada.

Em relação à burocracia e regularização do espaço de culto, hoje Shirlei não possui inscrição na Federação Espírita, o que inviabiliza a isenção de impostos. A responsável cita que o processo é burocrático e necessita de diversos profissionais envolvidos, como advogados e contadores, o que foge das suas possibilidades atuais. Em relação à sua casa anterior, onde foi citado parte da sua arquitetura, a mãe de santo responsável passou anos buscando a regularização, sem sucesso, por falta de dinheiro para pagar os profissionais. É importante citar que, mesmo a regularização sendo feita na Federação Espírita, essa federação é mais ligada ao kardecismo e não às religiões de matriz africana e indígena. A entrevistada cita que, por ser de uma religião elitizada, quando são assuntos das religiões marginalizadas os impedimentos e burocracias aumentam, citando novamente sua mãe de santo, que faleceu sem ter a regularização do terreno deferida, pois mesmo quando tinha o que era necessário, eram colocados empecilhos.

Ao ser questionada sobre o motivo de, mesmo com tantas dificuldades, a zeladora manter seu terreiro e neste caminho, ela cita que é movida pela fé e o amor pelo espiritual, e que tudo isso ultrapassa o medo, a discriminação e as dificuldades enfrentadas. Conforme anteriormente citado, diferente de uma igreja

9 Como são chamadas as atividades dentro de um terreiro, para além das giras.

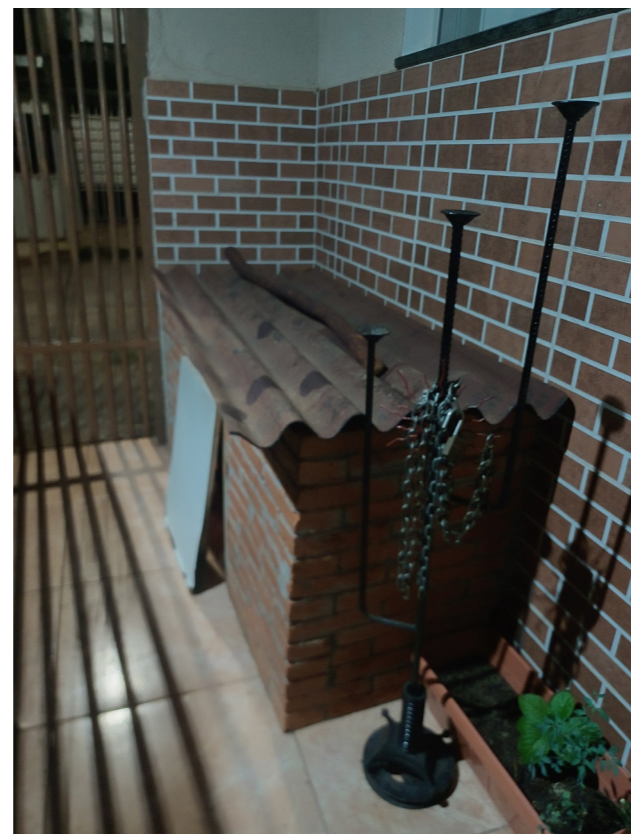


Figura 21: Preparo das marmitas para doação.

Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 21: Tronqueira, logo na entrada da casa.

Fonte: Autoria própria, (2025).



católica ou evangélica que tem o apoio da sociedade e das instituições responsáveis, as religiões de matriz afro-ameríndia são 'independentes', o que torna o percurso mais penoso.

2.3 ILÊ OBÁ ASÉ EGBÈ ALÁFÍN ÒYÓ

O segundo e último terreiro visitado foi o Ilê Obá Asé Egbè Aláfín Òyó, que significa “casa de força do rei governante de Oyó”, em referência ao orixá Xangô, que foi o quarto rei de Oyó, reino iorubá, hoje uma cidade na Nigéria. O espaço é localizado em Águas Lindas de Goiás, cidade do entorno do Distrito Federal, e tem Eliel Inácio da Silva Júnior (Babá Obalajó)¹, de 44 anos, como responsável. Além de babalorixá, Eliel é formado em Farmácia, e atualmente é empresário, professor, farmacêutico, comerciante, costureiro e membro da DECRIN (Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual, ou contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência).

Eliel é pernambucano, nascido em Recife, e iniciou sua trajetória na religião ainda na infância. O entrevistado cita que sua história iniciou com Dona Luziara, entidade Mestre na Jurema Sagrada e que é dona da cabeça dele. Sua mãe trabalhava em um salão de beleza, e aos fundos do espaço tinha o terreiro de Josefa de Iansã, o qual sua mãe ia em algumas sessões e ele o acompanhava. Eliel foi batizado por Mestre Sibamba e Mestra Ritinha assim que nasceu na Jurema Sagrada, legado que vem desde a sua avó. Quando tinha por volta de 7 anos, quando ia ao terreiro ele já se envolvia tocando maracas e ilú, instrumentos da Jurema Sagrada, este último sendo tocado também nas casas de tradição nagô em Pernambuco.

Após uns anos sua mãe se afastou da religião, mas como já era maior, fugia e ia até os festejos e sessões escondido. Aos 11 anos assistiu à uma festa de Candomblé na casa do Babalorixá que o iniciou posteriormente, se emocionou e quis participar. Eliel cita que nada sabia sobre o candomblé até então, e geralmente ia às festas também por conta da comida. Ao jogar

¹ Seu nome de sacerdote, já que após iniciado, o indivíduo renasce e ganha um novo nome na religião, a diijina.

Ilê Obá Asé Egbè Aláfín Òyó
(2025)
Águas Lindas de Goiás

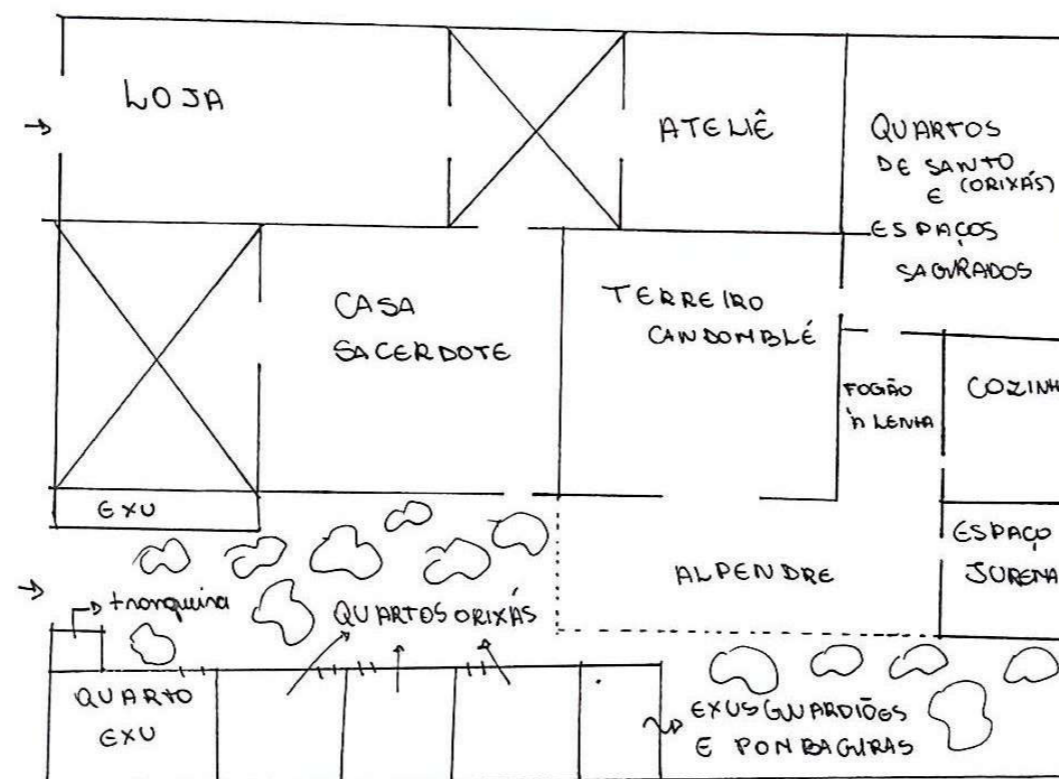


Figura 22: Croqui do terreno do terreiro.

Fonte: Autoria própria (2025).

búzios com esse sacerdote, foi revelado que era de Xangô, mas ficou em dúvida pois em Recife costumavam chamar todas as casas de matriz africana de Xangô, ao invés de terreiro ou ilê asé, exemplo: Xangô de Maria, Xangô de João, etc. Aos 15 anos se iniciou ao orixá neste terreiro, aprendeu a jogar búzios observando os jogos que eram feitos, além de assistir e acompanhar os ebós² e rituais que eram feitos. Seria nomeado pai pequeno³ do terreiro, mas saiu antes disso acontecer.

Em Recife teve o convite para se mudar para Brasília com a promessa de um emprego. Essa promessa não se concretizou, mas após cobrar o responsável por trazê-lo, conseguiu um cargo de auxiliar na Sede da Federação Brasileira de Umbanda e Candomblé e da Confederação Espírita do Brasil. Além de auxiliar, se tornou secretário posteriormente de José Paiva de Oliveira, que é conhecido como o Rei do Candomblé e foi responsável por montar a Prainha, em Brasília (Praça dos Orixás, às margens do lago Paranoá), que é um espaço memorial para orixás, com esculturas das divindades produzidas pelo escultor Tatti Moreno de Salvador.

Em Brasília foi onde Eliel conseguiu dar continuidade aos seus estudos, se formando no ensino médio e ingressando no ensino superior, além de ser o início da sua vida sacerdotal. Em um jogo havia sido revelado seu caminho para o sacerdócio, o que ele descobriu ser sua missão. Primeiramente, com a ajuda de seu marido e dos filhos de santo comprou um terreno, próximo ao atual, na região do Camping Club, mas acabou por vender por conta do tamanho reduzido. De toda forma, sua intenção neste terreno não era destinar ao comércio nem ao templo religioso.

Em 2002 conseguiu comprar o terreno que até hoje é seu terreiro, por um preço abaixo do mercado, em uma área onde o loteamento

² Ebós: ritual de limpeza.

³ Pai ou mãe pequena: cargo na hierarquia no candomblé que vem logo após o pai de santo, num processo de preparação para se tornarem sacerdotes; segundo sacerdote, apoio.

estava sendo iniciado. Inicialmente, havia apenas uma casa pequena e um pequeno barraco aos fundos. Com a ajuda dos filhos de santo, conseguiu erguer o barracão e fundar o terreiro, sendo inaugurado em 2003. Após um período, ganhou de um dos filhos de santo o terreno ao lado, onde expandiu e criou um novo acesso, outras alterações foram feitas desde então, aos poucos. Não houveram profissionais envolvidos na concepção do terreiro por falta de verba, onde o entrevistado cita que os orixás Xangô e Ogum estiveram à frente, guiando. Xangô, como patrão, e Ogum como engenheiro, já que é dono do ferro, da tecnologia e da metalurgia. Engenheiro Ogum e patrão Xangô sem engenheiros e arquitetos. Atualmente, o terreiro de Eliel é Candomblé de Nação Kétú, com o culto a orixás, e realiza toques para a Jurema Sagrada, pertencente à família da Jurema Preta.

O terreno tem em torno de 1.200 m² e abriga a casa do sacerdote, o comércio de artigos religiosos, o ateliê, o terreiro de candomblé, onde Xangô é o orixá regente, os quartos dos orixás, o espaço de Dona Luziara⁴ e da Jurema, além da área verde. A porção do Candomblé, compreende o salão principal, o roncó, que são os quartos onde as pessoas iniciadas ao orixá se recolhem e também onde ficam os igbás⁵ e objetos dos filhos de santo da casa, os quartos dos orixás, e logo após o acesso principal, a tronqueira, a cozinha, a despensa e o fogão à lenha.

Por todos os espaços é possível perceber a presença de Exu, o orixá, já que à frente de todos os quartos dos orixás há um Exu protetor e referente. Esses exus ficam assentados, em uma espécie de vaso de alvenaria preenchido com terra e os fundamentos, com algumas plantas e uma escultura do orixá coroando cada assentamento. Além disso, logo na entrada,

4 Nome da entidade que compõe a mestria de Jurema, mestra do sacerdote e que nomeia o comércio do entrevistado.

5 Igbás ou ibás são assentamentos feitos para os Orixás do iniciado, onde contém os objetos e segredos referentes àquela divindade e ao filho. Geralmente feitos de barro ou louça.



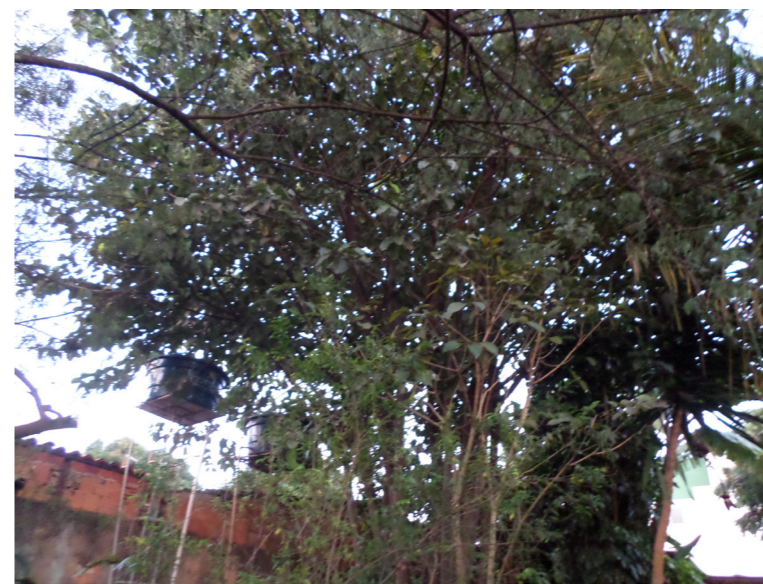
Figuras 23 e 24: Fogão à lenha e espaço da cozinha do terreiro.

Fonte: Autoria própria (2025).



Figuras 25 e 26: Imagens da área externa, com a tronqueira e as árvores sagradas.

Fonte: Autoria própria (2025).



há a tronqueira e o espaço para os ancestrais, onde Eliel cita que, após o seu falecimento, ele permanece vivo ali de forma simbólica, assim como os outros que virão e ficarão ali (ilê igbó). Os quartos de orixás da parte externa são espaços de alvenaria simples, com reboco, alguns com pintura, como Esú, outros sem, como de Obaluaê, e cobertura de telha de fibrocimento, e com a porta de acesso sendo a única abertura. Há o quarto de Exu, dos caçadores (Oxóssi e Ogum), e o de Nanã, Obaluaê e Oxumarê.

O espaço é permeado por área verde por todos os lados, e todas as árvores e ervas têm fundamento e fazem parte do culto e proteção da casa. Há pés de dendezeiro, de jurema, iroko (árvore e orixá na cultura iorubá), cravo, canela e também uma cajazeira, árvore que é o espaço de culto às Iyami Oxorongá, as mães ancestrais. Eliel cita que as Iyamis fazem moradas em nove árvores diferentes, uma delas a que está presente em seu terreiro, e conta que cada árvore carrega um caminho espiritual. No caso do pé de cajá, está atrelado ao caminho da prosperidade.

Continuando na porção que compreende o Candomblé, há um extenso alpendre que conecta o salão dos orixás ao espaço de Dona Luziara. O salão principal tem a entrada dos visitantes e também a entrada dos filhos de santo. Na parte de fora, há ainda o fogão à lenha, a cozinha e a despensa, com inúmeras louças que são utilizadas nos dias de festa, provavelmente para o ageum.⁶ No salão principal, há o poste central, onde o xirê⁷ e as festas são feitas em volta dele, o trono de Xangô, a área de atabaques e a mesa de atendimentos, onde o babalorixá realiza os jogos de búzios em consultas individuais. Ao lado do salão há os quartos de santos internos, onde há o quarto de Xangô, este tendo apenas os pertences de Eliel, além dos quartos de Oxalá, Oxum, Iemanjá e Iansã. Estes espaços não foram fotografados pois não foi permitido.

6 Ageum ou ajeum tem tradução literal “comer juntos”. É o momento onde são servidas as comidas, geralmente em forma de verdadeiro banquete, e onde os filhos de santo e a assistência se reúnem para comer e celebrar.

7 Celebração de invocação aos orixás.



Figuras 27 e 28: Imagens do quarto de Esú orixá, com os assentamentos.

Fonte: Autoria própria (2025)

Figuras 29 e 30: Entradas das casas de orixás externas, com máscaras e assentamentos.

Fonte: Autoria própria (2025).



Figuras 31 e 32: Cajazeira, árvores das Iyamis.

Figuras 33 e 34: Entrada e salão do terreiro de candomblé.

Figuras 35 e 36: Escultura central no salão e espaço dos ogans.

Fonte: Autoria própria (2025).



Esses espaços têm janelas, entretanto, são viradas para o corredor de acesso que é coberto, não tendo ventilação natural.

A porção da Jurema Sagrada, que tem a regência de Dona Mestra Luziara, compreende um quarto com os seus pertences, assentamentos⁸ da Jurema Sagrada, ilus e maracas, instrumentos utilizados nos toques de Jurema e imagens das entidades. Esse quarto é de alvenaria simples, rebocado e pintado da cor branca, com uma porta e uma janela. Além do quarto de Dona Luziara, há também o quarto dos exus e pombagiras guardiões, onde os assentamentos dos filhos da casa estão organizados.

Além dos toques para Jurema, que ocasionalmente são feitos, há anualmente a festa de Dona Luziara em março, que conta com a presença de cerca de 1500 pessoas. Como o alpendre não é suficiente para abarcar todos os convidados, o sacerdote consulta o orixá Xangô através dos búzios e verifica se ele permite que o salão principal seja utilizado para os ritos de Jurema. Em relação aos banheiros, eles são em quantidade insuficiente, principalmente durante as festas maiores. Portanto, são alugados banheiros químicos. Em dias de atividades, os filhos são divididos em funções e atividades distintas, desde dentro do terreiro, até mesmo a fim de organizar o estacionamento na rua de acesso.

Para além do terreiro e espaços para as entidades e orixás, há também no terreno um ateliê, espaço de trabalho de Eliel, que recebe encomendas e trabalha na confecção de roupas para os orixás, entidades e pessoas do santo. O espaço é generoso, com as máquinas de costura e araras com as roupas e tecidos, onde há só uma entrada de luz e ar, uma espécie de jardim que divide o comércio do ateliê e da casa, e também dá acesso a eles. O comércio

⁸ Assentamentos: são elementos feitos após os ritos iniciáticos, com suas diferenças e particularidades de acordo com cada religião e seguimento. Em sua essência, são alguidares (prato de barro) com os segredos e magia, onde assenta-se a entidade ou orixá, se tornando um ponto de força aqui na terra.

tem o mesmo tamanho do ateliê, e tem entrada individual através da rua principal. Há o espaço do caixa, espaço das roupas e paramentas (acessórios utilizados durante a incorporação dos orixás), imagens e diversos materiais referentes às religiões. E, claro, também há Exu logo na entrada.

Figuras 37 e 38: Espaço oracular (jogo de búzios).

Fonte: Autoria própria (2025).



Figuras 39 e 40: Espaço da Jurema Sagrada, com as maracas e o ilu (instrumento).

Figuras 41 e 42: Quarto dos guardiões, exus e pombagiras.

Fonte: Autoria própria (2025).





Figuras 43, 44 e 45: Imagens de festejos dos orixás, com Esú e Osún na imagem, Mestra Luziara e durante toque de Jurema.

Fonte: Imagens cedidas pelo sacerdote (s/d).

Figuras 46, 47, 48 e 49 Ateliê e loja do sacerdote.

Fonte: Autoria própria (2025).

Como melhorias, o sacerdote cita que queria ter mais espaço e melhores condições financeiras. Além disso, queria ter espaço para criação de animais. Anteriormente ele teve alguns em sua casa, porém devastaram as suas plantas. Portanto, desejava ter um espaço apropriado para a criação dos bichos. Em relação à intolerância religiosa, houveram alguns episódios durante esses anos, mas um foi marcante. Durante uma cerimônia religiosa, um vizinho começou a apedrejar o espaço, quase acidentando alguns dos frequentadores, com a justificativa de que o barulho estava incomodando. Em relação aos terrenos que circundam o terreiro, alguns contém pequenos prédios com as janelas voltadas para o terreno do terreiro (pois anteriormente era terreno do babalorixá), alguns moradores fecham as janelas para evitar ver e ouvir os festejos, enquanto outros assistem da janela.

Mesmo com alguns episódios de intolerância e racismo religioso, por terem chegado na região no início da ocupação, hoje o terreiro e seus frequentadores são respeitados. Além disso, é importante citar o impacto que um espaço dessa magnitude tem para a vizinhança. Por muitas vezes o babalorixá ao cobrar melhorias da qualidade do asfalto, ou questionar o racionamento de água que ocorreu na região, foi atendido, beneficiando a todos os moradores. Essa influência e a luta do sacerdote aumentam o respeito e aceitação por parte dos vizinhos. Mas, mesmo com tudo isso, Eliel diz que o que o motiva é saber que está cumprindo a sua missão, e é guiado pela sua fé.

3. ESTUDOS

A proposta surge a partir do sentimento de necessidade da criação de um terreiro que pudesse surgir em condições favoráveis, a partir de um projeto arquitetônico que atendesse todas as demandas de um espaço sagrado, onde o empecilho financeiro não fosse um problema. As demandas atendidas foram levantadas a partir de uma percepção pessoal e das entrevistas, além da leitura dos textos e documentários e como os desejos são refletidos na arquitetura existente, que se molda a partir das condições dos líderes e membros dos terreiros. Além disso, desde o início foi uma premissa poder mostrar que é possível fazer uma boa arquitetura em um terreiro de culto a orixás, entidades e encantados, e que precariedade não é sinônimo de simplicidade, assim como criar o que seria “ideal”, de acordo com o considerado aqui, sem improvisos. Na verdade, ao decorrer da graduação a percepção que se destacou é que, na verdade, a elegância em um projeto simples e bem resolvido é, na verdade, um grande desafio.



Figura 50: Colagem de autoria própria (2025), imagem base de autor desconhecido (s/d).¹

¹ Música “Minha Trunqueira Sagrada”, de Morro da Crioula, imagem gira original disponível em: <<https://artsnftumbandadoseuze.blogspot.com/2022/09/arts-nft-umbanda-do-seu-ze-zelio-niterio.html>>.

3.1 BRASÍLIA

O projeto foi desenvolvido em Brasília, terceira capital do Brasil, após Salvador (1549 - 1763) e Rio de Janeiro (1763 - 1960).¹ Em resumo, Brasília é uma cidade recente, e torna-se capital em 21 de abril de 1960 após um desejo antigo, desde o Brasil Colônia, de levar a capital do Brasil para o interior do país, diferente da lógica até então aplicada de ter como capital cidades litorâneas. Sob o governo de Juscelino Kubitschek, o presidente em exercício, ficou conhecido pelo slogan “50 anos em 5”, que representava o tempo de construção da cidade, um marco do desenvolvimento econômico. Nesse período, foram para lá pessoas de todo o Brasil, conhecidos como candangos, levando toda a sua cultura, costumes e sonhos.²

Brasília hoje é a mescla da cultura de todos os povos, que foram responsáveis por erguer essa cidade que em 1987 foi reconhecida como Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (Unesco), e em 1992 a Portaria Iphan de número 314, inscreveu a cidade no livro do tombo a fim de preservar as características, como traz Vanessa Chini, diretora do Centro de Planejamento Oscar Niemeyer³. Escolher Brasília como espaço para a concepção de um terreiro é valorizar as raízes de tantos povos que, juntos, fizeram um projeto utópico se tornar realidade. É ainda mais emblemático ao pensar que, assim como os terreiros se afastam do centro, as pessoas que foram responsáveis por erguer a capital, nela não puderam residir, migrando para as regiões administrativas. A Brasília atual, diferente da ideia que apresentavam ao convidar os trabalhadores a mudarem para lá, é uma Brasília que segrega e que concentra em seu centro a elite branca, como demonstra a pesquisa realizada pelo

historiador Guilherme Lemos.

Conforme visto na figura acima, em relação às etnias, a população negra é maior ao redor do centro e nas extremidades, assim como a renda da capital é maior e concentrada no centro. A ideia da construção de um terreiro de uma religião marginalizada e perseguida no coração do país e em um ícone mundial da arquitetura e urbanismo modernista, é também uma maneira de honrar o povo que foi marginalizado e expulso dos grandes centros.⁴

Em pesquisa realizada pelo Centro de Cartografia Aplicada (CIGA) da UnB, através do Projeto Geoafro em parceria com a Fundação

⁴ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/04/21/aos-63-anos-brasilia-e-a-cidade-mais-segregada-do-mundo-aponta-pesquisador/>>.

Palmares, foram mapeados 330 terreiros de religiões de matriz africana no Distrito Federal, onde 43 (18,6% do total) se localizam na Ceilândia, seguido por Planaltina, que conta com 25 (7,57% do total), e Gama, Sobradinho I e II, Samambaia e Santa Maria com, em média, 15 cada (4,54% do total). Dos sítios religiosos mapeados, 57,8% são de umbanda, 33,5% de candomblé, e 9% seguem duas vertentes. Não há informações sobre a Jurema Sagrada. Destes espaços, 87,8% estão nos espaços urbanos, que expressa um número abaixo do esperado, já que muitos se deslocaram para as regiões do entorno.⁵

Um coletivo importante também é o ATRACAR - Associação das Tradições Culturais e Sociais Afro-Brasileiras e Ameríndias do Estado de

⁵ Disponível em: <<https://noticias.unb.br/117-pesquisa/2244-projeto-da-unb-entrega-mapeamento-de-terreiros-do-distrito-federal/>>.

Goiás, situados em Águas Lindas de Goiás, município do entorno do DF. Com o surgimento em 2017, se autointitulam um coletivo de representantes de povos tradicionais afro-brasileiros e ameríndios, e expressam que o objetivo do movimento é ser o intermédio entre os associados do coletivo e as autoridades públicas legalmente estabelecidas, a fim de lutar e garantir políticas públicas e defesa dos direitos do povo de terreiro. O movimento realiza diversas atividades, como o I Fórum dos Povos Tradicionais do município de Águas Lindas - GO, que conseguiu reunir 400 pessoas, além do projeto Terreiro Legal, que conseguiu regularizar 30 terreiros com o apoio financeiro do Fundo Brasil, como informam na página do Instagram do projeto.

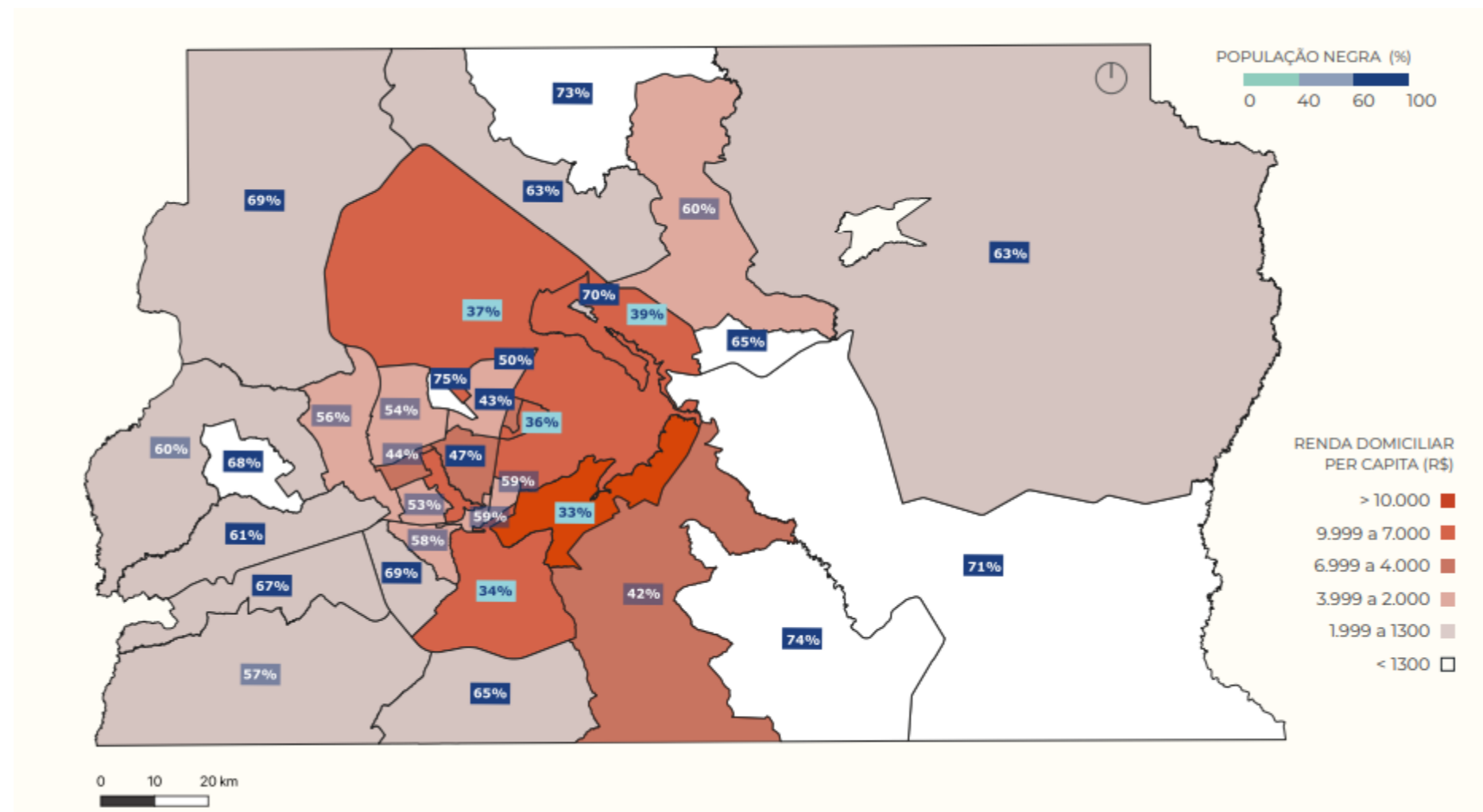


Figura 51: Rendimento domiciliar x População negra no DF (2021).

Fonte: Mapa das Desigualdades, Inesc - Instituto de Estudos Socioeconômicos, (2022).

¹ Capitais sonhadas, capitais abandonadas Considerações sobre a mobilidade das capitais nas Américas (séculos XVIII - XX), de Laurent Vidal (2011).

² Brasília: a cidade-sonho. Disponível em: <<https://www.df.gov.br/historia/>>

³ Disponível em: <<https://noticias.unb.br/artigos-main/7950-65-anos-de-brasilia-e-do-urbanismo-moderno>>.

3.2 O MEU LUGAR

O terreno escolhido para a realização do projeto está localizado no Setor de Clubes Norte, na L4 Norte, e o espaço era, no passado, o Clube do Servidor que estava em funcionamento durante os anos 70 e 80, e possui arquitetura marcante. O espaço está desativado desde 1997, com todas as construções em estado de deterioração. Atualmente, está sob posse e cuidados do Senado, que alocou uma equipe de segurança em tempo integral para tentar conter as invasões e depredações. Mesmo que tenham algumas construções e espaços, este trabalho não se trata de uma restauração. O que pôde e fez sentido para a intervenção foi aproveitado, entretanto, por estar há mais de 30 anos abandonado, muito de sua estrutura foi comprometida. Os estudos e considerações acerca do terreno foram feitas através da leitura da proposta arquitetônica do arquiteto Paulo Silgueiro Cavalcante (2015) para o terreno, além da visualização de imagens através do Google Earth, Maps e imagens de drone disponibilizadas pela internet. Mesmo após insistentes tentativas de autorização da visita ao espaço, esta não foi autorizada pelo Senado, o que inviabilizou algumas propostas e aprofundamento em relação ao projeto.

O terreno foi escolhido por sua localidade e significado dentro da religião. O terreiro destinado ao culto aos orixás terá como orixás responsáveis e homenageadas Oxum e Iemanjá, orixás das águas doces e salgadas, respectivamente. Além das águas, por ser um espaço muito arborizado, traz também a presença de outros orixás e encantados, ligados ao culto de Jurema e Umbanda. Aliás, na entrada do terreno há um pé de Angico, uma das árvores que representam uma das cidades encantadas da Jurema. Pelo terreno estar às margens do Lago Paranoá e cercado por vegetação preexistente, estas foram premissas principais para a escolha do local, já que carrega o simbolismo do sagrado.

O terreno é situado em um espaço urbano, porém com privacidade e espaço suficiente para

professar a fé, realizar eventos sem ter o barulho como um transtorno, possuir fácil acesso através de transporte público e particular, já que é próximo à rodoviária do Plano Piloto, terminal que conecta todas as cidades de Brasília através de ônibus e metrô, além de ser logo abaixo à UnB, que concentra essa atmosfera educacional e cultural na região, além do lazer dos clubes ao lado. Um dos problemas enfrentados pelos religiosos é muitas vezes ter que ir a lugares distantes para realizar certos rituais que precisam de água corrente de rios ou córregos, além de privacidade e contato direto com a terra. Muitas vezes, por serem em espaços externos aos terreiros, sofrem muito assédio de pessoas que passam por perto e condenam as práticas. Ter a possibilidade de possuir um espaço com acesso direto ao Lago Paranoá seria um diferencial significativo, conferindo toda a privacidade e simbologia necessária, além do terreno trazer todos os elementos naturais necessários para os cultos de todas as religiões aqui representadas.

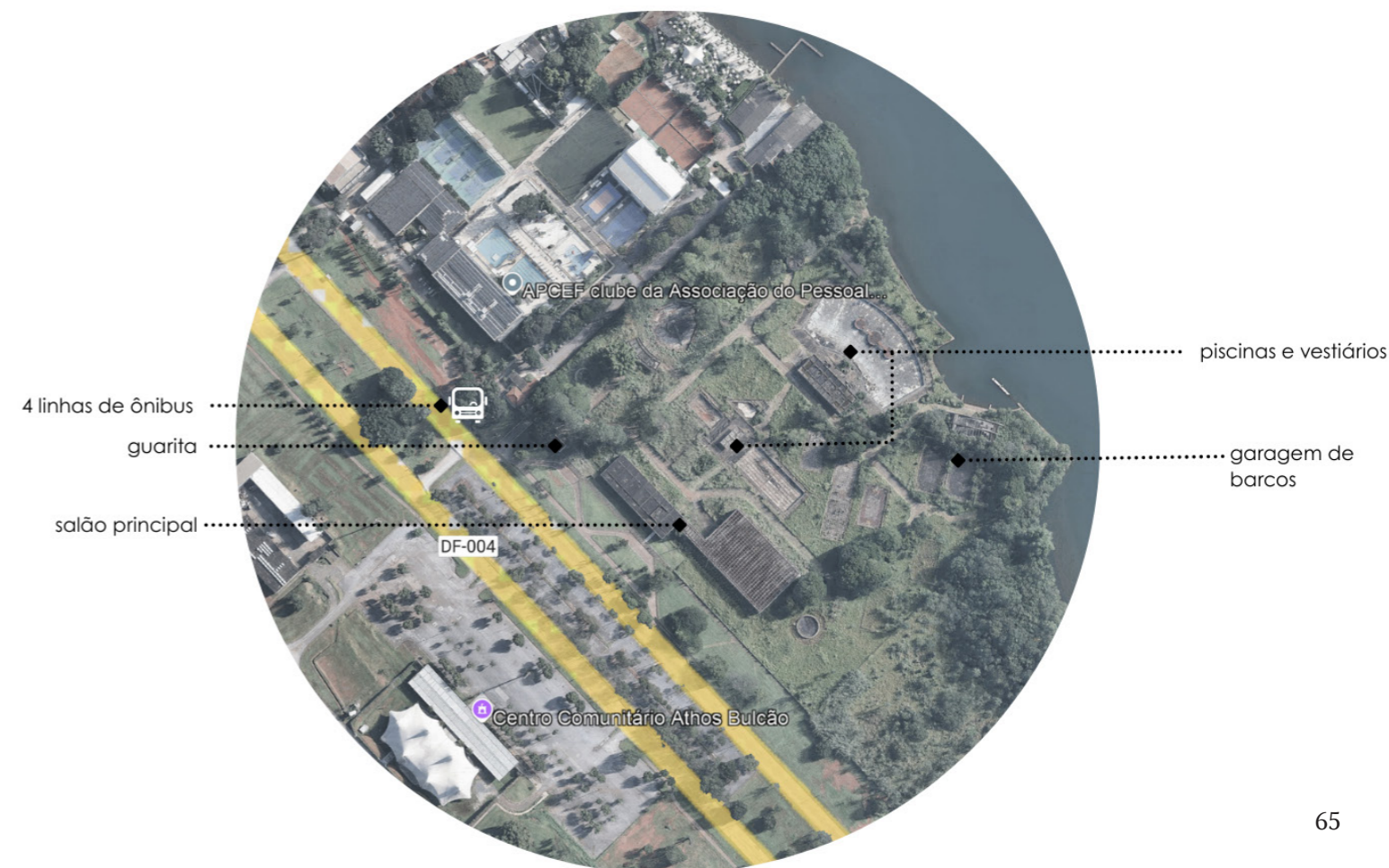
Figura 52: Mapa de Brasília - DF, com foco na Asa Sul e Norte e Lago Paranoá.

Fonte: Autoria própria (2025), imagem criada através do Styling Wizard do Google

Figura 53: Mapa de preexistência com as antigas funções dos espaços no terreno atual.¹

Fonte: Autoria própria (2025), imagem do Google Earth.

¹ Informações retiradas do arquivo de intervenção de Paulo Silgueiro Cavalcante (2015), conforme anteriormente citado.



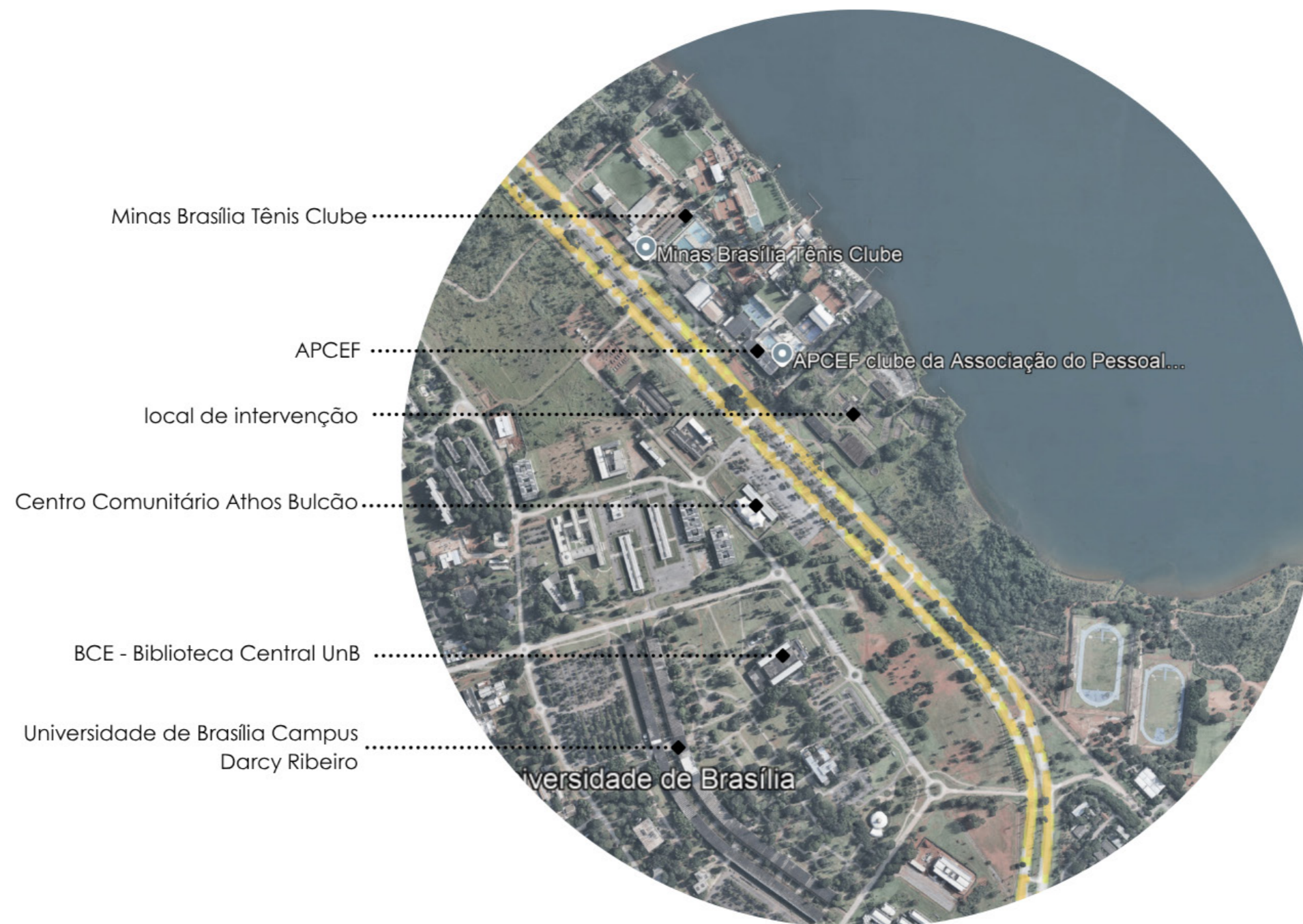


Figura 54: Entorno imediato.

Fonte: Autoria própria (2025), imagem do Google Earth.

3.3 ESTUDOS DE CASO

Os estudos de caso escolhidos para o trabalho dizem respeito a uma mesquita, em Bangladesh, e uma paróquia, em Brasília. Essas construções foram selecionadas tanto por dialogarem com o que era esperado em relação à forma, quanto para análise das soluções utilizadas.

Ao se pensar em um terreiro e relacioná-lo com o ambiente de uma mesquita, além da relação histórica, há também grande familiaridade: um espaço amplo formando um salão de orações. Mesmo que as orações e devoções não sejam feitas da mesma maneira, o espaço que possibilite o funcionamento de ambas as vertentes é similar.

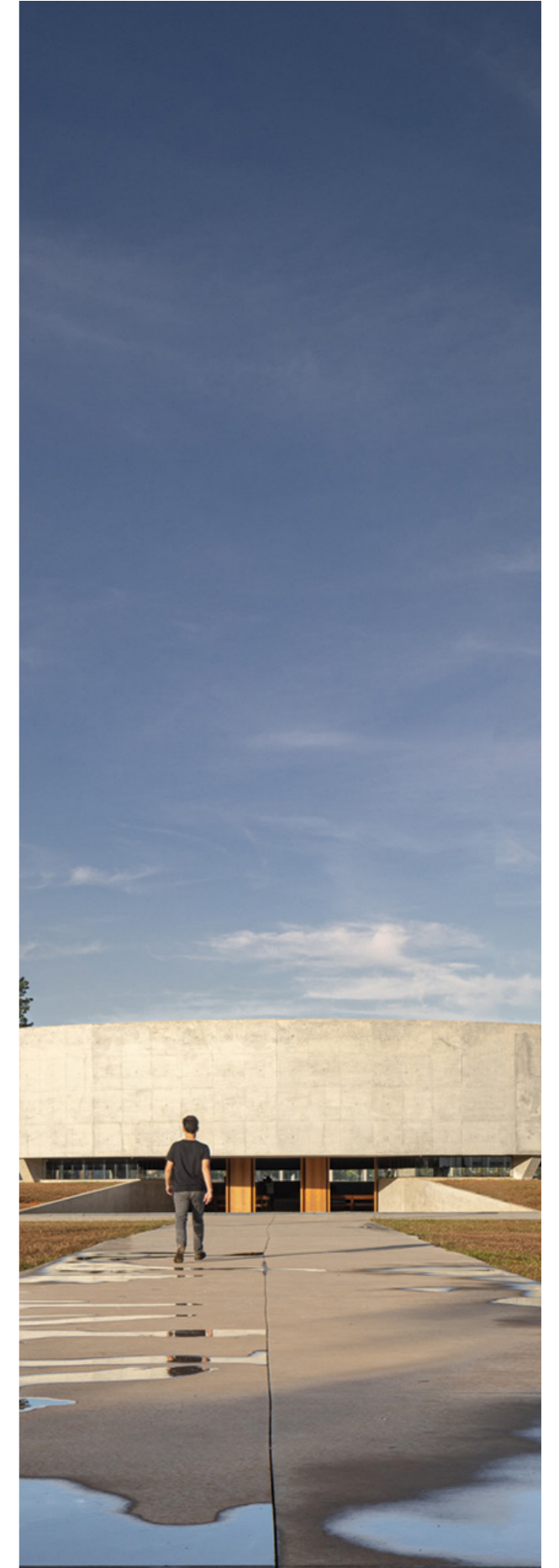
Já em relação à capela, além da sua forma e implantação traz semelhanças em relação à tipologia do terreno, soluções de ventilação e iluminação, além de ser um espaço sagrado e em Brasília, como o projeto.

Figura 55: Uma das entradas da mesquita Zebun Nessa.

Fonte: Asif Salman (s/d), disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1014405/mesquita-zebun-nessa-studio-morphogenesis/65ee36a5a2a7c510e86d5cae-zebun-nessa-mosque-studio-morphogenesis-photo?next_project=no>.

Figura 56: Entrada Paróquia Sagrada Família.

Fonte: Fonte: Joana França, (s/d). Disponível em: <<https://arqbr.arq.br/parouquia-da-sagrada-familia/>>.



3.3.1 MESQUITA ZEBUN NESSA

O primeiro estudo de caso escolhido para embasar este trabalho é a mesquita Zebun Nessa, localizada em Ashulia, Bangladesh. O projeto é do Studio Morphogenesis, com liderança da arquiteta Saiqa Iqbal Meghna. O espaço tem área total de 563 m², e tem como materialidade principal o concreto monolítico tingido, que compõe o piso, estrutura, vedações, cobertura e aberturas. A construção foi erguida em meio a uma zona industrial em crescimento, e segundo a própria equipe, surge como um refúgio e espaço sereno no meio deste ambiente.

A edificação possui formas geométricas marcantes: é primeiramente uma esfera, envolta por um cubo que por vezes toca o chão, já em outras faces, segue suspenso. Essas formas, além de gerarem a volumetria, também estão presentes na planta. Bangladesh é um país tropical assim como o Brasil, portanto exige soluções de ventilação eficazes. Todas as fachadas de concreto possuem perfurações retangulares que formam certo ritmo e permeabilidade visual, mas também possibilitam a entrada de luz e manutenção da temperatura. Além disso, ao adentrar a mesquita, há uma grande abertura que emoldura o lago, que existe a partir do limite do terreno. É uma oportunidade de valorizar a paisagem e trazê-la como participante das orações. Há a conexão entre o exterior e o interior, sem perder a característica íntima e sagrada necessária para o ambiente da mesquita.

O projeto possui um tom de rosa marcante, e em alguns momentos o próprio tom do concreto se altera, delimitando os espaços através da mudança de cores, como acontece no lavatório externo. Traz cores marcantes e com propósitos, além de conter técnicas ecologicamente responsáveis, como o reuso da água que são utilizadas nas práticas de purificação.

O projeto é um pavilhão permeável que estabelece uma conexão mais profunda entre a água e a terra, seja pela implantação no

terreno, ou por estar às margens de um corpo d'água. Fato é que, além dessa semelhança com o que se busca trazer de proposta para este trabalho, há outra semelhança importante em relação à motivação da construção. O objetivo era a construção de uma mesquita para os trabalhadores dos arredores, que é uma área industrial, para homenagear a mãe falecida do cliente. Dessa forma, além da forma, localização do terreno e motivação espiritual e sacra, há também a presença da ancestralidade como motivação para a construção deste.



Figura 57, 58, 59, 60, 61 e 62: Imagens da mesquita.

Fonte: Asif Salman (s/d), disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/1014405/mesquita-zebun-nessa-studio-morphogenesis>>.

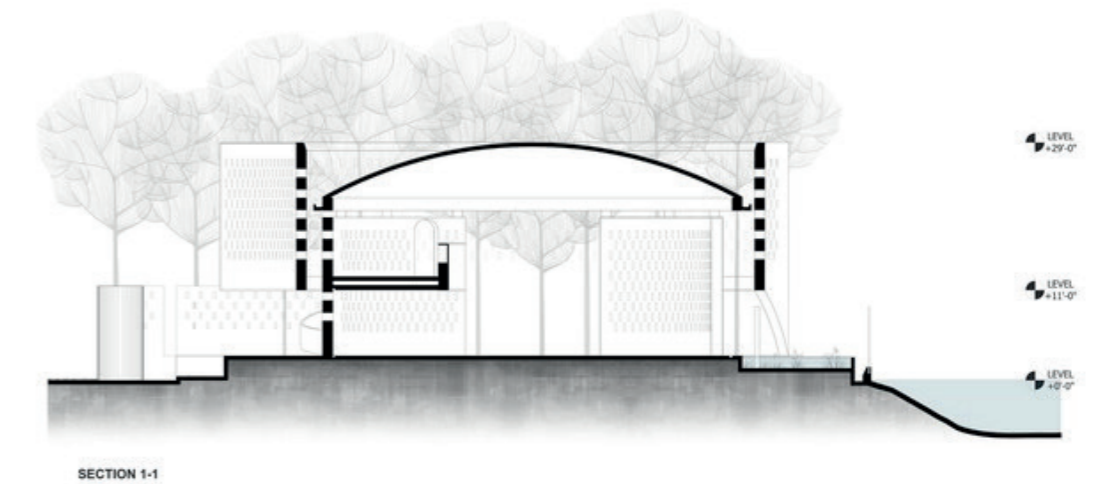
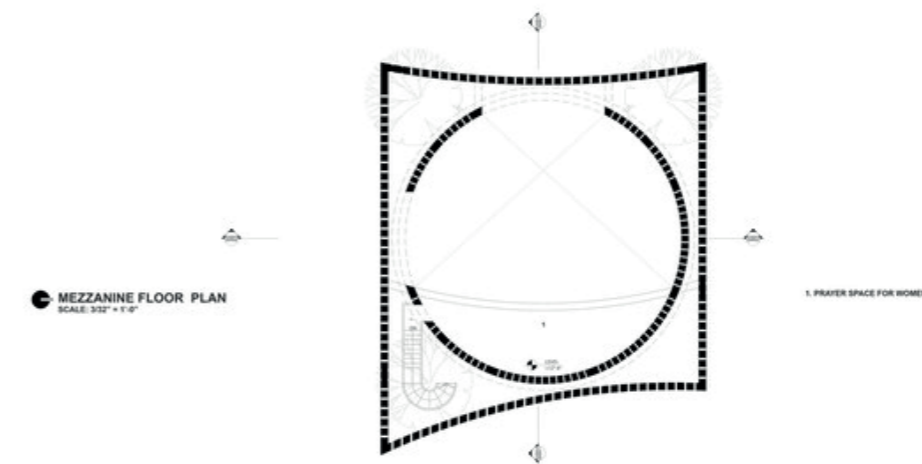
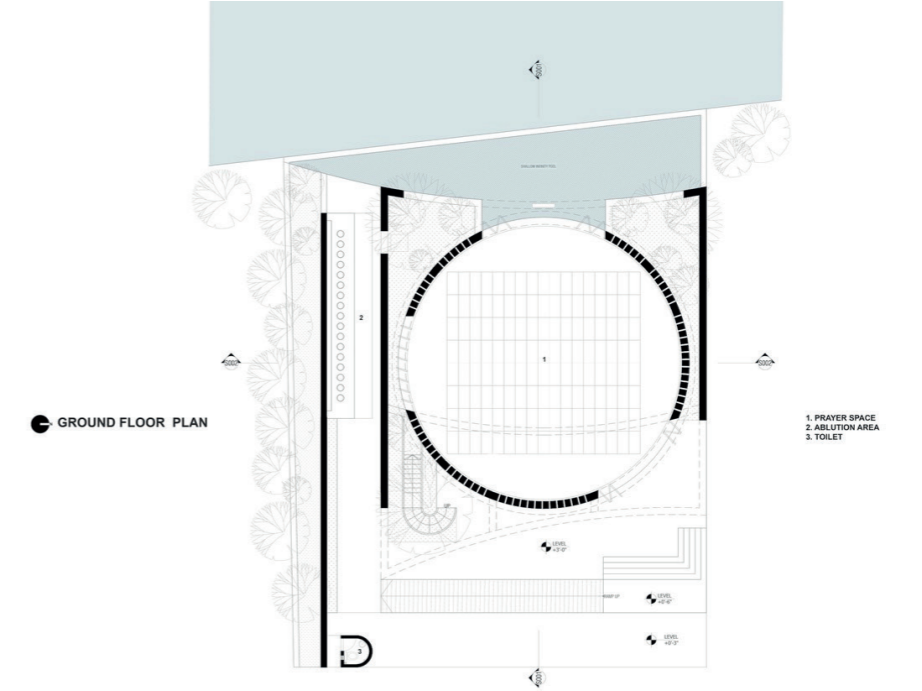


Figura 63: Diagrama mesquita.

Fonte: Autoria própria (2025) e disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/1014405/mesquita-zebun-nessa-studio-morphogenesis> >.

Figuras 64, 65 e 66: Desenhos técnicos da mesquita.

Fonte: Studio Morphogenesis. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/1014405/mesquita-zebun-nessa-studio-morphogenesis> >.



3.3.2 PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA

Localizada no Park Way às margens da EPIA, sigla de Estrada Parque Indústria e Abastecimento, uma zona de expressa de Brasília, surge a Paróquia em formato anelar, implantada no terreno plano de forma robusta mas, ao mesmo tempo, com certa leveza, típico da arquitetura brasiliense.

Pode-se afirmar que o partido arquitetônico sintetiza três premissas fundamentais presentes em Brasília: a implantação edilícia inscrita delicadamente na topografia e sua abertura ao horizonte; a indissociabilidade entre o urbano e sua arquitetura, entre o espaço público e o privado e, por conseguinte, entre a comunidade e o sagrado; e terceiro, a consideração da paisagem enquanto elemento estruturante e fundamental da configuração arquitetônica, reconhecido no tombamento da cidade como patrimônio mundial da humanidade pela UNESCO. (ARQBR, s/d).¹

¹ Descrição encontrada na descrição do projeto no site do escritório, sem autor. Disponível em: < <https://arqbr.arq.br/parouquia-da-sagrada-familia/> >.

O projeto é do coletivo ARQBR, com liderança de Eder Alencar, André Velloso e Luciana Saboia. O processo projetual durou três anos, finalizando em 2015, entretanto teve a construção concluída apenas em 2022, com início em 2017. A área do terreno é de 3.915 m², em um vasto terreno que emoldura o horizonte e recebe as formas de modo que permite restar vazios, formando caminhos que, com a imensidão e resplandecência do céu brasiliense, geram esse percurso sagrado de apreciação. Além disso, conta também com uma praça linear que serve tanto de espaço de estar de suporte para a paróquia, quanto para a comunidade no geral.

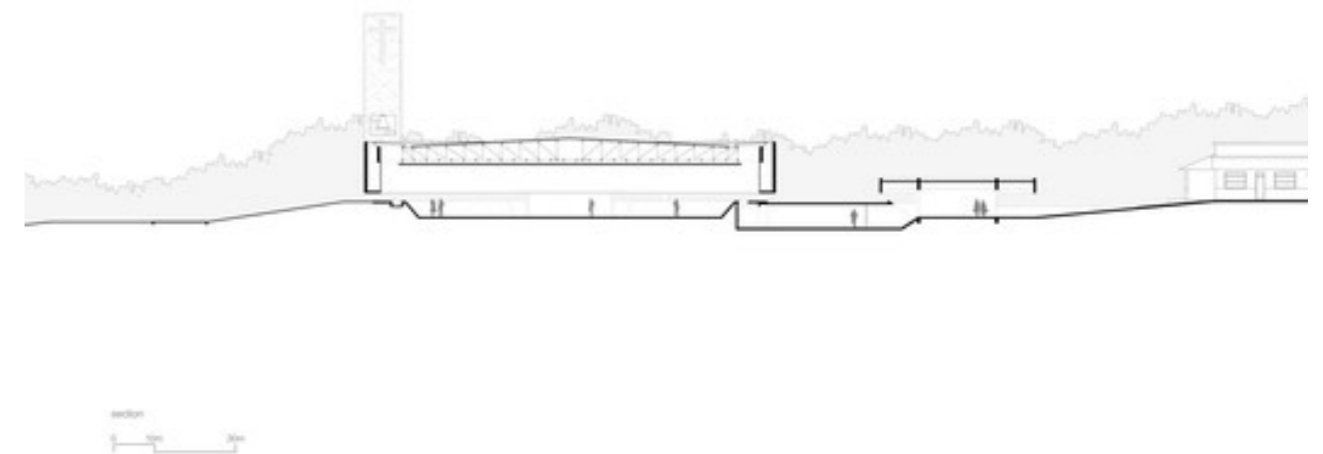
A materialidade é composta por concreto, madeira nos bancos e portas principais, pedras em alguns pisos, além do vidro nas aberturas. O vidro é elemento importante, já que a capela possui, em sua cobertura, uma claraboia circundante em toda extensão da margem. Essa abertura, cria um espaço intimista, com a iluminação indireta, denotando, mais

uma vez, também um espaço de meditação e introspecção para o sagrado. O projeto é de monumentalidade indiscutível, com eixos muito bem assentados e claros.



Figuras 67, 68 e 69: Interior da paróquia e desenho técnico.

Fonte: Joana França, (s/d). Disponível em: <<https://arqbr.arq.br/parouquia-da-sagrada-familia/>>; Corte disponível em: <https://images.adsttc.com/media/images/643f/21a6/70f6/c433/a908/aa55/medium_jpg/psf-01-arq-pb-corte-3.jpg?1681859000>.





Figuras 69, 70 e 71: Entrada da paróquia, vistas com intervenção, respectivamente.

Fonte: Joana França, (s/d). Disponível em: <<https://arqbr.arq.br/parouquia-da-sagrada-familia/>>; Diagramas de autoria própria (2025).



4. PROPOSTA

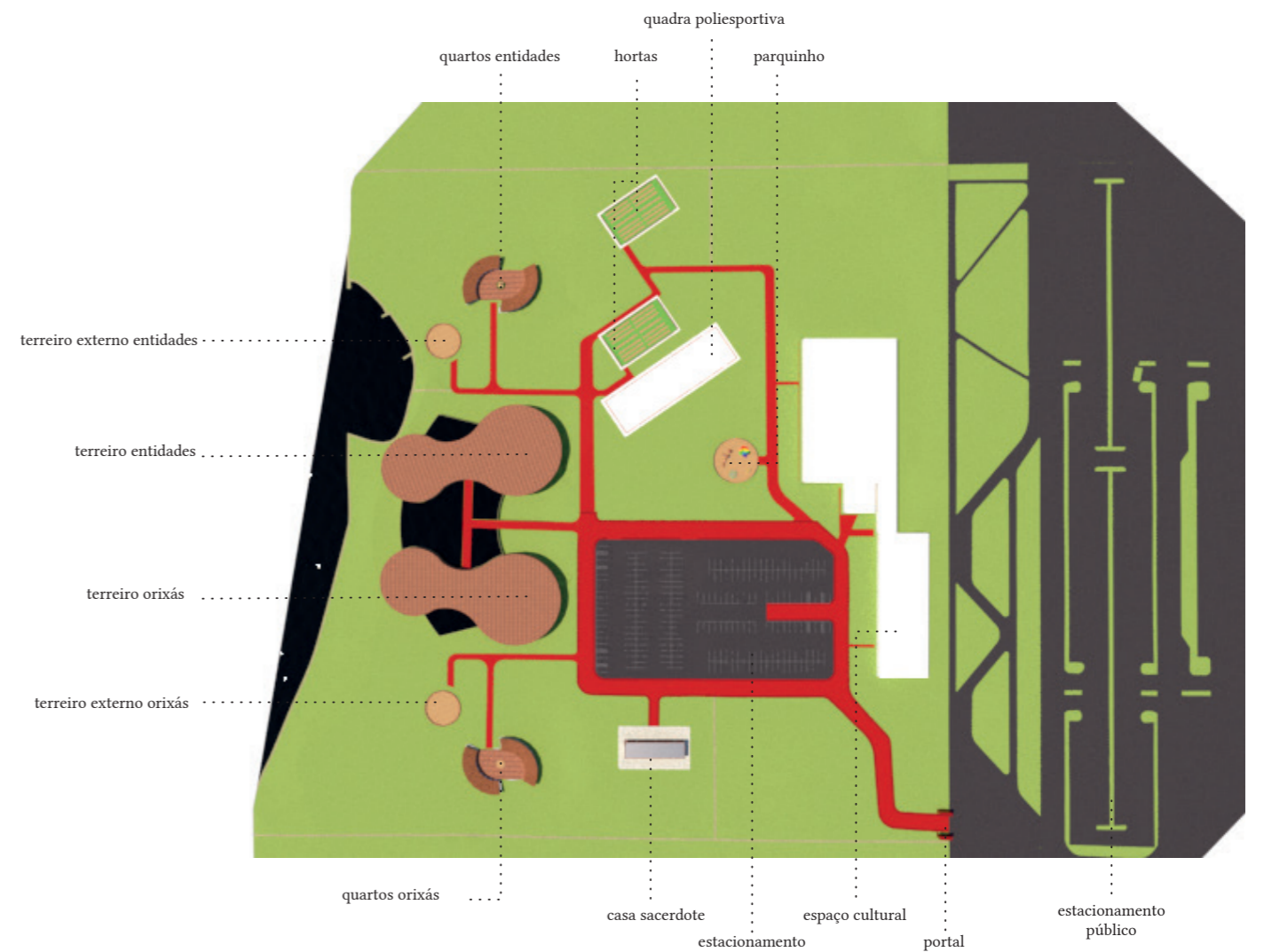
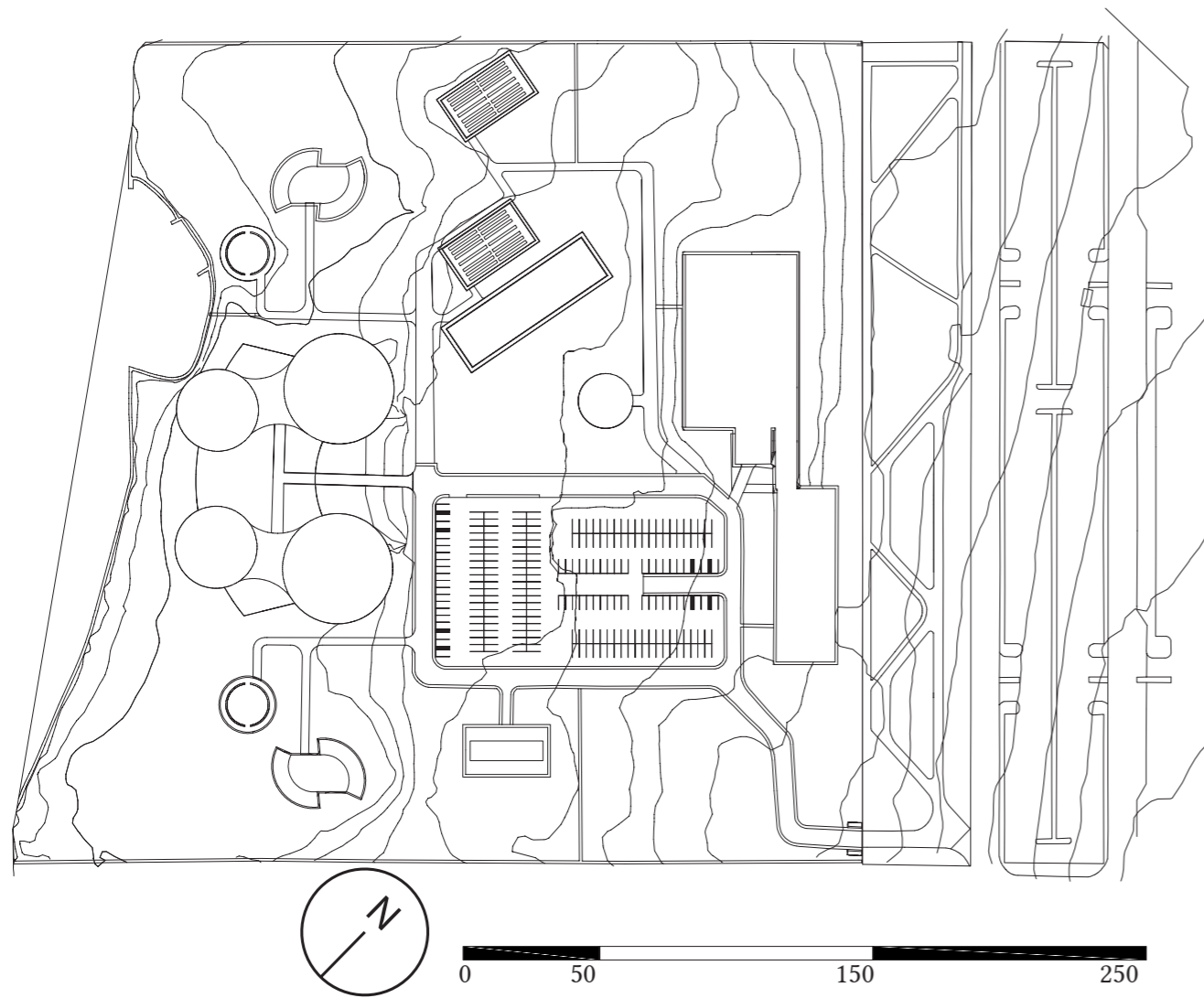
Em relação ao projeto, é necessário explicar que, a priori, o terreno está será dividido, em termos espaciais, em três espaços: o início, logo na entrada, será a camada destinada ao social. Este espaço se tornou necessário para poder colocar em prática os intuitos do terreiro neste trabalho, que foi pensado como podendo ter seu espaço acessado por outras pessoas, não como espaço exclusivo para os membros do terreiro e visitantes. Além disso, buscou-se representar na arquitetura e seus usos a filosofia africana e indígena, no sentido de que o espaço tivesse um alcance maior para a sociedade e que isso pudesse contribuir positivamente para o mundo, e também para a vida de cada indivíduo que ali frequentar.

A ÁGUA ME CONTOU MUITOS SEGREDO
GUARDOU OS MEUS SEGREDO
REFEZ OS MEUS DESENHO
TROUXE E LEVOU MEUS MEDOS



Figura 72: Colagem de Oxum e Iemanjá.

Fonte: Disponível em: < <https://br.pinterest.com/pin/267260559132885760/>>; < <https://br.pinterest.com/pin/267260559126917157/>>.



Figuras 73 e 74: Implantação.

Fonte: Autoria própria (2025).

PROGRAMA DE NECESSIDADES							
EDIFÍCIO	AMBIENTE	USO	CARACTERÍSTICAS E EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS	PÚBLICO	QUANTIDADE DE ESPAÇOS	ÁREA (m²)	ÁREA TOTAL (m²)
Externo	jardins	espaços para o plantio de ervas e plantas necessárias para o culto	espaço com canteiros	-	2	490,62	981,24
	espaços de permanência	locais de estar distribuídos pelo terreno	mobiliário fixo, bancos e mesas de apoio	-	-		
	quadra multiuso	esportes e/ou eventos	espaço livre	-	1	998,05	998,05
	quartos orixás	casas dos orixás	espaços para armazenar os igbas dos filhos de santo, além de espaço de culto privado. espaço livre com alguns apoios	2	16	15,78	252,48
	quartos entidades	casa das entidades	espaços para armazenar os assentamentos dos filhos de santo e demais itens pertinentes, além de espaço de culto privado. espaço livre com algumas bancadas	4	8	31,36	250,88
	portal Esú e Exu e Pombagira	espaço logo na entrada do terreiro, que serve como firmeza	oratório, espaço livre	-	1		
	parquinho infantil	espaço para as crianças, em homenagem aos ibejis (orixás) e erês (entidades)	equipamentos de materiais naturais	-	1	313,95	313,95
	estacionamento/vagas	espaço único no terreno, para o espaço sagrado e cultural	vagas 2,5 x 5	-	200	6420,12	6420,12
Casa de apoio	sala de estar/jantar	para utilização do caseiro e/ou casa do sacerdote	casa de apoio com elementos básicos e pertinentes	4	1	122,67	122,67
	quarto				2		
	cozinha				1		
	lavanderia				1		
	banheiro				1		
	quintal				1		
ÁREA TOTAL:							9339,39

Tabela 1 - Programa de necessidades dos espaços externos e da casa do sacerdote.

Fonte: Autoria própria (2025).

4.1 ENTRADAS, ESPAÇOS EXTERNOS E CAMINHOS: PORTAL

Ao adentrar o terreiro, o primeiro espaço encontrado é o portal. É um espaço marcante plasticamente, sendo a extrusão de uma forma circular nesse plano retangular, criando essa entrada. A forma criada já antecipa os círculos que aparecem em outros momentos através dos espaços. Èşù, o orixá, em iorubá significa “esfera”, onde não há começo e não há fim, e, por isso, o círculo inicia e encerra as construções destes espaços. Além disso, Èşù é o primeiro orixá a ser alimentado e saudado, por isso fica também na porteira. Exus e pombagiras representam as entidades guardiãs, o povo da rua, e também são saudados logo na entrada, pois protegem os caminhos e observam o que acontece, dentro e fora. Além das faces vistas na entrada e após passar pelo portal, o espaço possui empenas que possuem algumas aberturas, dispostas de forma rítmica, contendo 3 tamanhos distintos, aludindo aos três que ali habitam: Èşù orixá, e as entidades exu e pombagira. Um lado é para o orixá, o outro, para as entidades. Há uma espécie de banco erguido do chão disposto de um lado ao outro. Este espaço serve para receber as firmezas para proteção do terreiro, mas também oferendas e servir como espécie de oratório, o que explica a sua monumentalidade e imponência. A ideia foi criar uma ambiência, que causasse impacto e que os visitantes pudessem ter como ponto de devoção.

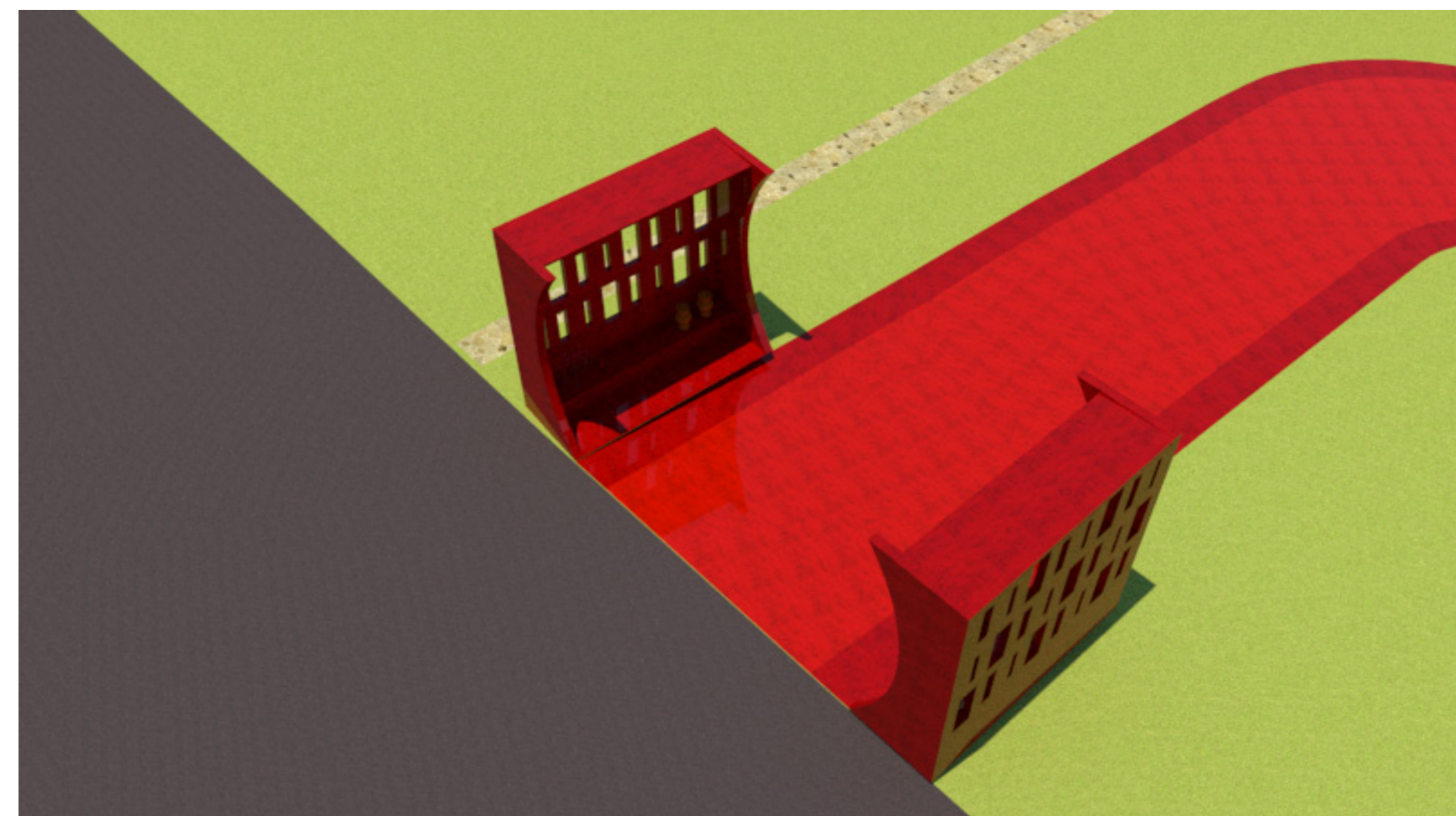
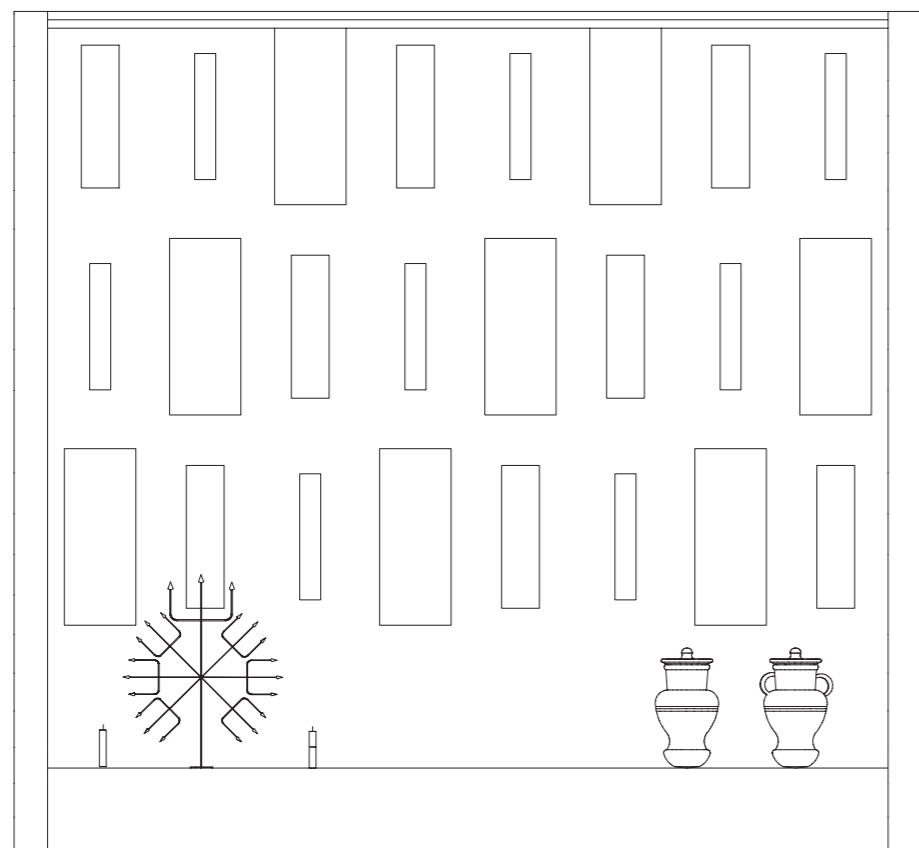
A cobertura é feita do mesmo material de todo o portal, em concreto armado tingido de vermelho, e serve para proteger, de certa forma, da chuva e do sol, mas isso não é estritamente necessário. Serve para além da proteção, para nos dias de chuva criar uma espécie de cascata na frente de cada lado, uma espécie de véu entre o mundo físico e espiritual, e desse início à água como materialidade, o que norteia todo o trabalho. Este espaço repete o tom vermelho também nos caminhos que descendem através deles e levam para todos os outros espaços do terreiro. Este portal e o caminho neste tom homenageiam o orixá Èşù e também o povo da rua, já que Èşù é o mensageiro entre os mundos,

dono do movimento e dos caminhos, orixá do calor, e traz consigo a cor vermelha, assim como as entidades exus e pombagiras. Além disso, alguns religiosos também acreditam que o vermelho carrega força contra inveja, mal olhado e o feitiço de modo geral. Esta entrada monumental e este caminho marcante é, também, forma de proteção deste espaço e dos que ali irão, além de ser forma também de purificação durante o caminhar.

Figuras 75 e 76: Planta e corte do portal, respectivamente. Fonte: A autoria própria (2025).

1. Exus e Pombagiras
2. Esú orixá





Figuras 77 e 78: Vista e perspectiva do portal, respectivamente. Fonte: Aatoria própria (2025).



Figura 79: Perspectiva do portal.
Fonte: Autoria própria (2025).

4.2 ENTRADAS, ESPAÇOS EXTERNOS E CAMINHOS: ESPAÇO CULTURAL (DIRETRIZ)

Após o portal, é possível seguir para o espaço sagrado, ou se direcionar para o espaço cultural. Se trata da reapropriação do antigo edifício do Clube do Servidor, que, neste trabalho, será proposto apenas como diretriz. Em decorrência da impossibilidade de visita ao local, visualização da real situação do edifício, disposição, abandonado há décadas, o projeto foi inviabilizado. Entretanto, algumas propostas para readequação do espaço foram pensadas e podem surgir como trabalhos futuros. Este espaço seria a conexão entre a comunidade e o terreno, para além do sagrado e contexto religioso. É uma proposta que possibilita que estudantes possam acessar como opção de atividades de contraturno destinadas às crianças da rede pública de ensino, assim como adultos e pessoas idosas, sendo acessível a todas as faixas etárias. Esse ponto de cultura e valorização da história brasileira e sua origem afro-indígena, uma possibilidade de manter as tradições vivas e as histórias, contadas, além de viabilizar a arte.

Funcionaria em três áreas principais: a primeira seria o acesso, com uma espécie de recepção e hall, integrando os módulos do edifício. De um lado, seriam as salas, comércio e ateliês, do outro, as práticas corporais. A segunda área traria salas multifuncionais, que serviriam para aulas de idiomas, rodas de conversa, clubes de leitura e reuniões. Além disso, contaria com dois grandes ateliês: um de cerâmica, outro de costura. A cerâmica entra aqui de forma tão essencial quanto a costura, uma forma de trazer a técnica ancestral e o contato com o barro, que é refletido, inclusive, na materialidade escolhida para os espaços sagrados. Ter essas atividades no espaço é uma possibilidade de, durante a prática, valorizar sua importância e sua história. No documentário “Yupirungáwa Tapajônica: A Origem da Cerâmica”, é possível ver representada a ancestralidade e a relevância do ofício.

Em relação ao segundo ateliê, a costura em

um terreiro é parte da vivência, já que as roupas são realizadas de acordo com o que pedem os búzios, as entidades, os orixás ou a tradição. Na maior parte das vezes, nem todas as peças são encontradas prontas para adquirir, o que culmina na necessidade de recorrer às costureiras. Entretanto, o preconceito é mais uma vez enfrentado ao se deparar com profissionais que se negam a fazer os serviços por reprovarem e repreenderem as atitudes. O espaço de costura é uma manifestação da ancestralidade e valorização do trabalho manual, mas também um espaço seguro onde os filhos de santo e interessados podem confeccionar suas peças, aprender um novo ofício e também servir como um momento de desanuviar a rotina com um novo hobby.

Além das salas e ateliês, este lado contaria também com um espaço expositivo para exposição das obras realizadas nas oficinas, ou até mesmo de outros artistas que dialoguem com os valores do espaço. Assim também, contará com um espaço para comércio, que pode tanto atender os devotos do espaço e região, com itens utilizados no culto, como também comercializar alguns objetos produzidos. Tudo isso, poderia ser fonte de renda tanto para o terreiro, quanto para os artesãos que ali produziram. O terreno, por ser amplo e bastante arborizado, também serve como objeto de estudos, já que por todo o seu perímetro pode ser explorado e utilizado como instrumento para a educação ambiental, também essencial e necessária para os filhos de terreiro e a sociedade.

Já em relação ao lado paralelo ao das práticas manuais, seria o espaço de manifestações corporais. Este espaço conta com tamanho suficiente para realização de danças tradicionais, rodas de samba, capoeira, jogos infantis e até mesmo eventos. Por conta da possibilidade dos eventos, este espaço contaria também com uma cozinha. É comum alguns terreiros realizarem eventos para arrecadação de fundos, e este espaço seria ideal para a realização dessas

práticas. A ideia do espaço cultural coloca em prática a filosofia africana Ubuntu, que traz como significado “eu sou porque nós somos”. A noção de coletividade, ética e responsabilidade com o todo e a natureza são conceitos pensados como justificativa para esses espaços, pensados para atenderem a população como um todo.

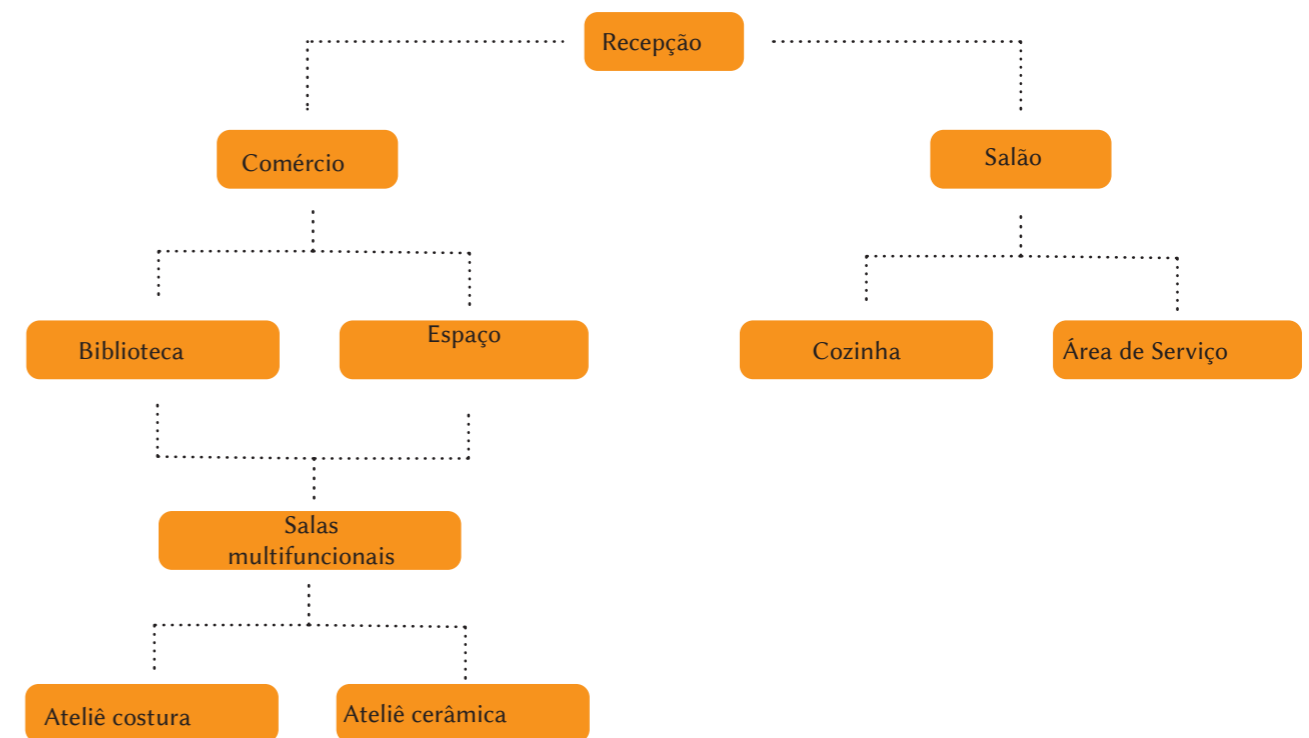


Figura 80: Fluxograma espaço cultural.

Fonte: Autoria própria (2025).

PROGRAMA DE NECESSIDADES							
EDIFÍCIO	AMBIENTE	USO	CARACTERÍSTICAS E EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS	PÚBLICO	QUANTIDADE DE ESPAÇOS	ÁREA MÍNIMA (m²)	ÁREA TOTAL (m²)
Espaço Cultural	ateliê de costura e artesanato	espaço para atividades culturais contraturno com mobiliário fixo	mesas para as máquinas de costura, cadeiras e armários para os materiais, além de espaço suficiente para o manejo dos tecidos	10	1	75	75
	salas multiuso	espaços com mobiliário e disposição livre	cadeiras e mesas soltas	10	3	50	150
	biblioteca	espaço para leitura e que contenha obras com o contexto do espaço	sofás, poltronas e mesas, que seja acessível para adultos e crianças	15	1	50	50
	espaço expositivo	exposição de artigos das religiões, produtos produzidos nas oficinas e demais manifestações artísticas culturais	espaços disponíveis nas paredes, através de murais e também mesas de apoio	15	1	50	50
	salão interno	espaço manifestações corporais e culturais (capoeira, samba, carimbó, etc) e para usos em eventos	espaço livre	100	1	500	500
	espaço atividades externas	espaço manifestações corporais e culturais (capoeira, samba, carimbó, etc)	espaço livre	100	1	800	800
	banheiro	banheiro coletivo	cabines com bacia sanitária e pias	5	4	20	80
	banheiro PCD	banheiro adaptado	bacia sanitária e pia	2	2	3	6
	depósito	espaço para armazenamento do mobiliário que pode ser utilizado no salão em dias de festa, além de outros itens	espaço livre para mobiliário e algumas estantes	-	1	50	50
	área de serviço	para limpeza do espaço	tanque, espaço para varais e armazenamento de materiais de limpeza e demais itens pertinentes à atividade	2	1	25	25
	cozinha de apoio para eventos	para uso em eventos externos à ritualística	geladeira, fogão, freezer, bancada e churrasqueira	5	1	50	50
	loja	venda de alguns itens, seja de artesanato produzido pelas oficinas, quanto artigos religiosos	estantes, prateleiras, espaço para estoque, caixa, mostruário	5	1	50	50
ÁREA TOTAL:							1886

Tabela 2 - Programa de necessidades do espaço cultural.

Fonte: Autoria própria (2025).

4.3 ENTRADAS, ESPAÇOS EXTERNOS E CAMINHOS: ESPAÇOS EXTERNOS E CASA SACERDOTAL

Antes de chegar ao espaço inteiramente sagrado, passa-se pela casa sacerdotal, e ainda no caminho que leva ao cultural, encontra-se um espaço intermediário que conta com os bolsões de estacionamento, o espaço para parquinho, a quadra poliesportiva e as hortas. Em relação ao primeiro, se trata de uma casa de apoio, neste caso supondo ser a residência pessoal do sacerdote. É uma casa simples, que conta com uma área de serviço, cozinha, salas de estar e jantar, dois quartos e banheiros. Este espaço foi implantado entre o portal e o espaço destinado ao terreiro, onde já havia um platô e uma edificação, que não foi mantida.

Os outros espaços externos, porção central e zona intermediária entre a parte cultural e a sagrada, é uma área que, hoje, no terreno, conta com quadras poliesportivas e uma piscina. Este espaço será remodelado para receber o estacionamento, que atenderá ambos os espaços, assim como o aproveitamento de algumas quadras. Uma delas, a maior, será reformada e continuará com sua utilidade inicial, servindo para esportes mas também de apoio para as práticas corporais, quando houver o desejo de realizá-las ao ar livre. Já outras serão remodeladas para servirem como horta, com o pavimento retirado e a criação de canteiros. A horta serve, além da plantação de espécies destinadas à alimentação, para que as ervas sagradas utilizadas nos rituais possam ser disponibilizadas, assim como os orixás, como Oshanyin, e entidades relacionadas, possam também habitar este espaço.

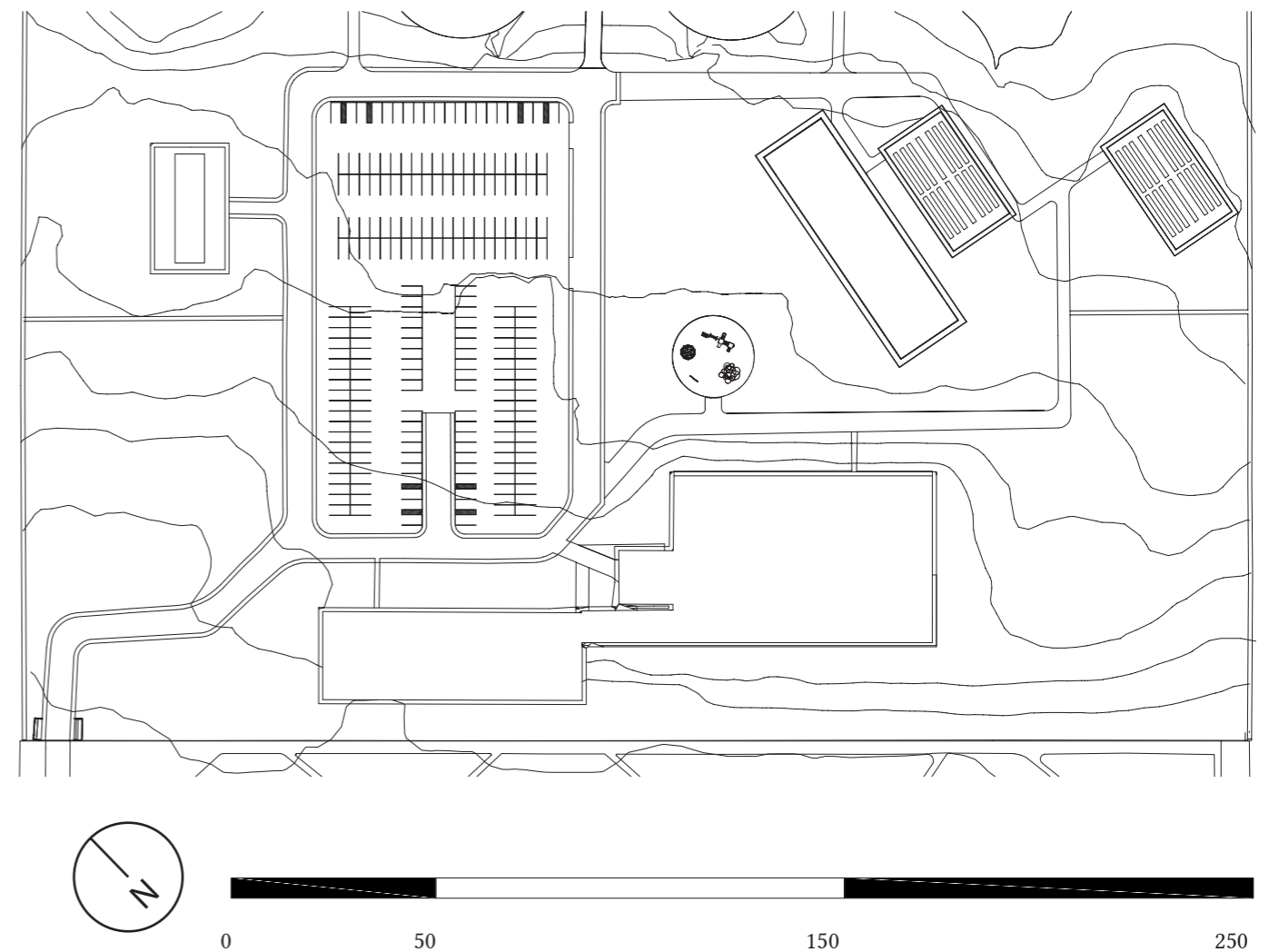
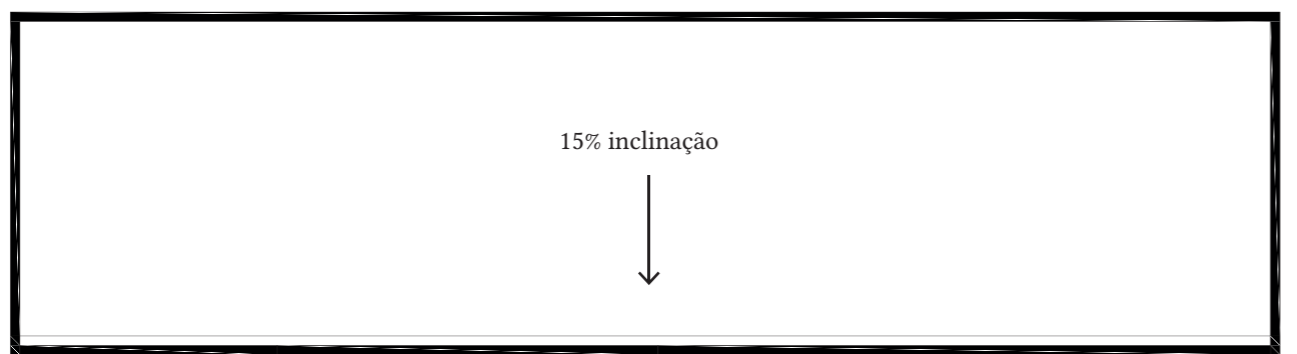
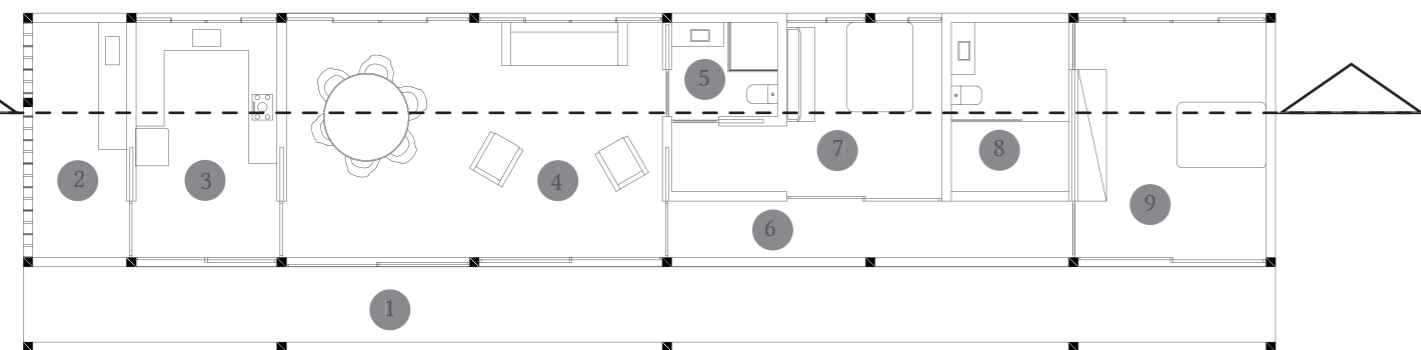


Figura 81: Planta espaço externo intermediário.

Fonte: Autoria própria (2025).



1. alpendre
2. área de serviço
3. cozinha
4. sala de jantar e estar
5. banheiro
6. acesso aos quartos
7. quarto
8. banheiro suíte
9. suíte



Figuras 82, 83 e 84: Planta de cobertura, planta e corte da casa do sacerdote, respectivamente.
Fonte: Autoria própria (2025).

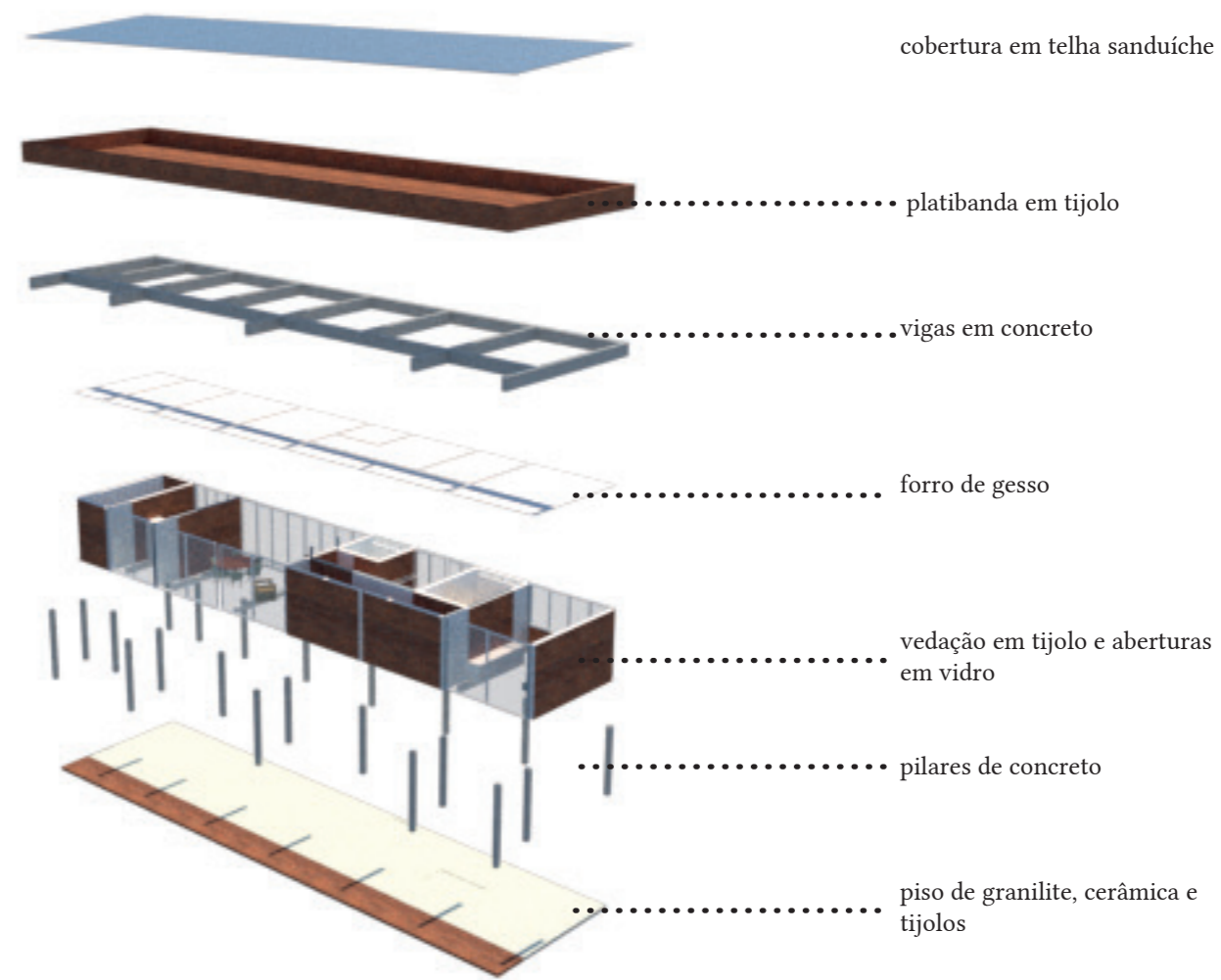


Figura 85: Diagrama explodido da residência.

Fonte: Autoria própria (2025).



Figura 86: Perspectiva da casa.

Fonte: Autoria própria (2025).



Figura 87: Perspectiva dos espaços externos gerais.

Fonte: Autoria própria (2025).

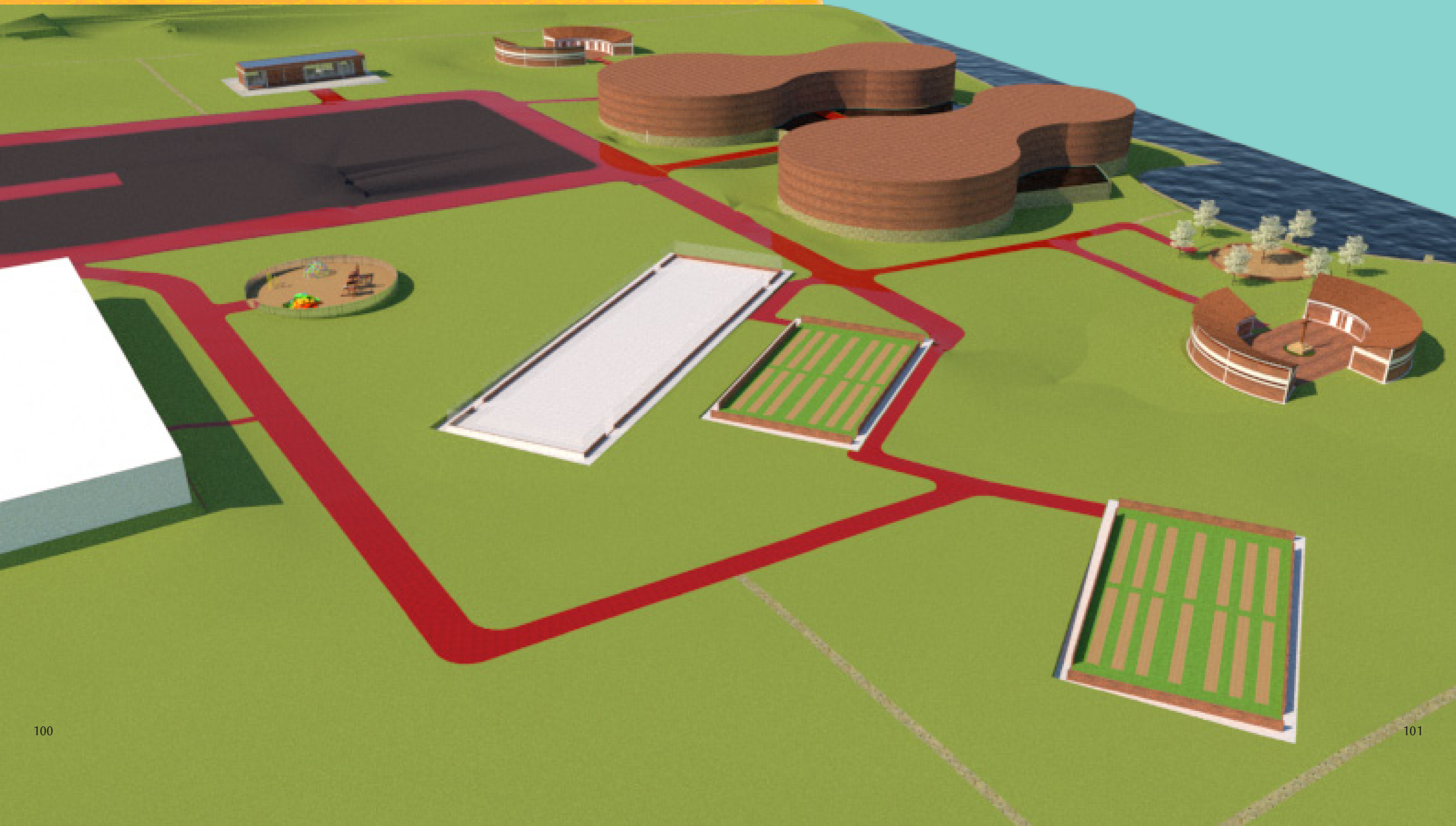


Figura 88: Perspectiva do parquinho.

Fonte: Autoria própria (2025).



4.4 OS TERREIROS: ESPAÇOS SAGRADOS

Na porção posterior do terreno, às beiras do lago Paranoá, estão localizados os espaços sagrados. O caminho vermelho que percorre todo o terreno desemboca nesta última parte, que por meio de uma encruzilhada, se ramifica e dá acesso ao terreiro dos orixás, à esquerda, e ao terreiro das entidades, à direita. Esse caminho forma uma encruzilhada em formato de T. Na religião, entende-se que há dois tipos de encruzilhadas: a macho, com 4 caminhos, e a fêmea, com 3 caminhos, em formato de T. Ambos os terreiros trazem mulheres como patronas, sendo elas Yemoja, Oṣun (Iemanjá e Oxum em iorubá, respectivamente) e Maria Navalha. Por esse motivo, entende-se como mais adequado o caminho que leva até esses espaços também serem representação do poder feminino.

Os terreiros são formas gêmeas, em alusão aos Ibejis, orixás gêmeos divinos chamados Taiwo e Kehinde, representantes das crianças dentro do culto. No culto às entidades, os espíritos infantis são chamados de erês. Essas formas gêmeas, espelhadas, vistas em planta possuem uma forma de cabaça, que tendo sua forma decomposta possui dois círculos de tamanhos distintos: um de 30 metros de diâmetro, outro de 40. Para entender a disposição dos espaços correspondentes ao terreiro, pode-se entender a cabaça como um corpo, dividindo-a em três partes: porção menor, superior, a cabeça, com uma espécie de pescoço que a liga com a porção inferior, a base. Desse modo, o edifício é composto, respectivamente, pelo salão, o átrio de conexão e o espaço funcional. O motivo de fazer espaços separados para os cultos é justamente por serem de origens diferentes e, em um mundo ideal, necessitem da realização do culto em espaços diferentes. Em cada espaço do terreiro são feitas firmezas e seguem o padrão da linhagem a ser cultuada ali, ou seja, são elementos sagrados diferentes utilizados para cada espaço e mandinga a ser feita.

A forma da cabaça foi escolhida por ter forte simbolismo dentro dos cultos de origem afro

e indígena, conseqüentemente muito utilizada também na jurema sagrada, candomblé e umbanda. A cabaça pode ser entendida como a totalidade do universo, a união entre os mundos e a fertilidade. É amplamente associada e utilizada por orixás e entidades, e como explicado pelo Babá Obalajó, é o organismo que representa o útero, o nascimento, a criação. Por esse simbolismo e a ligação entre ambas as origens, foi escolhido para também, dar luz à forma inicial do terreiro, gerar esses espaços e viabilizar os cultos.

Além disso, as cabaças estão implantadas, ao mesmo tempo, no solo e na água, já que a piscina principal e central do antigo clube foi aterrada até certo ponto, para reduzir sua profundidade, e os edifícios estão repousados neste espelho d'água, ocupando parte da antiga piscina e o seu entorno. Nas religiões, é sempre muito valorizado o passado, o ancestral, o que veio antes. Essa foi uma alternativa para demonstrar essa tradição e poder relembrar sobre a valorização do passado e importância deste para o presente. Além disso, essa solução visa replicar a água do lago para o terreno, e replicando a sua aparição: no lago, preenche visualmente; na piscina, faz parte do caminho e recebe quem chega, já que é ela a materialidade anfitriã. A água neste caminho serve também, de certa forma, como limpeza e purificação dos que ali entrarão no espaço sagrado. Recepciona, limpa e acolhe.

Esses edifícios, que formam o todo do terreiro, estão implantados no terreno de forma que, plasticamente, seja percebida a sua robustez e peso, como se ratificasse o seu pertencimento ao espaço, em breve alusão também à colagem encontrada logo no início deste trabalho, onde com a imagem do orixá Eṣù ao fundo, traz o escrito que confirma que o culto irá ser feito, de uma maneira ou outra. É como se manifestasse não apenas pertencente à terra, mas dono deste espaço e explicasse através da sua forma, a sua força. Os espaços emergem do solo e o barro

da terra sobe, criando as paredes. Erguida através de tijolos e suportada pelo concreto, traz técnicas tradicionais atreladas à tecnologia e contemporaneidade, e sustenta que o culto ao ancestral merece um espaço digno, além de mostrar ser possível a construção deste.

Além dos espaços edificadas, o espaço sagrado conta também com terreiros externos para cerimônias, as casas sagradas das entidades e orixás, assim como a vegetação, mas esta já é encontrada e valorizada em todo o terreno.

PROGRAMA DE NECESSIDADES							
EDIFÍCIO	AMBIENTE	USO	CARACTERÍSTICAS E EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS	PÚBLICO	QUANTIDADE DE ESPAÇOS	ÁREA (m²)	ÁREA TOTAL (m²)
Terreiro dos Orixás - Ilê	salão interno principal	onde serão realizados os xirês e cerimônias de orixás	poste central, espaço ogans (atabaques), espaço visitantes (mobiliário fixo ou não)	150 (50 membros e 100 visitantes)	1	706,39	706,39
	espaço externo para cultos	onde serão realizados eventos esporádicos	espaço livre e espaço para a fogueira de Xangô	80	1	199,02	199,02
	árvore e ervas sagradas	-	dispostas por todo o terreno	-	-	-	
	roncô/camarinha	espaço onde as pessoas ficam recolhidas	banheiro privado, espaço para esteiras, oferendas, seguro para estar e transitar pois terão velas e objetos pontiagudos	8 ou mais	1	158,38	158,38
	espaço oracular	sala para atendimento e realização de jogo de búzios	mesa com duas cadeiras e mesa de apoio	2	1	44,99	44,99
	banheiro de uso público	banheiro coletivo	cabines com bacia sanitária e pias	5	2	29,53	59,06
	banheiro PCD	banheiro acessível	bacia sanitária e pia	2	2	5,31	10,62
	banheiro suíte	uso exclusivo dos membros do terreiro	espaço onde é possível realizar o banho higiênico e banhos de ervas necessários	5	2	51,88	103,76
	banheiro PCD suíte	vestiário acessível	pia, bacia sanitária e chuveiro	1	1	5,86	5,86
	suíte	espaço para os filhos de santos que não podem voltar para casa após os eventos, além de ser um apoio para o vestiário, onde podem se vestir	beliches, araras, baús e cabideiros	10	2	77,81	155,62
	depósito	espaço de armazenamento e apoio do terreiro	espaço livre	-	1	29,79	29,79
	cozinha	uso para cozinhar as comidas de santo e ageum	bancada de trabalho, bancada de apoio, espaço de armazenamento, fogão, fogão à lenha, geladeira	5	1	45,21	45,21
	lavanderia	área de serviço	tanque, lavadora de roupas e espaço para varal	2	1	14,59	14,59
	despensa de alimentos	espaço de apoio para armazenamento	apoio para itens da cozinha	-	1	14,3	14,3
						ÁREA TOTAL:	1533,29

Tabela 3 - Programa de necessidades do terreiro dos orixás.

Fonte: Autoria própria (2025).

PROGRAMA DE NECESSIDADES							
EDIFÍCIO	AMBIENTE	USO	CARACTERÍSTICAS E EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS	PÚBLICO	QUANTIDADE DE ESPAÇOS	ÁREA (m ²)	ÁREA TOTAL (m ²)
Terreiro das Entidades	salão interno principal	onde serão realizados os toques de jurema e giras de umbanda	espaço atabaqueiros/curimbeiros, espaço visitantes (mobiliário fixo)	150 (50 membros e 100 visitantes)	1	706,39	706,39
	espaço externo para cultos	onde serão realizados eventos esporádicos	espaço livre, com as 7 árvores da jurema distribuídas pelo espaço	80	1	199,02	199,02
	árvore e ervas sagradas	-	dispostas por todo o terreno	-	-		
	roncô/camarinha	espaço onde as pessoas ficam recolhidas	banheiro privado, espaço para esteiras, oferendas, seguro para estar e transitar pois terão velas e objetos pontiagudos	8 ou mais	1	158,38	158,38
	espaço oracular	sala para atendimento e realização de jogo de búzios	mesa com duas cadeiras e mesa de apoio	2	1	44,99	44,99
	banheiro de uso público	banheiro coletivo	cabines com bacia sanitária e pias	5	2	29,53	59,06
	banheiro PCD	banheiro acessível	bacia sanitária e pia	2	2	5,31	10,62
	banheiro suíte	uso exclusivo dos membros do terreiro	espaço onde é possível realizar o banho higiênico e banhos de ervas necessários	5	2	51,88	103,76
	banheiro PCD suíte	vestiário acessível	pia, bacia sanitária e chuveiro	1	1	5,86	5,86
	suíte	espaço para os filhos de santos que não podem voltar para casa após os eventos, além de ser um apoio para o vestiário, onde podem se vestir	beliches, araras, baús e cabideiros	10	2	77,81	155,62
	depósito	espaço de armazenamento e apoio do terreiro	espaço livre	-	1	29,79	29,79
	cozinha	uso para cozinhar as comidas de santo e ageum	bancada de trabalho, bancada de apoio, espaço de armazenamento, fogão, fogão à lenha, geladeira	5	1	45,21	45,21
	lavanderia	área de serviço	tanque, lavadora de roupas e espaço para varal	2	1	14,59	14,59
	despensa de alimentos	espaço de apoio para armazenamento	apoio para itens da cozinha	-	1	14,3	14,3
						ÁREA TOTAL:	1547,59

Tabela 4 - Programa de necessidades do terreiro das entidades.

Fonte: Autoria própria (2025).

4.4.1 SALÕES: ÁGUAS DE YABÁS E CASA DE MARIA NAVALHA

A parte superior da cabaça, a cabeça, é o salão, onde o culto acontece, uma correspondência também ao que chama-se de ori ou coroa dentro das religiões. Ori é uma palavra iorubá, que significa, literalmente, “cabeça”, mas também é o mais antigo orixá e considerado também o primeiro orixá de cada indivíduo, necessitando ser cultuado já que corresponde ao destino de cada um. Logo, precisa estar equilibrado. Por este simbolismo, a “cabeça” do edifício é onde as giras, xirês e ritos são realizados, já que é na coroa/ori onde a mediunidade também é sentida e manifestada, uma espécie de união entre o mundo físico e o espiritual, conforme anteriormente explicado. Desse modo, o espaço do terreiro traz, em sua forma, espacialidade e implantação, o lembrete do espiritual, ancestral e primordial. O terreiro de culto às entidades traz como sua responsável a Mestra Maria Navalha, entidade homenageada e regente deste espaço, que possui ligação com a Jurema Sagrada e Umbanda. O nome de seu terreiro é “Casa de Maria Navalha”. O salão de culto aos orixás, o Ilé, tem como orixás regentes Oṣun e Yemoja, orixás das águas doces e salgadas, respectivamente. O Ilé possui o nome de “Águas de Yabás”, em alusão às grandes mães das águas, homenageadas neste projeto.

O salão possui forma circular, sustentada por pilares de concreto armado e vigas, ora de concreto, ora de estrutura metálica. Oito pilares surgem da base sustentando o edifício, de modo que são divididos em quatro, uma dupla em cada canto, unidos a vigas de estrutura metálica, que partem uma de cada pilar da extremidade, e se encontram e fixam-se em um dos quatro pilares centrais. A estrutura metálica foi utilizada, arquitetonicamente, para vencer o grande vão com uma altura menor, mas também em uma clara alusão à Oḡún, orixá da tecnologia e do ferro. Além disso, o vão foi dividido, chegando até o centro ao invés de cortar todo o terreiro, pensando nas soluções estruturais, mas também já compondo a representação do poste central encontrado em muitos terreiros. É a conexão

entre o céu e a terra, representando por quatro pilares redondos, que arrematam a sustentação do edifício, onde são ligados às vigas através de fixadores metálicos que abraçam estes pilares e unem os dois elementos. Entre estes pilares, o espaço do meio pode ser utilizado para o culto, onde no chão podem ser dispostas as oferendas e representações do evento realizado, assim como surge do céu uma claraboia com um vitral. Esta claraboia, além de propiciar ventilação e iluminação central para o espaço, demonstra a conexão entre o céu e a terra de forma literal. Através dessa abertura, o céu, as nuvens (alusão à Oṣàlá) e o sol (alusão à Oḡbalúwàiyé/Oḡṣṣu) são convidados a adentrar este espaço. Além da claraboia central, o edifício conta com uma claraboia que circunda toda a forma, propiciando a entrada de luz de forma indireta.

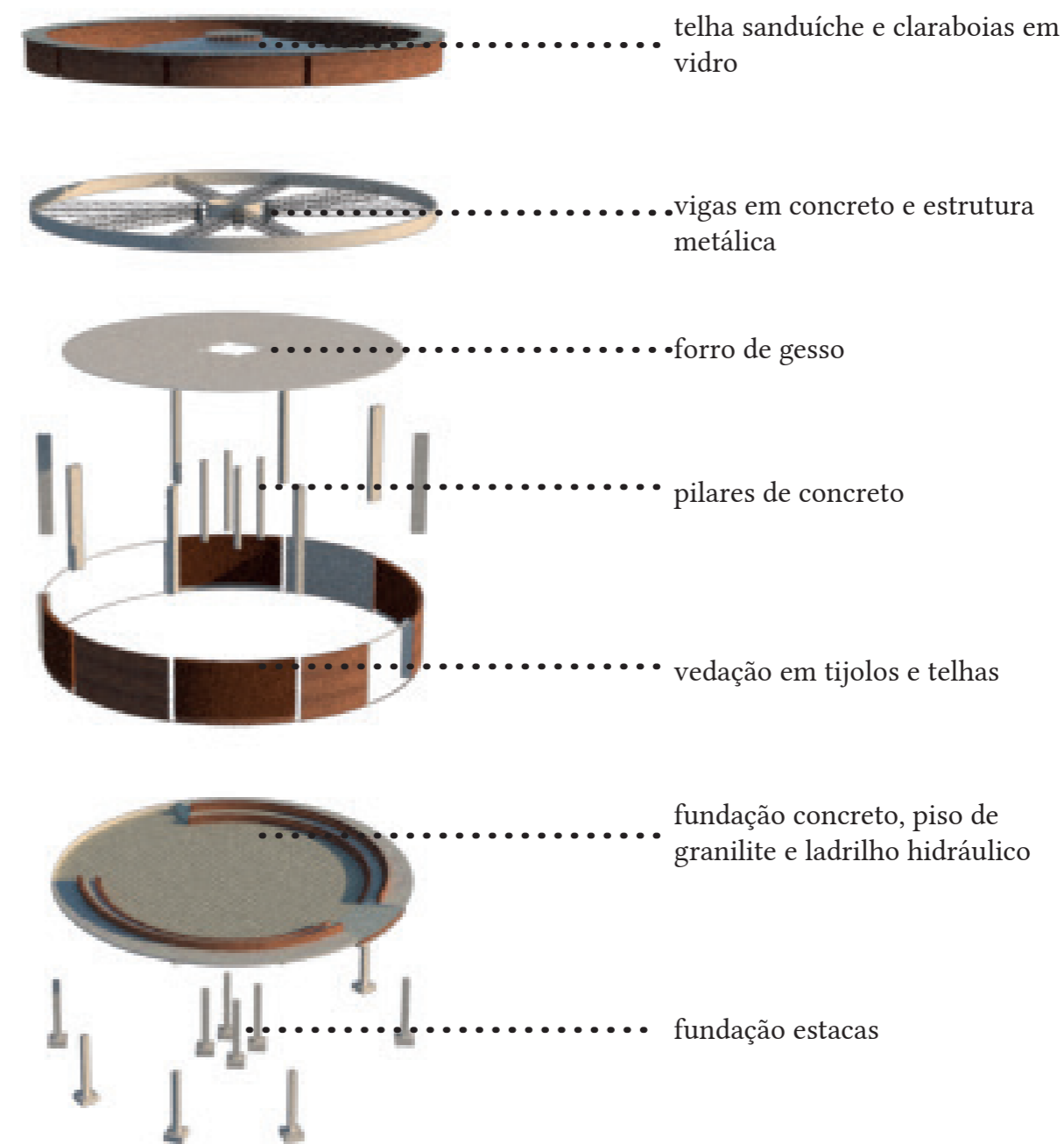


Figura 91: Perspectiva explodida do salão.

Fonte: Autoria própria (2025).

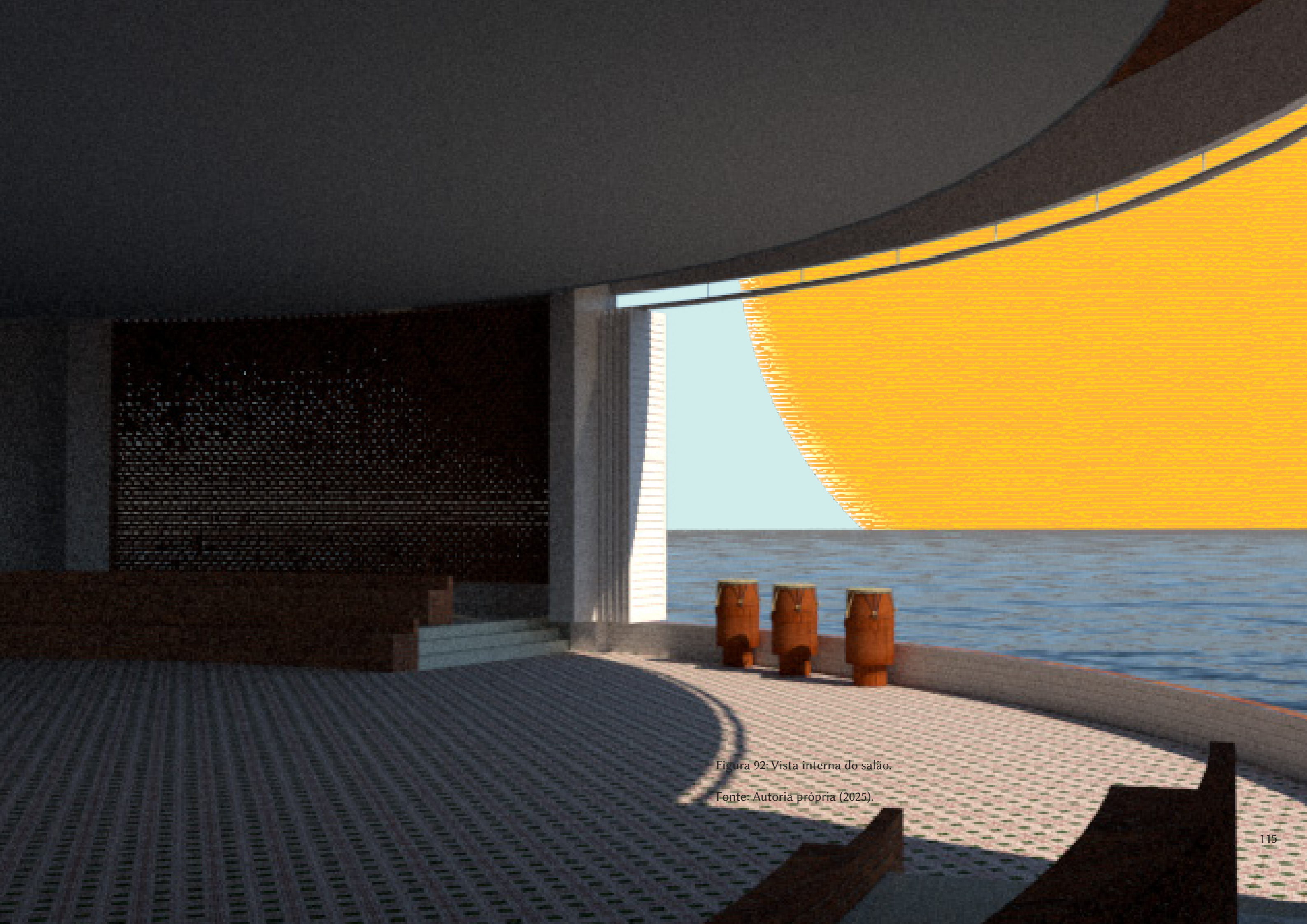
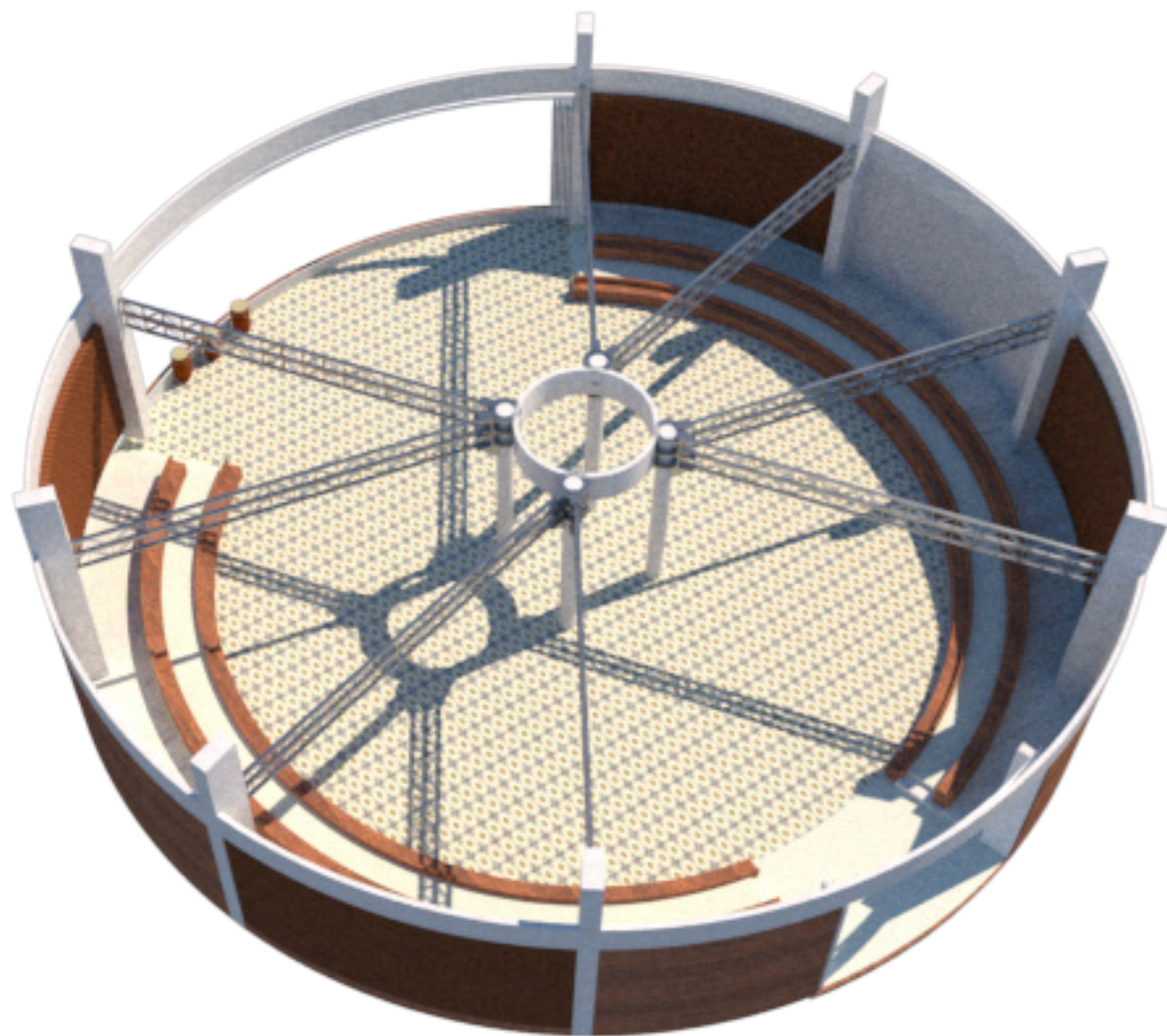


Figura 92: Vista interna do salão.

Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 93: Perspectiva do salão com estrutura à mostra.

Fonte: Autoria própria (2025).

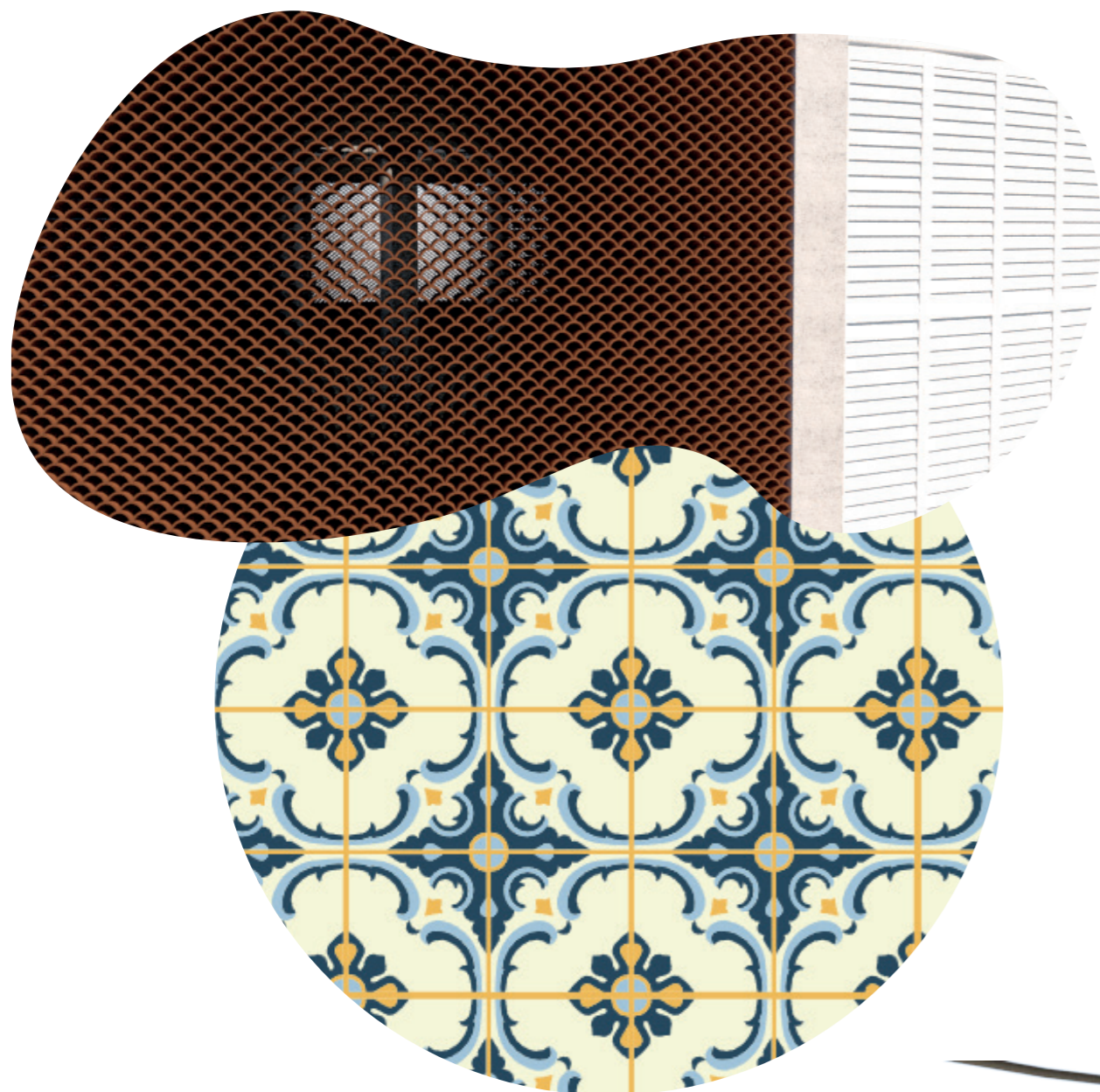


Um detalhe importante das claraboias é que, além do convite à luz e ao vento para adentrarem, os vidros utilizados possuem textura, textura essa que, ao ser refletida pelo sol, traz o desenho da água para dentro do espaço. A água é elemento primordial nos cultos, e também em todas as escolhas que nortearam este projeto. Outra alternativa utilizada para a iluminação e ventilação foram as aberturas entre os pilares, onde estão dispostas uma parede de telhas sobrepostas que formam elementos ligados às patronas dos terreiros. No terreiro de Maria Navalha, as telhas são intercaladas de modo que formam uma espécie de flor, em referência às flores e ervas utilizadas na jurema sagrada e umbanda. Já no terreiro das yabás, as telhas são assentadas a fim de formarem escamas, em alusão aos peixes, sereias e arquétipos ligado às águas. As telhas são uma alternativa para iluminação e ventilação, para além das técnicas com cobogós e tijolos sobrepostos, e seu uso, além de possuírem valor estético, que propicia diversas padronagens distintas, foi utilizado justamente para demonstrar soluções simples que podem ser aplicadas em diferentes espaços. Além disso, mesmo com as aberturas, as telhas podem ser assentadas de modo que sua inclinação proteja o espaço interno da chuva.

Outro ponto que diferencia os dois terreiros é o piso central do salão. Foram escolhidos ladrilhos que, no ilê, possui as cores azul, branco e amarelo, em referência às cores utilizadas pelas yabás homenageadas, e no terreiro das entidades os ladrilhos já possuem a cor branca e vermelha, cores da mestra, além de ter em sua padronagem folhas, novamente remetendo à importância das ervas em seu culto. A estampa é da marca de ladrilhos “Ladrilar”. Dessa maneira, novamente há a presença da água e da terra: ora representado por cores e elementos das águas, ora pelos da terra. Ambos se complementam, coexistem e são primordiais. Ao adentrar o espaço, uma rampa dá acesso a este espaço central, com os postes estruturais no centro, e os ladrilhos adornando o piso. Dos dois lados, há duas fileiras de assentos, que circulam todo o terreiro. É o espaço onde os visitantes se

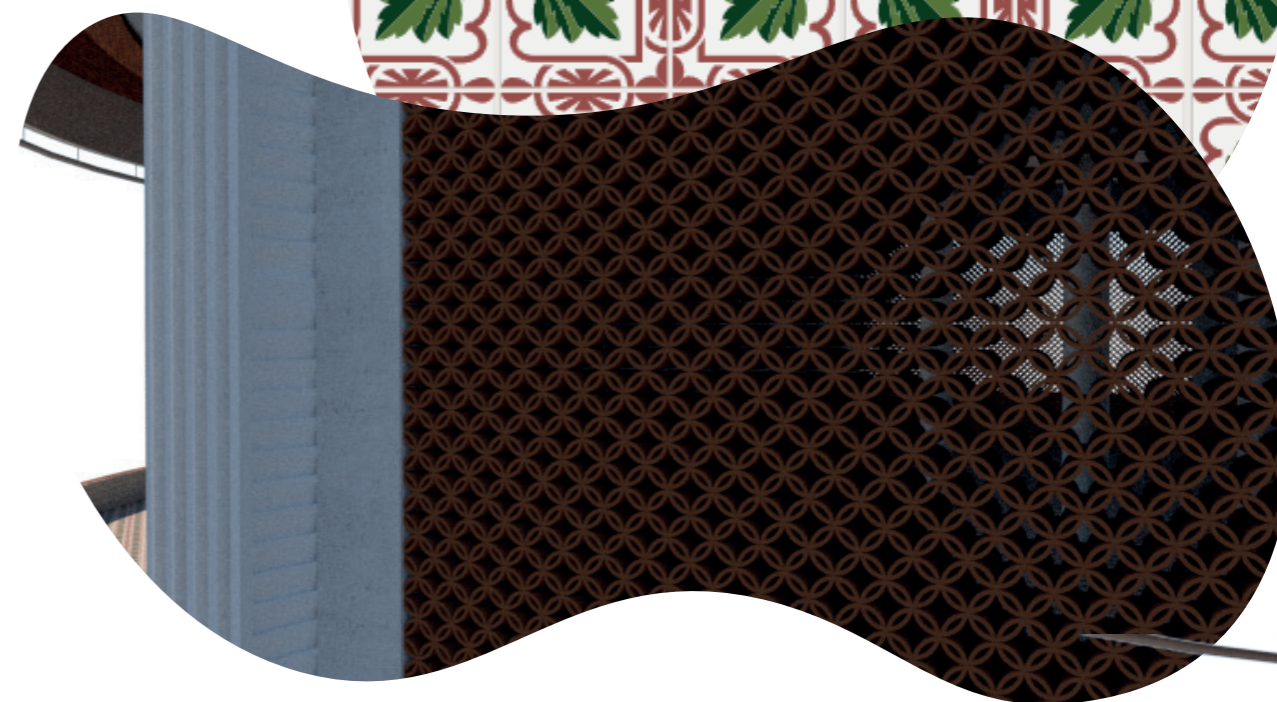
acomodarão para assistirem e participarem das celebrações. Os assentos foram construídos em tijolo, e além dos ladrilhos, os outros pisos são de granilite. Ao fundo, de forma central, está a grande abertura que emoldura a vista para o lago, o faz entrar e ser cultuado. O fechamento é feito através de portas camarão de piso a teto, que são utilizadas tanto para o fechamento do espaço, tanto para servirem de barreira para o sol, a depender de sua posição durante os ritos. Este ponto focal e central foi peça chave desde o início da concepção do espaço, já que, assim como o lago foi norteador e determinante para a escolha do terreno, houve também a necessidade de valorizá-lo e trazê-lo para as celebrações.

Por muitas vezes foram citados nomes de orixás e suas ligações com os elementos naturais. Isto não acontece de forma a desprezar o culto às entidades de forma alguma. Na verdade, as entidades entram na representação do todo: a luz, o calor, os ventos, a brisa, a chuva, o movimento, a matéria, o espiritual. As entidades trabalham cada qual com seus elementos, mas fato é que todas necessitam e trabalham o todo. Talvez a mágica vista esteja aí. Mesmo sendo cultos e origens distintas, além das formas gêmeas, cada qual com seus detalhes, conceitualmente se encontram e complementam, assim como encerram e finalizam a poética desses espaços, já que inicia na representação do caminho, e encerra com a junção do todo. Durante o processo de construção deste trabalho, a todo instante foi pensado em como se poderia representar os ancestrais nos espaços. As entidades entram justamente da união de tudo, no todo e no seu funcionamento, assim como possuem importância da vida de seus médiuns, onde fazem tudo fluir.



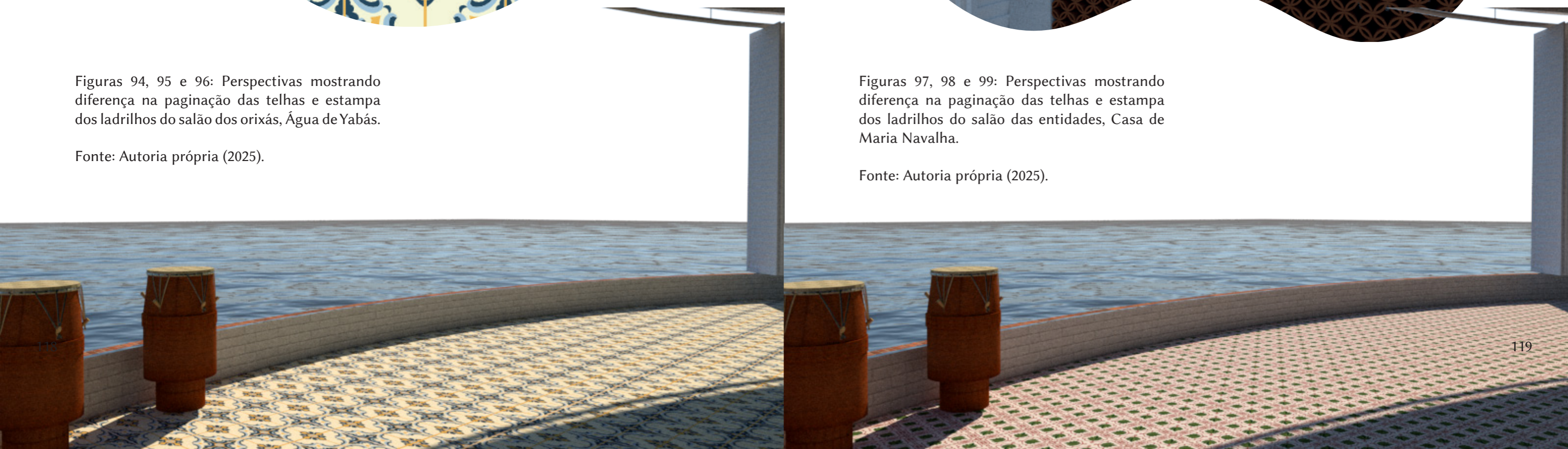
Figuras 94, 95 e 96: Perspectivas mostrando diferença na paginação das telhas e estampa dos ladrilhos do salão dos orixás, Água de Yabás.

Fonte: Autoria própria (2025).



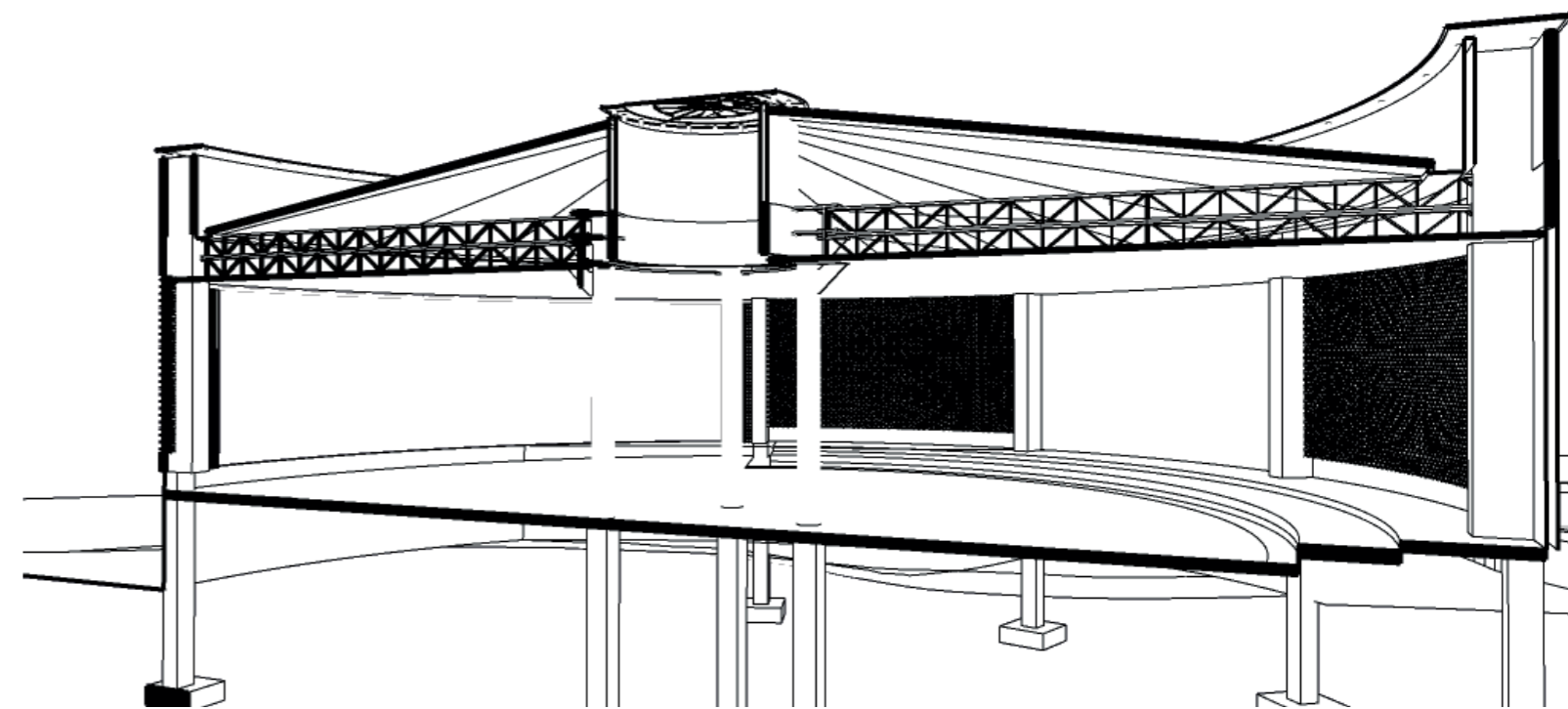
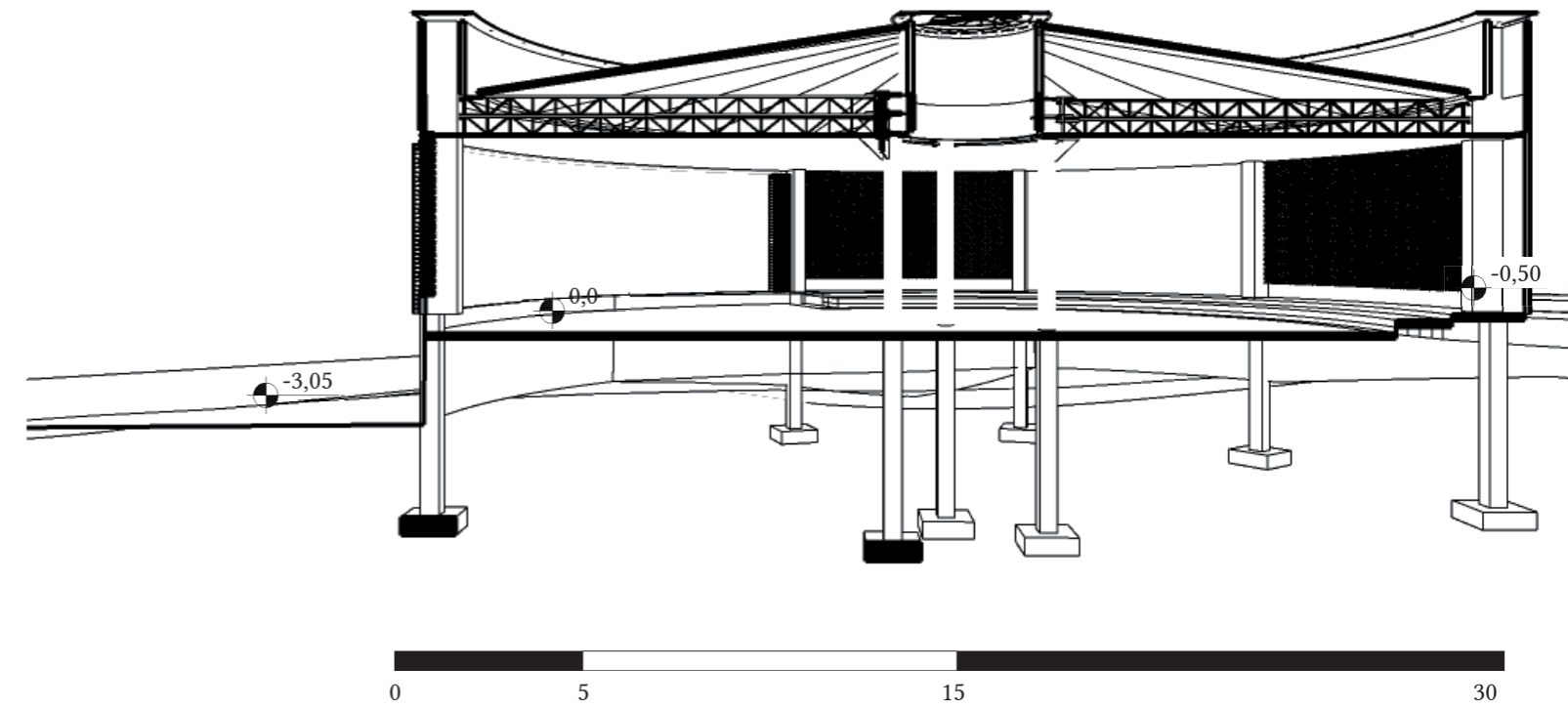
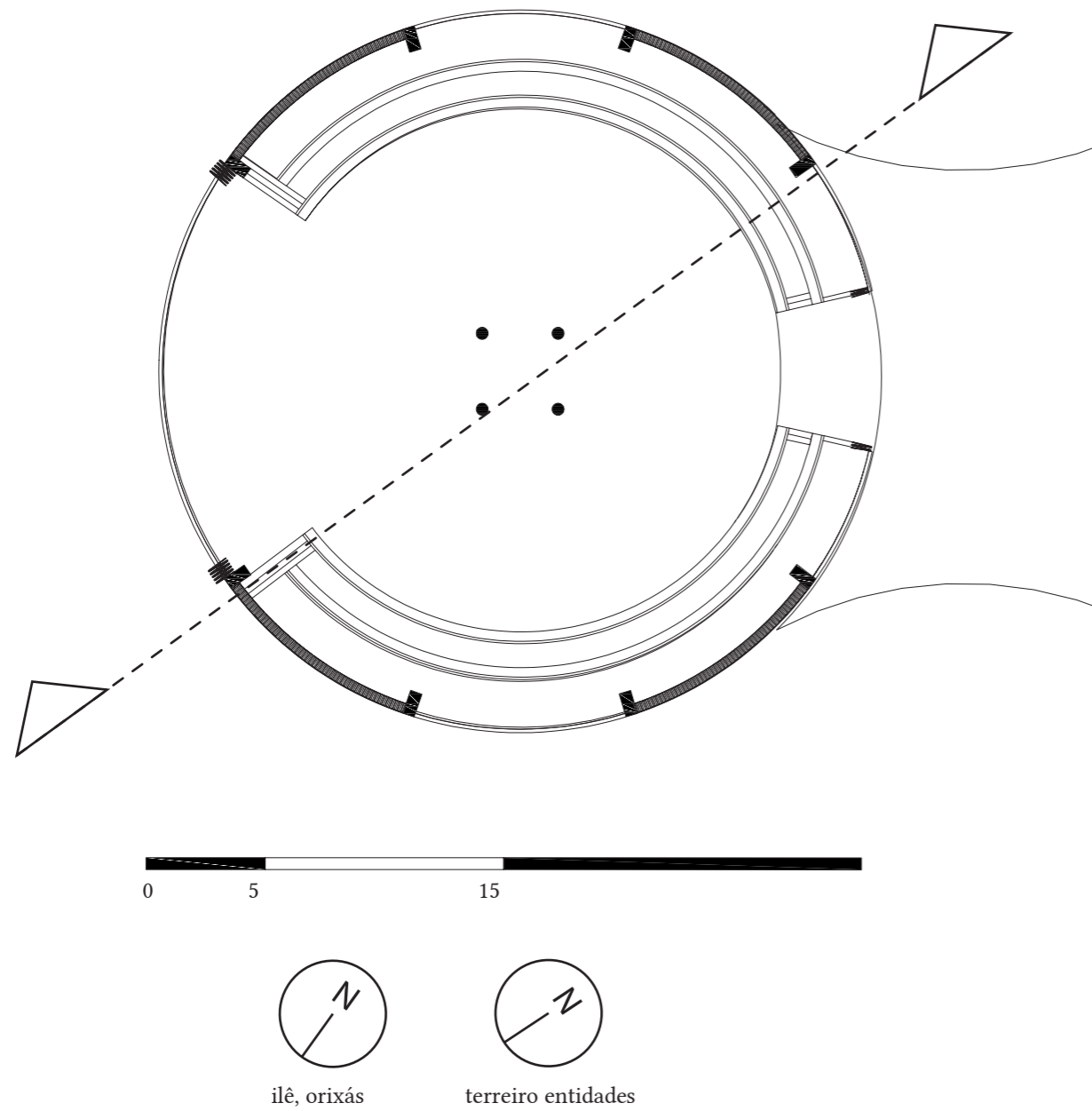
Figuras 97, 98 e 99: Perspectivas mostrando diferença na paginação das telhas e estampa dos ladrilhos do salão das entidades, Casa de Maria Navalha.

Fonte: Autoria própria (2025).



Figuras 100, 101 e 102: Planta e cortes perspectivados do salão, respectivamente.

Fonte: Autoria própria (2025).



4.4.2 EDIFÍCIO FUNCIONAL

A união dos círculos da cabaça, o correspondente ao pescoço, se apresenta na forma de um átrio que é caminho tanto para o salão, quanto para o prédio funcional. O prédio funcional é a base da cabaça, o círculo maior, onde tudo acontece. Enquanto o salão é onde as festividades são feitas, pessoas chegam para ser auxiliadas, orientadas e curadas, o espaço funcional e o terreiro vivo, onde os adeptos passam mais parte do dia, onde as atividades são pensadas, feitas, esquematizadas. É na base da cabaça que, assim como o útero, tudo nasce, floresce, prospera. A materialidade do espaço conta com estrutura em concreto, vedação em tijolo, coberturas de telha cerâmica e aberturas com esquadrias em alumínio anodizado.

Neste espaço estão, com a entrada para o átrio e não para o interno, os banheiros públicos que podem ser utilizados pelos visitantes das casas. Os espaços funcionais são também sagrados, não podendo ser de livre acesso e trânsito de pessoas de fora do terreiro. Os banheiros são acessados por um hall, com bebedores, que dá acesso aos banheiros. Ao adentrar o espaço privado da função, há a o espaço oracular, que pode ser acessado externamente ou internamente através do pátio, a fim de receber pessoas que necessitam de atendimento porém não são filhos da casa. Este espaço é onde são realizadas as consultas através do oráculo, seja os búzios, as cartas ou outros, e onde são receitadas mandingas, tratamentos ou meramente onde as pessoas recebem aconselhamento do mundo espiritual e do zelador. É uma espécie de quarto espaçoso já que em algumas situações é possível que ocorra a manifestação das entidades através da incorporação para o atendimento.

Há também o depósito e área de serviço, para dar apoio às atividades do terreiro, além da cozinha, órgão vital que pulsa e é conhecido pelo povo de axé como o coração do terreiro. É ali onde as comidas e oferendas dos ancestrais são realizadas, assim como as comidas das

festividades a serem ofertadas, e também tudo o que será feito para as pessoas iniciadas, que estarão recolhidas. Além desses espaços, há duas grandes suítes que serão utilizadas pelos filhos da casa. Esses espaços são os dormitórios, é ali onde os filhos poderão se trocar antes e depois das atividades, tomar seus banhos higiênicos mas também de limpeza espiritual, e, a depender, passar a noite. O terreiro possui localização privilegiada, de fácil acesso ao terminal rodoviário de Brasília, ponto principal de acesso das linhas de ônibus, BRT e metrô, além de acesso ao transporte privado por aplicativos. Entretanto, há muitas pessoas que continuam no terreiro após as festividades, seja por não possuir veículo próprio ou pelas festividades finalizarem muito tarde. Além disso, muitas vezes as atividades podem se arrastar por mais de um dia, fazendo com que muitas pessoas permaneçam no espaço para as atividades do dia seguinte.

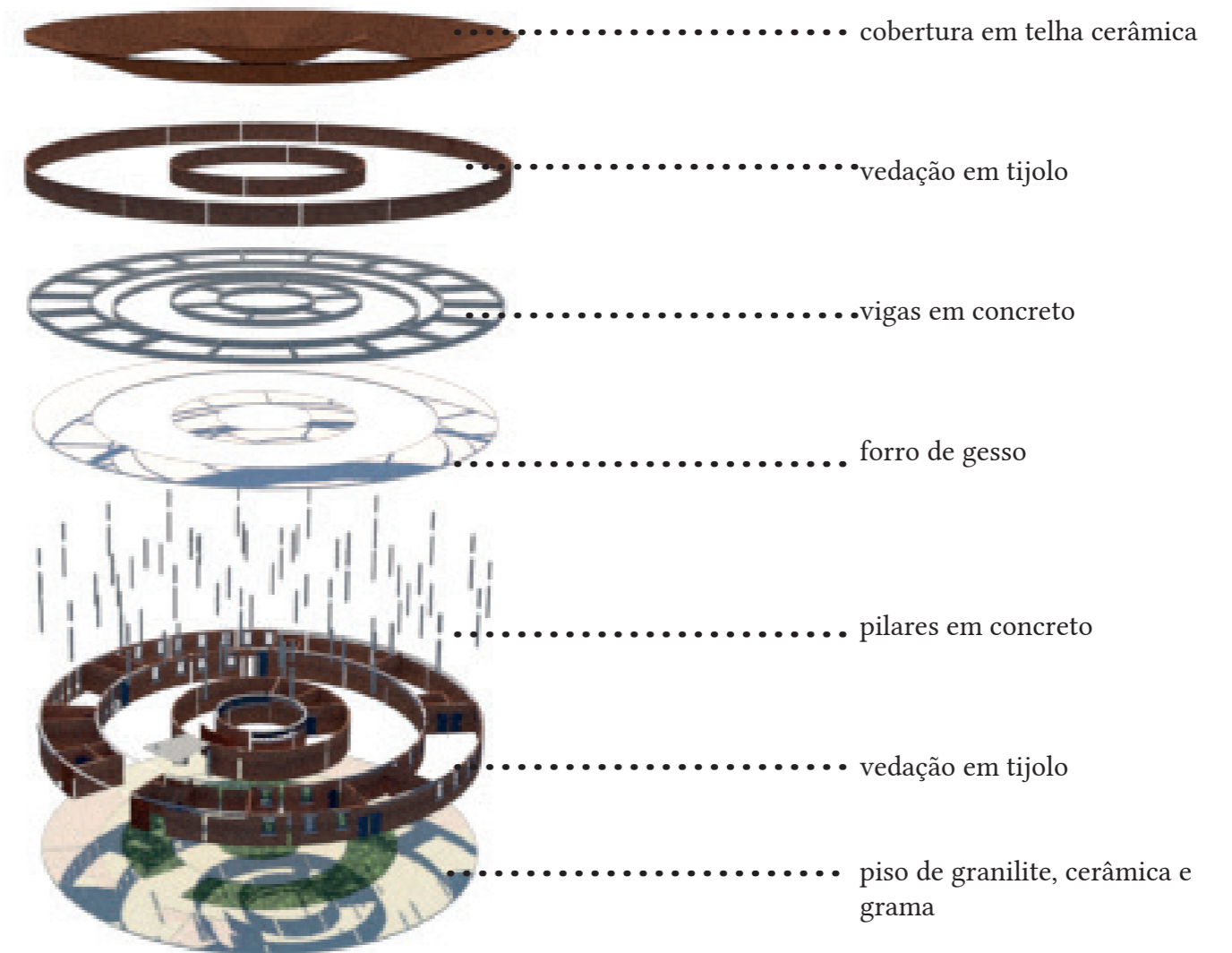


Figura 103: Diagrama explodido do edifício funcional.

Fonte: Autoria própria (2025).

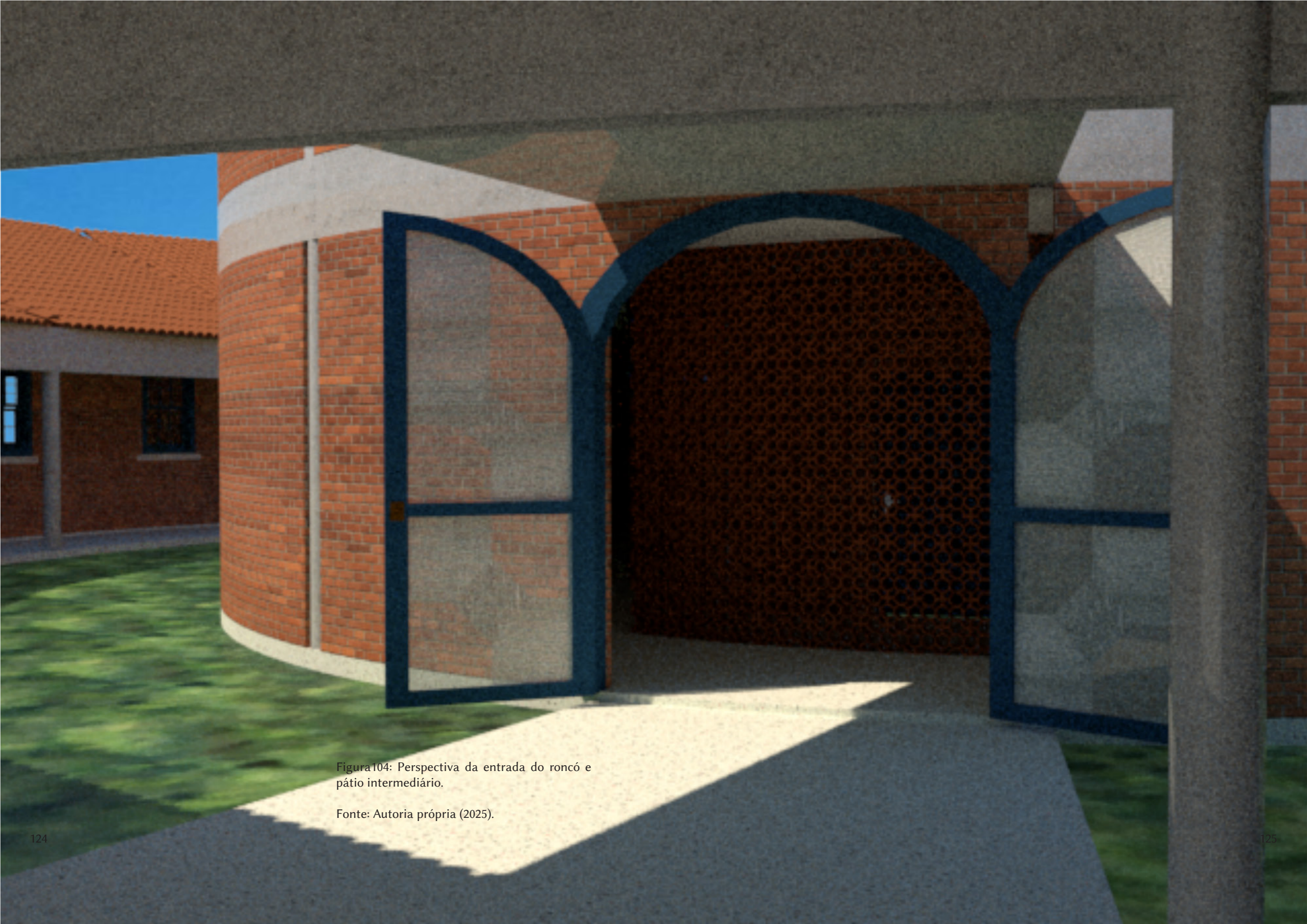
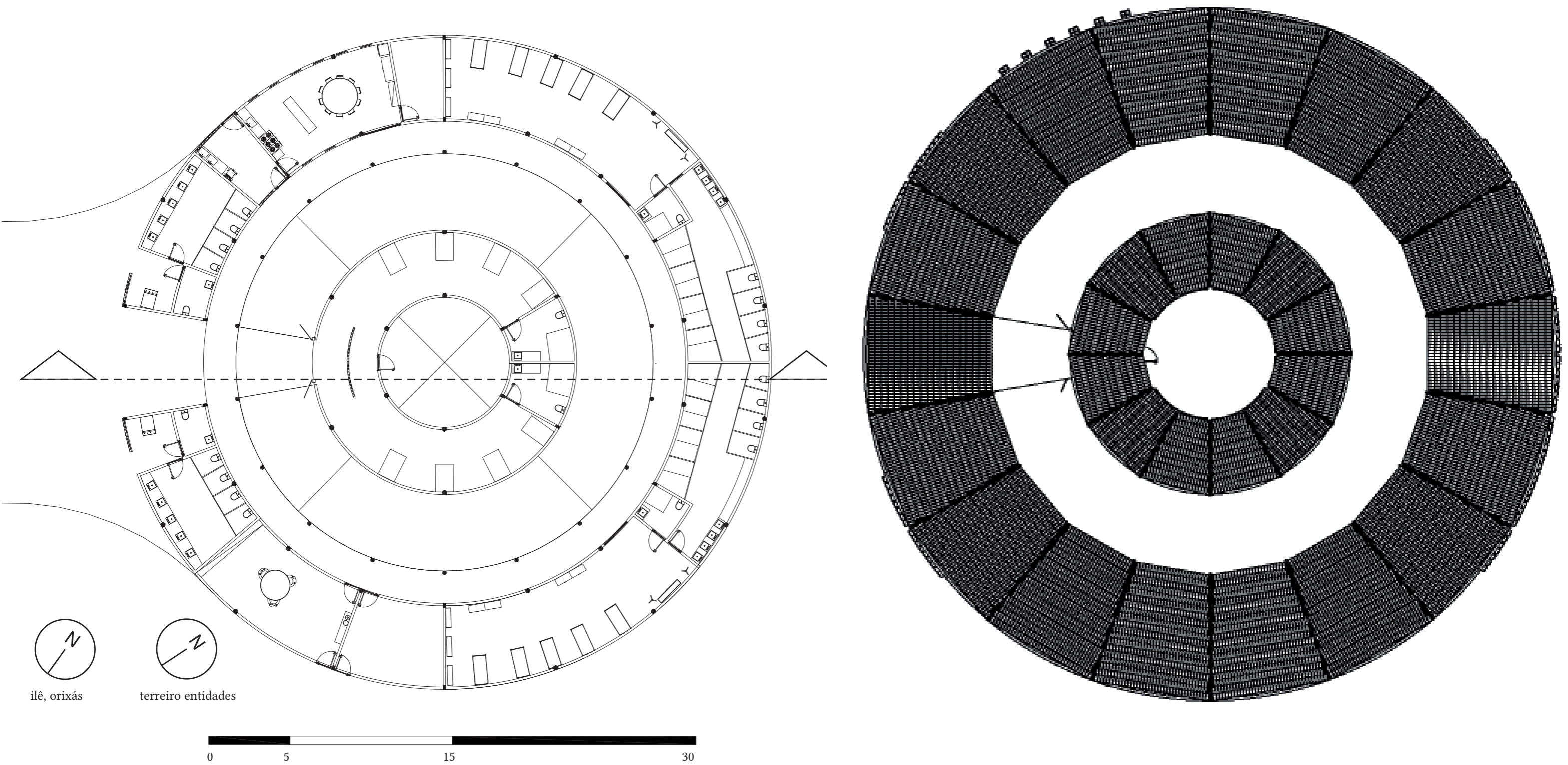


Figura104: Perspectiva da entrada do roncó e pátio intermediário.

Fonte: Autoria própria (2025).

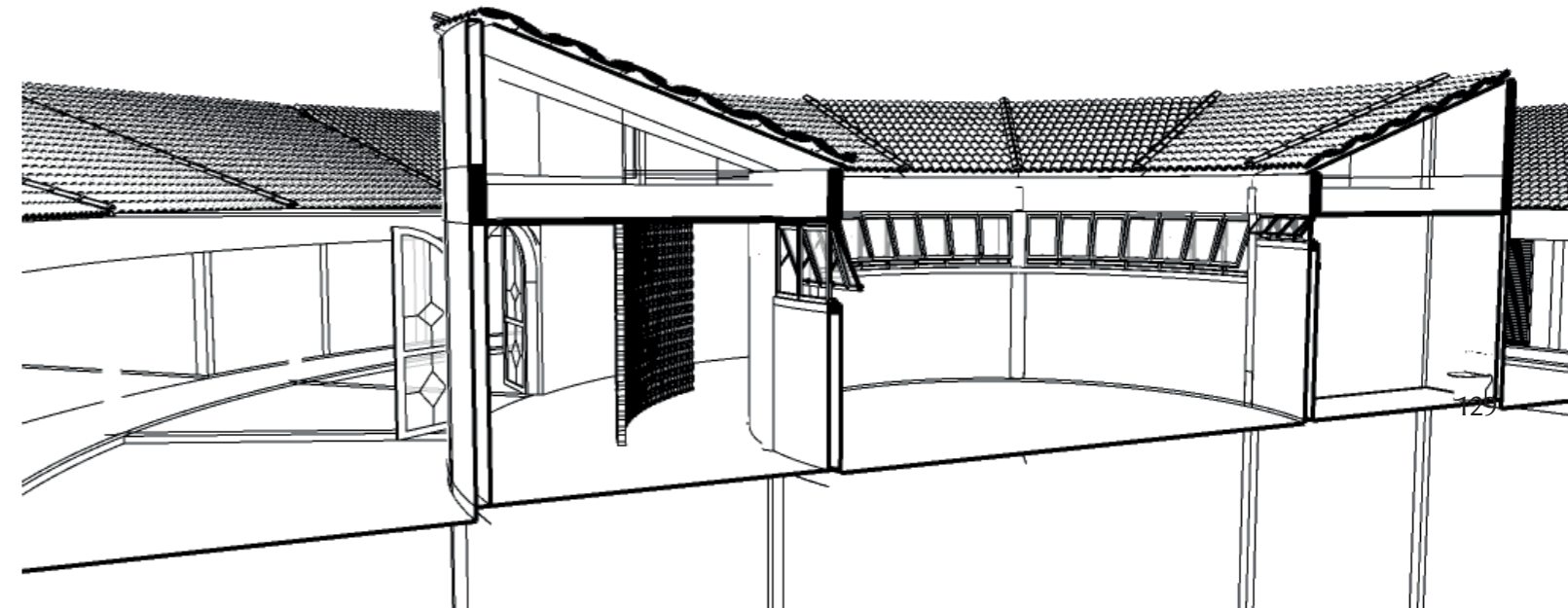
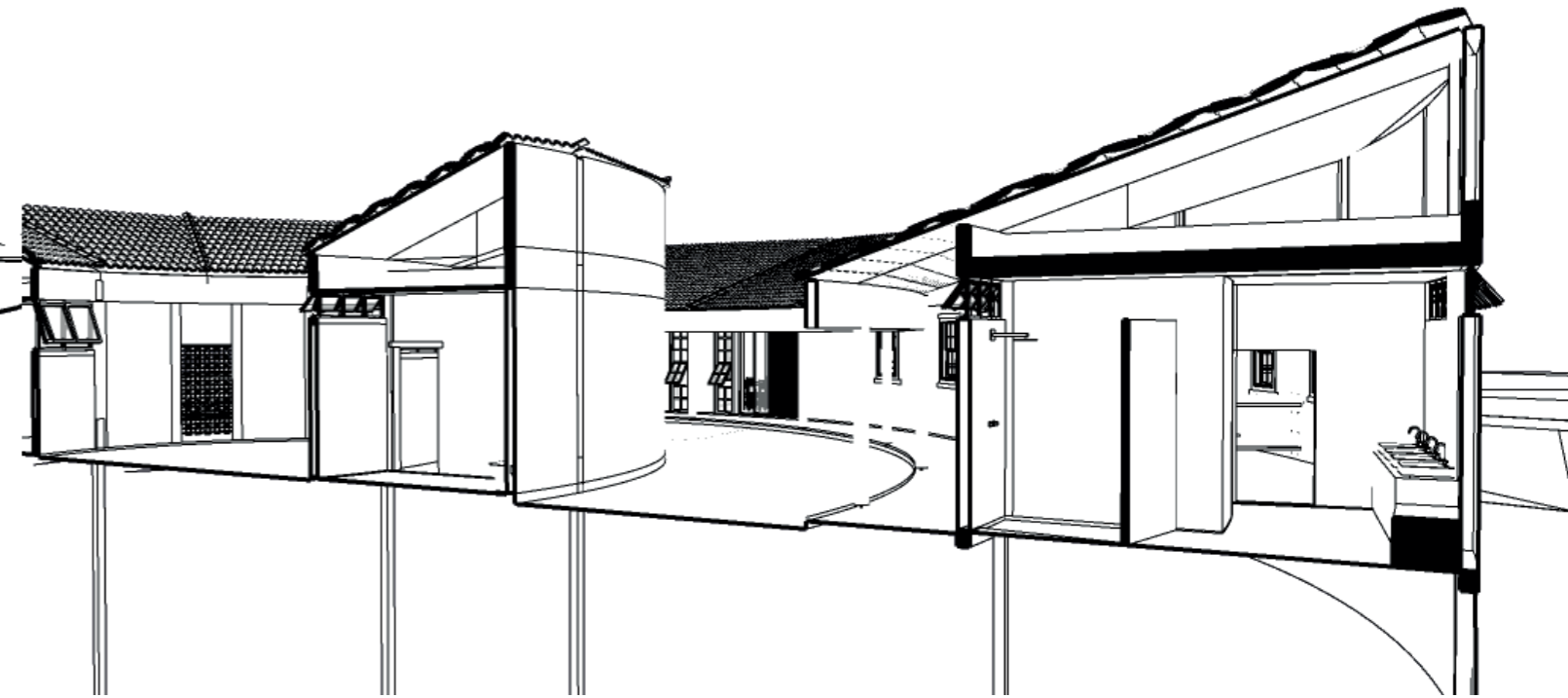
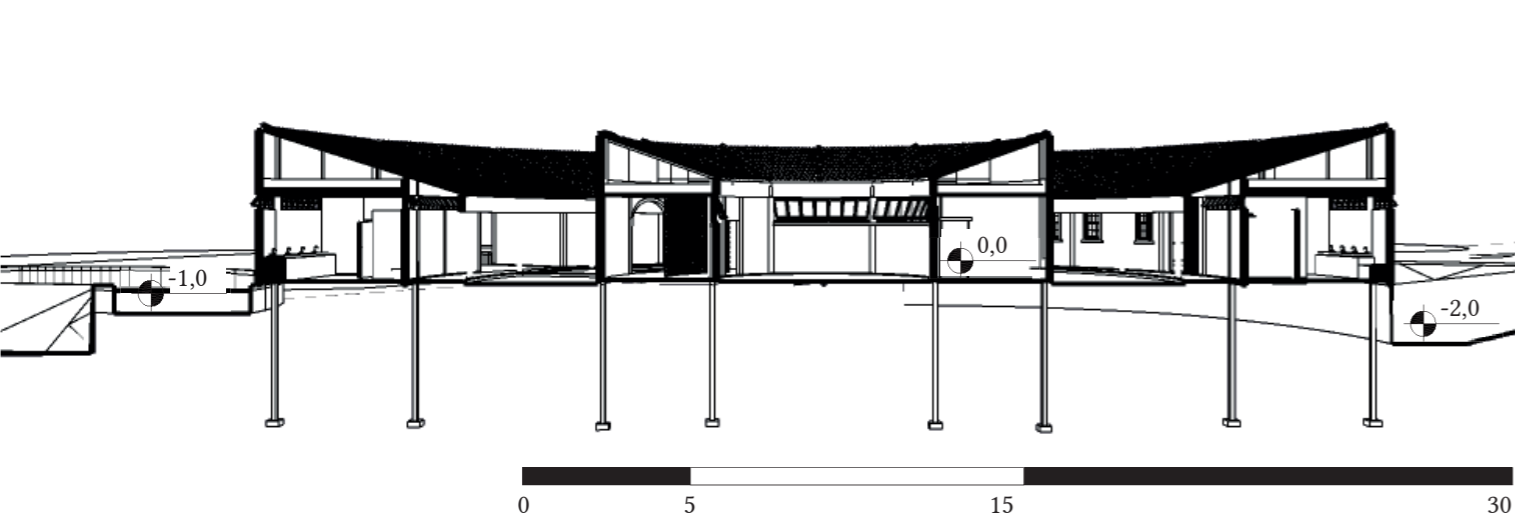
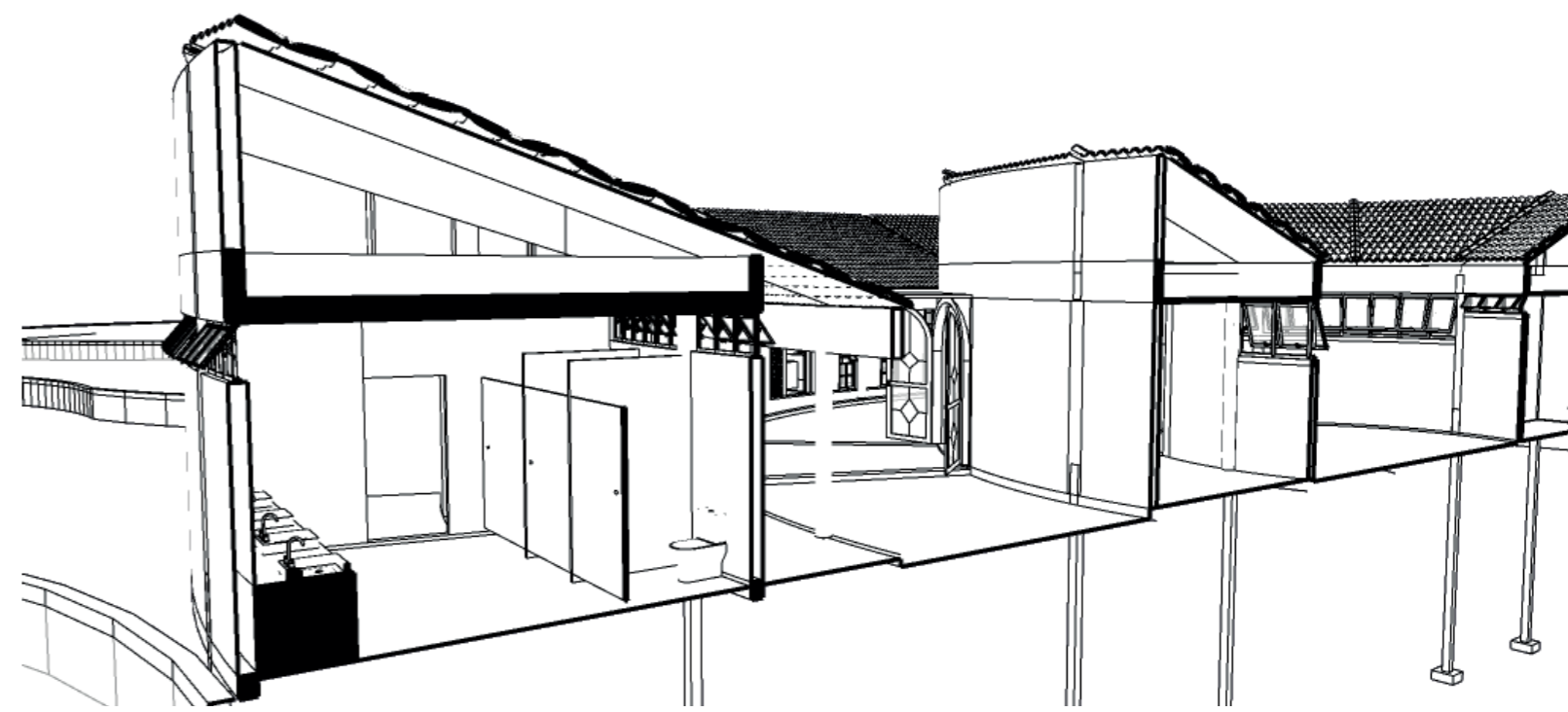
Figuras 105 e 106: Planta e planta de cobertura do edifício funcional.

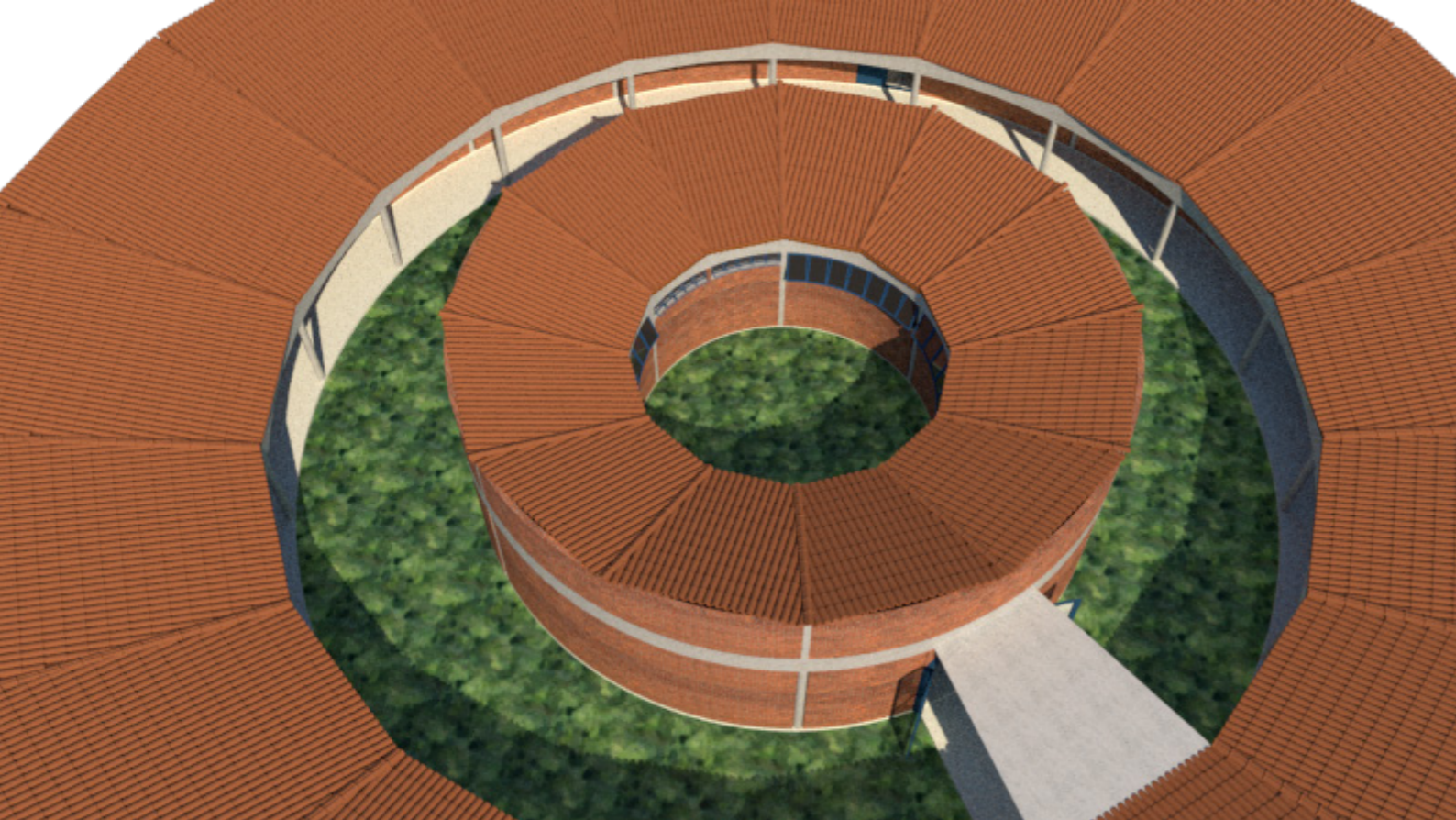
Fonte: Autoria própria (2025).



Figuras 107, 108, 109 e 110: Cortes perspectivados do edifício funcional.

Fonte: Autoria própria (2025).





Figuras 111 e 112: Vista superior do edifício funcional, com e sem cobertura.

Fonte: Autoria própria (2025).



Portanto, este espaço foi pensado para acolher estes filhos, seja para uma permanência curta ou prolongada. Nos quartos, estão dispostas beliches, mas com espaço suficiente para a utilização de redes e esteiras, se necessário. Além disso, possui espaço suficiente para armazenamento dos itens pessoais, espaço confortável para se vestirem com as roupas volumosas características utilizadas pelos participantes do culto. Há um banheiro para pessoas com deficiência e também um banheiro compartilhado com acesso através de cada quarto. Os banheiros maiores possuem cabines com chuveiros e outras com bacia sanitária. As com chuveiro possuem espaço suficiente para, além do espaço para o banho, demarcado através de um rebaixo no piso, espaço para a saída deste. Este espaço foi pensado para eliminar a necessidade de se secar e vestir num espaço compartilhado, mesmo que haja um espaço para isso no banheiro, como apoio. A privacidade foi necessária pois é um espaço para realizar os banhos de limpeza espiritual, que exigem resguardo para as preces e intenções. Além disso, esse espaço de apoio serve também para os preparos dos banhos, cuias e bacias com o banho de limpeza. Portanto, este espaço conta com cabideiros e um banco.

Além de todas as atividades funcionais, espaços de descanso e depósito, é nesta porção também que estão localizados o roncó e a camarinha, espaços onde são realizadas as iniciações. É importante citar que os nomes desses espaços podem mudar de acordo com cada religião, cada e tradição. Neste trabalho, para elucidação, roncó é o espaço onde as pessoas a serem iniciadas ficam recolhidas para a ritualística correspondente ser feita. A camarinha é o espaço onde as pessoas que darão apoio aos iniciados ficarão, já estas podem ter contato com o mundo exterior e serem indivíduos intermediadores entre o mundo externo e os iniciados recolhidos, prestando apoio, ajuda, levando comida e os apadrinhando, já que os recolhidos entram no roncó e só saem no dia final, referente à celebração. De forma resumida é assim que acontece, respeitando

sempre as nuances e características de cada iniciação. Como exemplo, em algumas casas de candomblé se fazem a iniciação, depois a renovação a cada 1, 3, 7, 14 anos. Na jurema sagrada há o batismo e o tombo da Jurema. Na umbanda, há a feitura de anjo de guarda, deitada para exu e pombagira, todos esses podendo ter nomes diferentes de acordo com a tradição e casa. Essas iniciações, renovações e rituais dependem, quando possível, deste espaço separado para ocorrerem.

O espaço funcional conta com um espaço circular, com um pátio, e de forma central neste círculo, há o espaço de recolhimento: o roncó e a camarinha. Estes espaços possuem localização estratégica. São localizados no centro da função, assim como no correspondente ao útero da cabaça. Está protegido pelo pátio maior e todos os outros cômodos, que o abraçam e acolhem, e assim os iniciados estão prontos para serem gerados e renascer. Ao findar os dias de recolhimento, este útero se abre diretamente para o átrio, que conseqüentemente se abre para o terreiro, como uma forma de abrir um novo caminho para o iniciado, o saudar à nova vida. Ao conceber o espaço de recolhimento, houve uma dúvida que rondou o processo de projeto: “o roncó deve ser um espaço acoplado ao terreiro, é visto em muitos terreiros? Espaço este onde o iniciado sai, diretamente, do recolhimento para ser apresentado no salão principal?”. Além das experiências pessoais, foram realizadas leituras e pesquisas a fim de entender como estes espaços se localizam nas diversas roças (nome alternativo para “terreiro”). A partir disso, além da lógica conceitual do nascimento, foi-se utilizado o que foi visto no documentário “Orixá Ninú Ilé – Arte Sacra Negra 1”, onde é possível visualizar os espaços do terreiro como indivíduos independentes, sem ser, de forma obrigatória, anexos do salão principal. Deste modo, a localização do roncó também traz o caminhar, tão presente em diversos pontos do projeto, como mais um elemento incorporado ao renascer do iniciado. Agora, iniciado e renascido, trilha seu próprio caminho, o caminho do seu destino, do seu ori.

ESPAÇOS EXTERNOS: TERREIROS E CASAS

Além do edifício em forma de cabaça, o terreiro conta ainda com alguns espaços externos, que compreendem as casas sagradas e os terreiros externos. Em relação às casas, são espaços onde ficam os assentamentos e elementos que simbolizam o sagrado, tanto do próprio terreiro, quanto dos iniciados, assim como oferendas. Possuem espaço suficiente para dispor dos elementos sagrados, que são em formatos de pratos, com alguidares, cuias, imagens e jarros, mas também espaço para uma esteira, se necessário fazer algum trabalho espiritual específico dentro deste local, ou até mesmo receber pessoas para preces. As casas sagradas são áreas restritas, podendo ser acessadas somente mediante autorização e convite da sacerdotisa ou sacerdote. Esses espaços são uma espécie de quarto, distribuídos lado a lado, onde juntos formam um arco.

Na implantação, os quartos foram distribuídos da seguinte maneira: para os espaços que representam os orixás, de um lado ficam os espaços das yabás e Ibejis, divindades femininas e as crianças, e do outro lado o masculino, representando os orixás oborós. São, ao todo, 7 quartos para o lado feminino e 8 quartos para o lado masculino. Do lado feminino, há os quartos de Oṣun, Yemoja, Nàná (Oxum, Iemanjá e Nanã, em iorubá), o quarto duplo dos Ibejis, Yèwá, Oḃà e Oyá (Ieúá, Obá e Iansã, em iorubá). Os Ibejis estão entre as yabás, como se estivessem sendo zelados. Do outro lado, estão Èṣù, Ògún, Oḃalúwàiyé/Oḃoḃlu, Òṣùmàrè, Òṣàlá/Òṣà Ògìnyán/Òṣàlùfàn, Lògun Èḃe, Oṣòṣi e Ṣàngó (Exu, Ogum, Obaluaê/Omulu, Oxumarê, Oxálá/Oxaguiã/Oxalufã, Logun Edé, Oxóssi e Xangô, em iorubá). Na parte externa, como os quartos em curva formam uma espécie de caminho/pátio, há no centro uma frondosa árvore, em referência aos orixás Iroko e Oṣányin, que é representando também em todo o conjunto de vegetação e na horta, já que é o orixá que guarda o segredo das ervas.

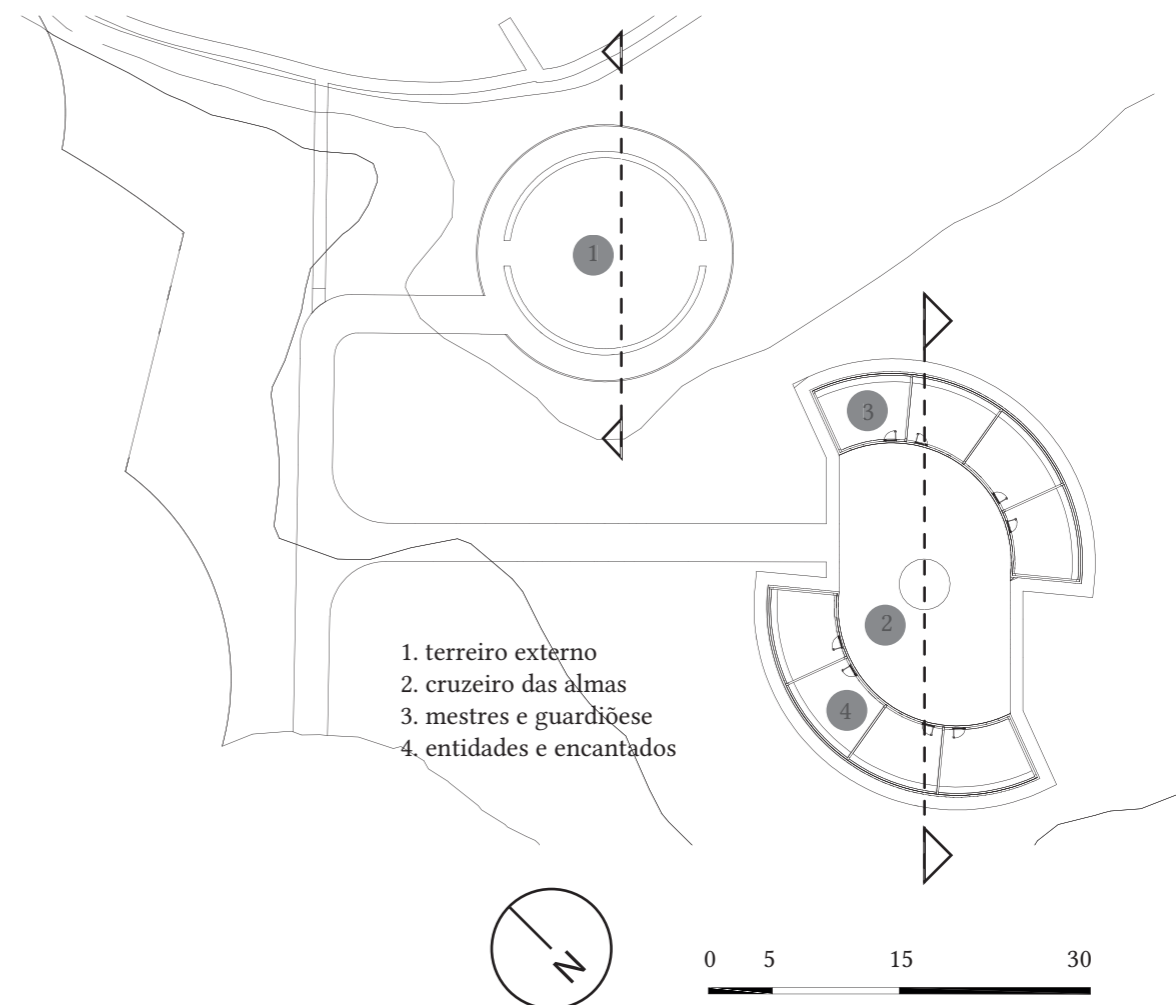
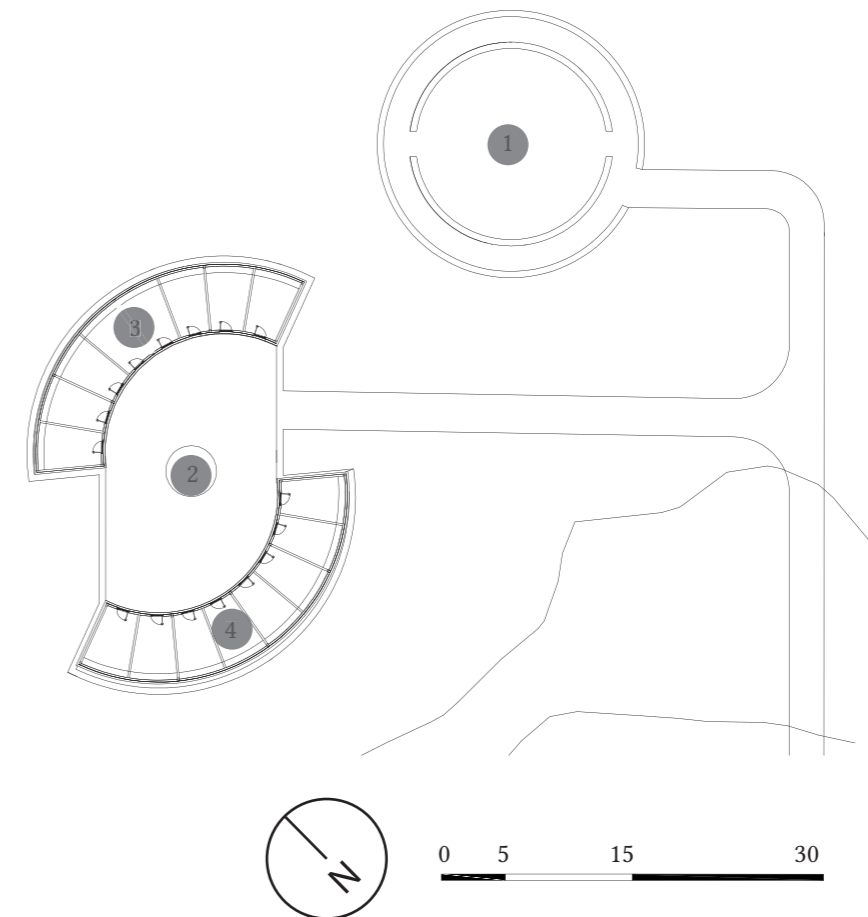
Do lado das entidades, o todo edificado possui

o mesmo tamanho que o espaço dos orixás. Entretanto, os módulos, assim dizendo, foram divididos de modo que formem 4 quartos de cada lado. Em um lado, estão os quartos do povo da rua e dos mestres. Em ordem, estão os quartos dos exus, das pombagiras, das mestres e dos mestres de jurema. Entidades masculinas na ponta, femininas no centro. Em relação os quartos dos exus e pombagiras, esses espaços também compreendem todas as entidades que trabalham na linha de esquerda, como algumas entidades ciganas e da malandragem. Algumas entidades caminham entre diversas linhagens, podendo ter o mesmo nome, mas trabalhando em linhas distintas. Por exemplo, Zé Pilintra é conhecido como mestre juremeiro, mas também como malandro advindo da macumba carioca (pode ser da linha de esquerda ou direita), e também como exu. Do outro lado, há o quarto dos preto-velhos, dos erês, dos boiadeiros, baianos e marinheiros, e, por último, o quarto dos caboclos e encantados. Este quarto pode ter, conforme anteriormente exposto, ciganos e malandros que trabalhem na linha da direita, e até mesmo outros encantados da linha de Jurema. No pátio central, há o Cruzeiro das Almas. Além de ser a conexão entre o mundo físico e espiritual, é muito utilizado em rituais associados à Umbanda e em orações. É encontrado geralmente em cemitérios e remonta à cultura brasileira, de realizar orações nestes espaços em clamor aos seus entes queridos, por exemplo.

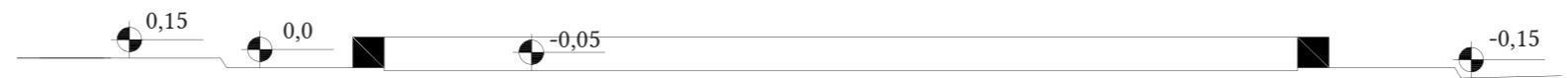
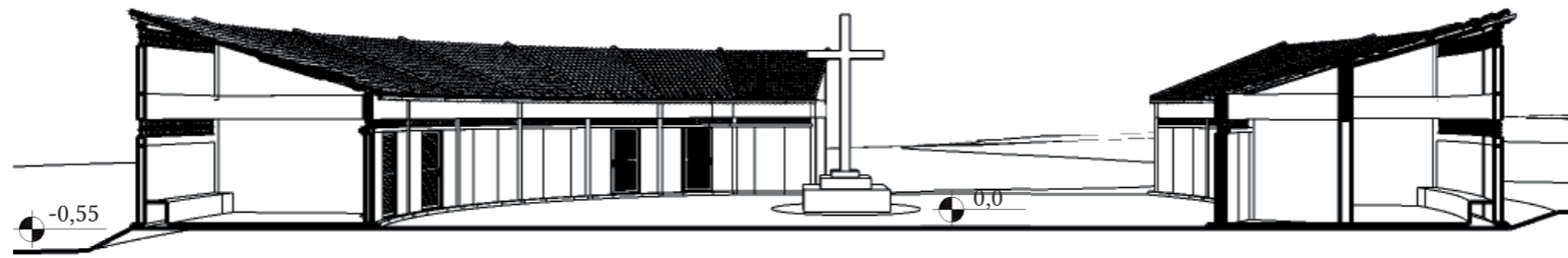
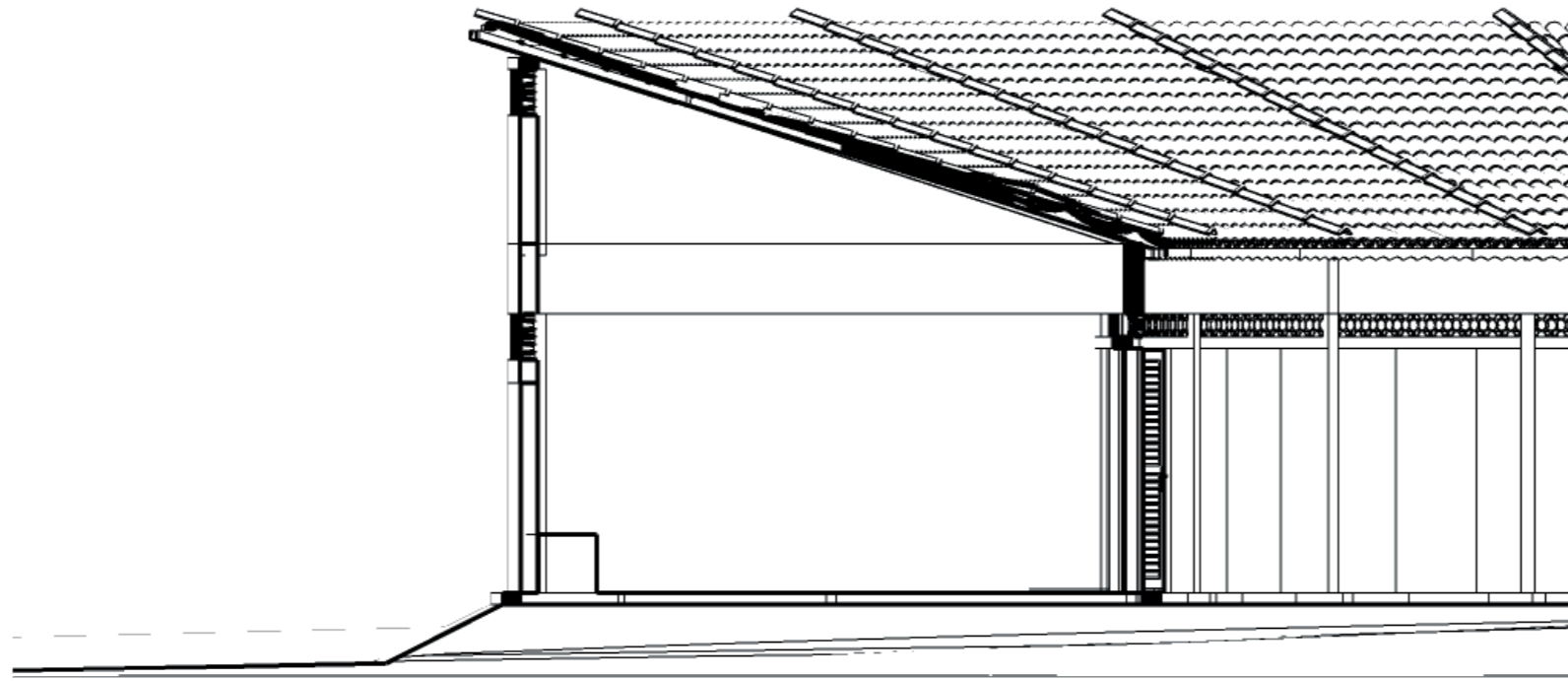
Figuras 113 e 114: Planta do quarto dos orixás e terreiro externo, seguido do quarto dos orixás e do terreiro externo das entidades.

Fonte: Autoria própria (2025).

1. terreiro externo
2. iroko
3. orixás - yabás e ibejis
4. orixás - oborós



1. terreiro externo
2. cruzeiro das almas
3. mestres e guardiões
4. entidades e encantados

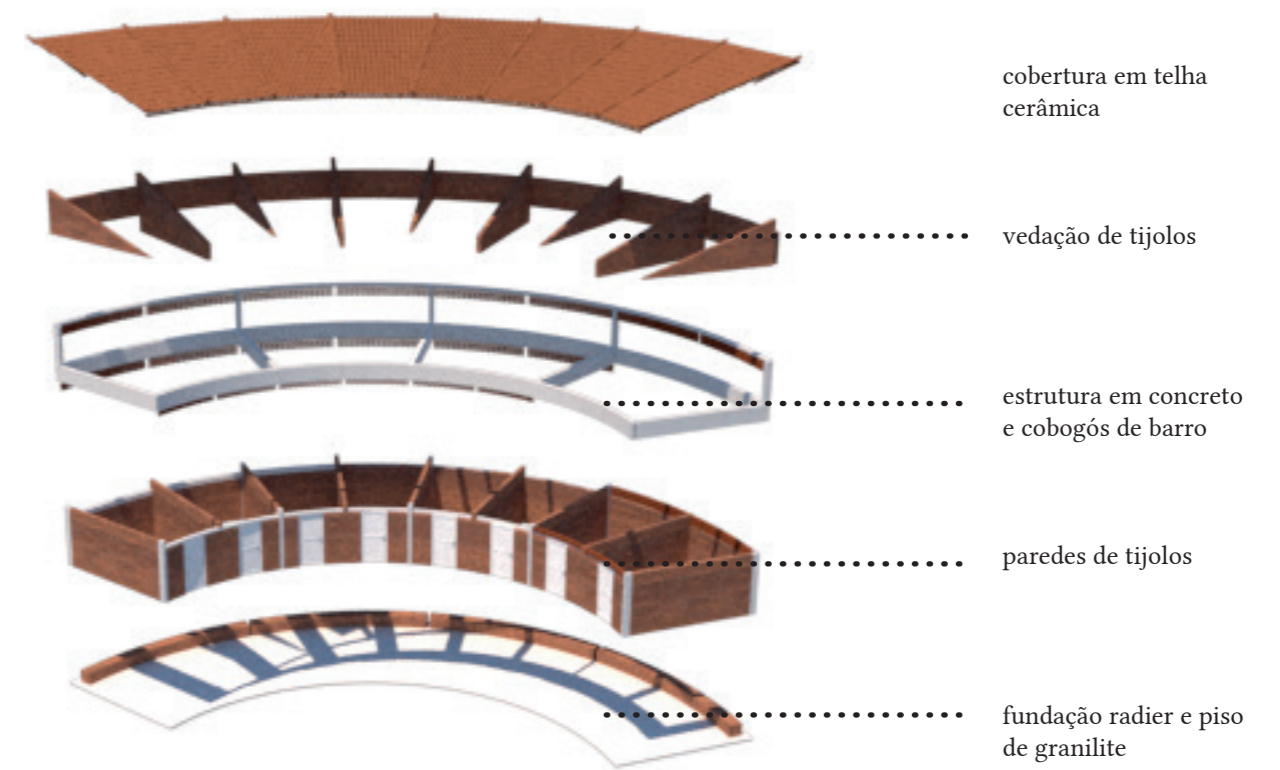


Figuras 115, 116 e 117: Cortes perspectivados do quarto dos santos, seguido do corte do terreno externo.

Fonte: Aatoria própria (2025).

Em ambos os lados, a materialidade é a mesma: fundação em radier, estrutura em concreto armado, vedação em tijolo, aberturas em cobogós e telha cerâmica de cobertura. Os cobogós estão dispostos tanto em cima do acesso, quanto paralelo a ele. Não há janelas nesses espaços, por isso a ventilação é fixa através dos cobogós, com padronagem que lembra uma renda. Por esses espaços não terem forro, seguem a inclinação natural do telhado, o que viabiliza que o ar quente suba com mais facilidade para o lado mais alto, mantendo o ambiente arejado.

Em relação aos terreiros externos, são espaços simples, com um círculo em chão batido, onde alguns festejos podem acontecer fora do salão, quando assim por possível e solicitado pelas entidades e orixás. No caso dos orixás, há espaço suficiente para eventos como a fogueira de Xangô, por exemplo, feito no período dos festejos juninos. Já no lado das entidades, mesmo sendo um espaço externo simples, foi utilizada a vegetação que representa as cidades encantadas da Jurema para delimitar essa espacialidade. Em forma de diretriz, no círculo do salão externo está disposto, ao meio, a árvore Jurema, e em volta do círculo principal, como se formassem uma barreira visual e de proteção espiritual, o Manacá, Vajucá, Junçá, Catucá, Aroeira e Angico. Formam esse círculo externo vegetativo, dispostas de modo que parecem cultuar a jurema, ao centro, assim como protegem e zelam dos que ali estão para a ritualística. Esses espaços são contato de forma direta com a terra, enquanto os salões fazem essa conexão afundando ligeiramente, tanto na água, quanto no solo.



Figuras 118: Diagrama explodido do edifício que comporta os quartos dos santos.

Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 119: Espaço dos quartos dos orixás.

Fonte: Autoria própria (2025).



Figura 120: Espaço do terreiro externo dos orixás. Imagem disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/AeF1mWTcql4ipjXoCN3-wTnZog_qS09pPTugYh3phlgDwJNGP-jZGAA/>.

Fonte: Autoria própria (2025).





Figura 121: Espaço dos quartos das entidades.

Fonte: Autoria própria (2025).

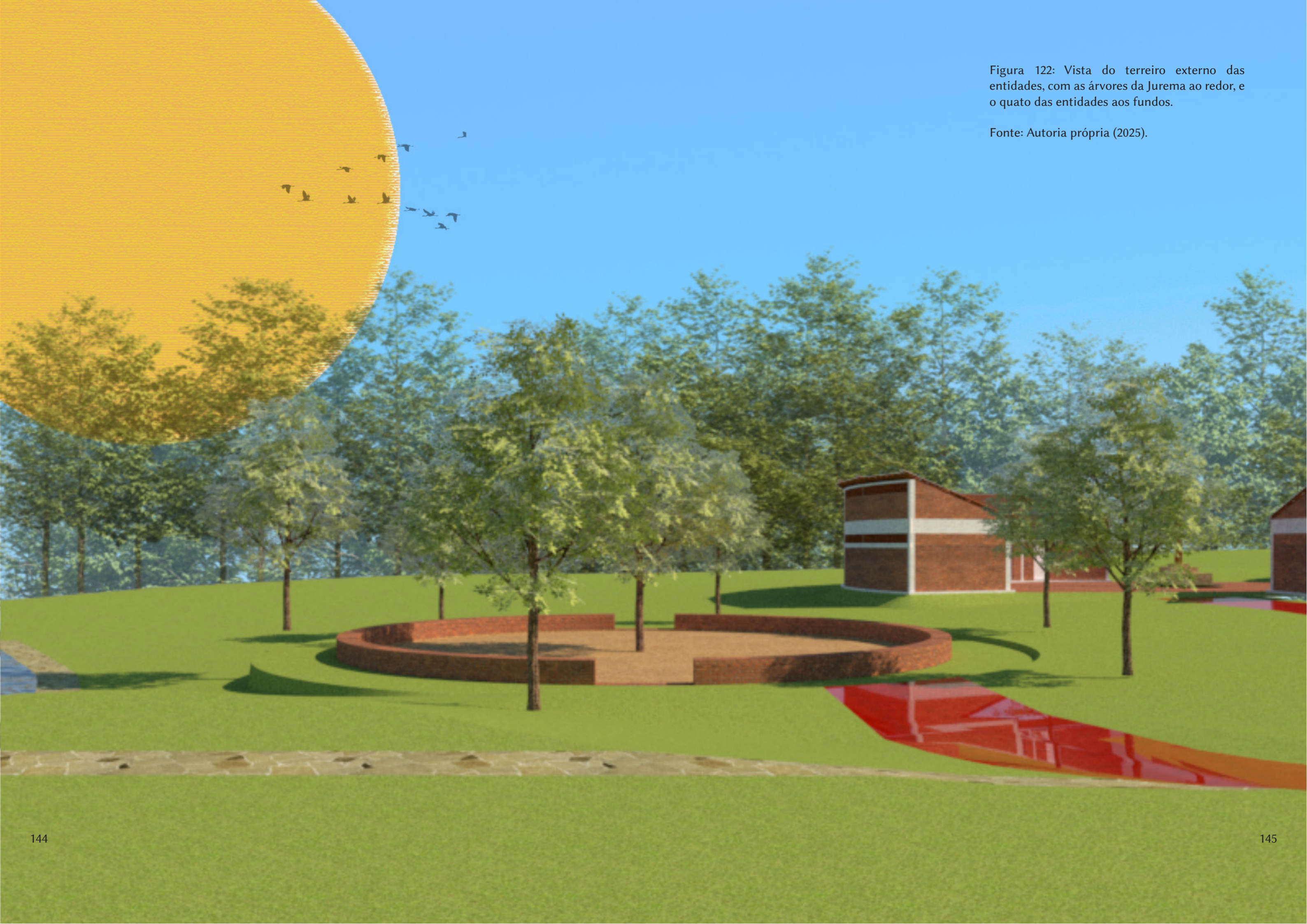


Figura 122: Vista do terreiro externo das entidades, com as árvores da Jurema ao redor, e o quato das entidades aos fundos.

Fonte: Autoria própria (2025).



Figura 123: Espaço do terreiro externo das entidades. Imagem disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/noticia/dia-municipal-do-carimbo-e-celebrado-com-ritmo-contagante-e-conquistas.ghtml>>.

Fonte: Autoria própria (2025).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que o tema abordado seja de extrema importância e serventia para o movimento negro, indígena e de axé, que possa trazer à tona discussões sobre a cultura e história do povo brasileiro, mantendo vivos todos os ensinamentos ancestrais, além de elucidar dúvidas acerca do tema abordado e ser ferramenta de combate contra a intolerância e racismo religioso através da educação. Além disso, espera-se que seja ainda uma forma de resistência à ocupação do centro de Brasília pela cultura afro-indígena, rompendo com a segregação existente e fomentando o debate acerca do tema.

Ao pensar nas ideias e expectativas iniciais, foi possível cumprir com o planejado, mesmo que em formato de diretriz, com exceção das entrevistas adicionais, já que não houve tempo hábil para realizá-las. O trabalho buscou dar enfoque para o espaço sagrado e as propostas necessárias, que em decorrência da demanda e aproveitamento do terreno, além de suas especificidades, demandaram tempo considerável para execução. Para trabalhos futuros, mantém-se vivo o desejo pela possibilidade de visita ao que hoje é o espaço físico do Clube do Servidor, entendimento de sua real situação e precariedade, e como, arquitetonicamente, poderia ser estruturado para receber este espaço cultural, e, por que não, sagrado.

Com este trabalho, foi possível ter acesso a diversos artigos, materiais e estudos sobre o tema, o que possibilitou perceber que é solo fértil e próspero, onde cada ponto e assunto citado detém todo um universo a ser explorado e descoberto. Houve também a oportunidade de visitar espaços sagrados, entender, no chão de terreiro, para além dos livros, como funcionam os cultos e os espaços, além de entender a visão

particular de cada um acerca da espiritualidade, história e arquitetura. Por fim, foi possível unir a arquitetura ao sagrado e honrá-lo. O trabalho mostrou ser possível criar bons espaços com técnicas e materiais acessíveis, que podem ser aplicados e adaptados para diferentes escalas, unindo o novo ao ancestral e trazendo dignidade não apenas para o povo de axé, mas também para as entidades e orixás.

Figura 124: Colagem de autoria própria (2025), imagem base de autor desconhecido (s/d).

Letra de Nelson Sargento, do samba “Agoniza mas não morre”. Imagens disponíveis em: <https://br.pinterest.com/pin/AeF1mWTcql4ipjXoCN3-wTnZog_qS09pPTugYh3phlgDwJNGP-jZGAA/>; <<https://br.pinterest.com/pin/23292123063870897/>>.

**SAMBA, AGONIZA MAS NÃO MORRE
ALGUÉM SEMPRE TE SOCORRE
ANTES DO SUSPIRO DERRADEIRO**

**SAMBA, NEGRO, FORTE, DESTEMIDO
FOI DURAMENTE PERSEGUIDO
NA ESQUINA, NO BOTEQUIM, NO TERREIRO**

**SAMBA INOCENTE, PÉ NO CHÃO
A FIDALGUIA DO SALÃO
TE ABRAÇOU, TE ENVOLVEU**

**MUDARAM TODA A TUA ESTRUTURA
TE IMPUSERAM OUTRA CULTURA
E VOCÊ NÃO PERCEBEU**



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROZO, Marcos. **Projeto da UnB entrega mapeamento de terreiros do Distrito Federal**. UnB Notícias, 2018. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/117-pesquisa/2244-projeto-da-unb-entrega-mapeamento-de-terreiros-do-distrito-federa>>. Acesso em: 01 de junho de 2025.

APOENA PRODUTORA AUDIOVISUAL. Yupirungáwa Tapajônica: **A Origem da Cerâmica**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Ik_MdN8kbQ>. Acesso em: 2 set. 2025.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**. Vol. 313. São Paulo: Companhia Editora Nacional., 1961.

Brasília: a cidade-sonho. Governo do Distrito Federal, 2015. Disponível em: <<https://www.df.gov.br/historia/>>. Acesso em: 01 de junho de 2025.

CANAL ALFA. DOCUMENTÁRIO - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qK92gIIQL0>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

CASAL DE MACUMBEIRO. **A Ciência dos Encantados - Jurema Sagrada**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AxbhCVQYOo>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

CAVALCANTE, Paulo Silgueiro. **Clube do Servidor: Revitalização**. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

Chão de Terreiro - Vivências e Saberes (minidocumentário). Direção e Roteiro: Nathan Rocha. Produção: Coletivo Cultural e Terreiro de Umbanda Mensageiro dos Ventos (TUMV). Fotografia: Dione Veloso. Morro do Chapéu, Bahia, Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z9tefxUZMhw>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

CHINI, Vanessa. **65 anos de Brasília e do urbanismo moderno**. UnB Notícias, 2025. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/artigos-main/7950-65-anos-de-brasilia-e-do-urbanismo-moderno>>. Acesso em: 01 de junho de 2025.

COELHO, Eduarda da Costa. **Do chão ao atabaque: uma introdução aos ritos da Jurema**. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

CTAV CENTRO TÉCNICO AUDIOVISUAL. **Orixá Ninú Ilê (Arte Sacra Negra 1)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hMTrOmnyV4o>>. Acesso em: 8 nov. 2025.

CULTURA DE JUREMA MÃE TELMA. **Ciência da Jurema Sagrada - Ervas Mediciniais**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p6un9J6Rmkl>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

CULTURA POPULAR BRASILEIRA. **CATIMBÔ - UM CULTO À JUREMA SAGRADA**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DYwtNEIXiag>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

DAIBERT JUNIOR, Robert. **Luzia Pinta: Experiências Religiosas Centro-Americanas e Inquisição no século XVIII**. Artigo - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

Documentário A dona do terreiro. Direção e Produção: Deisy Anunciação. Bahia, Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6wP1Tg8MF2l>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

DE SOUZA, Arthur. **Falta de arborização urbana afeta regiões fora do Plano Piloto**. Correio Braziliense, 07 de outubro de 2023. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/10/5131671-falta-de-arborizacao-urbana-afeta-regioes-fora-do-plano-piloto.html>>. Acesso em 30 de maio de 2025.

FILHO, Mário. **Tata Tancredo da Silva Pinto: pequena biografia**. Templo Espiritual Pantera Negra, 2010. Disponível em: <<https://templopanteranegra.com.br/tata-tancredo-da-silva-pinto-pequena-biografia-do-fundador-da-umbanda-omoloko/>>. Acesso em: 28 de maio 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama Censo 2022**. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>>. Acesso em 20 de novembro de 2025.

INDIO DO BRASIL, Cristina. **Ditadura invadiu terreiros e destruiu peças sagradas do candomblé**. Agência Brasil, 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-04/ditadura-invadiu-terreiros-e-destruiu-pecas-sagradas-do-candomble>>. Acesso em: 26 de maio de 2025.

LOPES, Nei. **A presença africana na música popular brasileira**. Academia do Samba, DOCUMENTÁRIOS, 2005. Disponível em: <<http://www.acemiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-172.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

Mapa das Desigualdades. Instituto de Estudos Socioeconômicos - INESC, Brasília, 2022.

MARCONDES DE MOURA, Carlos Eugênio. **Candomblé Ketu**. Portal Galedés, 18 de outubro de 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/candomble-ketu/>>. Acesso em: 17 de abril de 2025.

MARQUES, Estela. **“É preciso ensinar o respeito necessário ao candomblé” Entrevista com Makota Valdina**. Secretaria de Cultura do Estado da Bahia - SECULTBA, 22 de agosto de 2013. Disponível em: <<https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/47296/e-preciso-ensinar-o-respeito-necessario-ao-candomble-entrevista-com-makota>>. Acesso em: 17 de abril de 2025.

“Mesquita Zebun Nessa / Studio Morphogenesis” [Zebun Nessa Mosque / Studio Morphogenesis] 20 Mar 2024. ArchDaily Brasil. Acessado 26 Nov 2025. <<https://www.archdaily.com.br/br/1014405/mesquita-zebun-nessa-studio-morphogenesis>> ISSN 0719-8906

OLIVEIRA, João Batista Figueiredo de. **Assentamento da Jurema Sagrada: expressão de um conhecimento ancestral**. 2021. 192f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas, Letras e Artes) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Paróquia Sagrada Família. Coletivo ARQBR, 2022. Disponível em: <<https://arqbr.arq.br/paroquia-da-sagrada-familia/>>. Acesso em: 22 de outubro de 2025.

Patrimônio, RUA - Revista de Urbanismo e Arquitetura, Salvador, n° 08, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/issue/view/351>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Itan dos mais-velhos**. 2ed. Ilhéus: Editus, 2004.

PREFEITURA DE SÃO RAFAEL. **Documentário Jurema Sagrada Tradição e Fé**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eTPuF2pLlIU>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

SAUÁ FILMES. **Pena e Maracá - A Encantaria do Fundo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cman1gaUTn4>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

SANT'ANNA, Márcia Genésia. DEPROT, IPHAN. **Parecer N° 020/99**. 22 de abril de 1999. Brasília.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas; uma história do Brasil**. 9ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

RIEGER, Isabelle. **Tombamento de terreiros e quilombos pelo Iphan é ferramenta contra ameaças e conflitos de terra**. Nonada, 25 de outubro de 2023. Disponível em: <<https://www.nonada.com.br/2023/10/tombamentos-de-terreiros-e-quilombos-pelo-iphane-ferramenta-contra-ameacas-e-conflitos-de-terra/>>. Acesso em 18 de maio de 2025.

TV CULTURA. **Jurema Sagrada | Retratos de Fé**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nhjjo46wFgA>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

VIDAL, Laurent. **Capitais sonhadas, capitais abandonadas Considerações sobre a mobilidade das capitais nas Américas (séculos XVIII - XX)**. História (São Paulo), La Rochelle, Vol. 30, p. 3-36, 2011.

